



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

ANA ELIZABEHT FORNARA

**ASPECTOS DO BILINGUISMO *DEITSCH*-PORTUGUÊS EM
SAUDADES-SC E *TALIAN*-PORTUGUÊS EM NOVA ERECHIM-SC**

CHAPECÓ
2019

ANA ELIZABEHT FORNARA

**ASPECTOS DO BILINGUISMO *DEITSCH*-PORTUGUÊS EM
SAUDADES-SC E *TALIAN*-PORTUGUÊS EM NOVA ERECHIM-SC**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^ª. Dra. Cristiane Horst.

**CHAPECÓ
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108E
Centro, Chapecó, SC – Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Fornara, Ana Elizabeht
ASPECTOS DO BILINGUISTO DEITSCH-PORTUGUÊS EM
SAUDADES-SC E TALIAN-PORTUGUÊS EM NOVA ERECHIM-SC / Ana
Elizabeht Fornara. -- 2019.
147 f.

Orientadora: Doutora Cristiane Horst.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos-PPGEL, Chapecó, SC , 2019.

1. Línguas em contato. 2. Bilinguismo. 3. Grau de
domínio das habilidades linguísticas. 4. Função de uso
das línguas. 5. Oeste catarinense. I. Horst, Cristiane,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

ANA ELIZABEHT FORNARA

**ASPECTOS DO BILINGUISMO DEITSCH-PORTUGUÊS EM SAUDADES-SC
E TALIAN-PORTUGUÊS EM NOVA ERECHIM-SC**

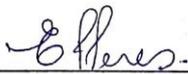
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 26/09/2019

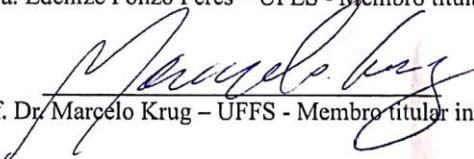
Orientadora: Prof^ª. Dra. Cristiane Horst

Aprovado em: 26/09/19

BANCA EXAMINADORA


Prof.^ª. Dra. Cristiane Horst – UFFS - Presidente da banca/orientadora


Prof.^ª. Dra. Edénize Ponzo Peres – UFES - Membro titular externo


Prof. Dr. Marcelo Krug – UFFS - Membro titular interno

Prof.^ª. Dra. Cláudia Finger-Kratochvil – UFFS - Membro suplente

Chapecó/SC, setembro de 2019

Roubar de um homem sua língua
é roubar-lhe seu sentido primário
e mais básico de identidade.

Ernst Pawel em *O pesadelo da razão: uma biografia*, de Franz Kafka

RESUMO

Esta dissertação objetiva descrever e analisar aspectos do bilinguismo *Deutsch*-português em falantes teuto-brasileiros, residentes em Saudades-SC, e *Talian*-português em falantes ítalo-brasileiros, residentes em Nova Erechim-SC. A análise do fenômeno linguístico seguirá os pressupostos de Mackey (1972), a fim de salientar dois aspectos do bilinguismo: os graus de competência nas quatro habilidades linguísticas e as funções nas quais essas línguas são utilizadas. Queremos, portanto, ter uma perspectiva do quão os falantes dominam suas variedades de imigração, se compreendem e falam, ou se também lêem e escrevem, ou se apenas compreendem e preferem não falar; e em quais momentos, contextos e situações as utilizam e com quais pessoas. O trabalho está embasado nos pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia pluridimensional e relacional (Thun, 1996, 2005, 2009, 2010) que contempla o espaço variacional em diferentes dimensões. Nesta pesquisa, consideramos as dimensões diatópica (Saudades-SC e Nova Erechim-SC), dialingual (*Deutsch*-português e *Talian*-português), diageracional (GII [55 anos ou mais] e GI [de 18 a 36 anos]), diastrática (Ca [com ensino superior ou mais] e Cb [nenhuma escolaridade até o ensino médio]), diassexual (masculino e feminino) e diafásica (questionário, conversa livre, caderno de campo e textos para leitura e escrita). Através da aplicação de parte do questionário metalinguístico do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (2013), adaptado à realidade dos informantes, e acrescido de parte do questionário de Lara (2017), entrevistamos oito informantes bilíngues em cada localidade. Para a testagem do bilinguismo, utilizamos, além do questionário, as técnicas de conversa livre, caderno de campo, texto para leitura e texto para escrita. A análise dos dados levou-nos a constatar que é mais comum os teuto-brasileiros se considerarem bilíngues na língua de imigração se comparados aos ítalo-brasileiros. Em relação ao grau de domínio das habilidades linguísticas nas línguas de imigração, constatamos que as habilidades mais desenvolvidas são as de fala e compreensão auditiva, mas que muitos informantes, em especial ítalo-brasileiros, tendem a desenvolver habilidades de leitura e escrita. No que concerne às funções de uso das línguas, percebemos que são os teuto-brasileiros que mais utilizam a língua de imigração com a família e nos espaços públicos. Traçam-se, assim, caminhos divergentes entre os grupos étnicos analisados. Enquanto os teuto-brasileiros mantêm mais o *Deutsch* no cotidiano através da oralidade, os ítalo-brasileiros iniciam uma trajetória rumo à formalização do *Talian* em Nova Erechim, propondo uma manutenção dessa língua através do ensino das habilidades de leitura e escrita.

Palavras-chave: Contatos linguísticos. Bilinguismo. Línguas de imigração. Grau de domínio linguístico. Função de uso das línguas.

ABSTRACT

This dissertation aims to describe and analyze aspects of German-Portuguese bilingualism in German-Brazilian speakers living in Saudades-SC, and Italian-Portuguese in Italian-Brazilian speakers living in Nova Erechim-SC. In order to highlight two aspects of this bilingualism: the degrees of competence in the four language skills and the functions for which these languages are used, we will analyze the linguistic phenomenon according to Mackey (1972). We, therefore, want to have a perspective on how well speakers master their immigration varieties, if they understand and speak, or if they also read and write, or if they just understand and prefer not to speak; and when, in what contexts and situations they use them and with whom. The work is based on the theoretical-methodological principles of the multidimensional and relational dialectology (Thun, 1996, 2005, 2009, 2010), which contemplates the variational space in different dimensions. In this research, we take into account the following dimensions: diatopic (Saudades-SC and Nova Erechim-SC), dialingual (German-Portuguese and Italian-Portuguese), diagerational (GII [55 years old] and GI [18 to 36 years old]), diastratic (Ca [with higher education or more] and Cb [with no schooling or schooling until high school]), diasexual (male and female) and diaphasic (questionnaire, free conversation, field notebook and text for reading and for writing). Through the application of part of the metalinguistic questionnaire of the *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* project (2013), adapted to the reality of the informants, plus part of Lara's questionnaire (2017), we interviewed eight bilingual informants in each community. In order to test bilingualism, in addition to the questionnaire, we used the techniques of free conversation, field notebook, reading and writing a text. The analysis of the data led us to find that it is more common for German-Brazilians to consider themselves bilinguals in the language of immigration, if compared to Italian-Brazilians. Regarding the degree of mastering language skills in immigration languages, we found that the most developed skills are speaking and listening, but many informants, especially Italian-Brazilians, tend to develop reading and writing skills. Concerning the functions for which the languages are used, we realized that it is the German-Brazilians who use the language of immigration within the family and in public spaces the most. Thus, there are divergent paths traced between the ethnic groups analyzed. While the German-Brazilians keep their immigration language using it more in their everyday life through orality, the Italian-Brazilians start a trajectory towards the formalization of their immigration language in Nova Erechim, proposing the maintenance of this language through the teaching of reading and writing skills.

Keywords: Language contacts. Bilingualism. Languages of immigration. Degree of linguistic mastery. Language use functions.

ZUSAMMENFASSUNG¹

Diese Dissertation zielt auf die Beschreibung und Analyse von Aspekten der Deutsch-Portugiesischen Zweisprachigkeit bei Deutsch-Brasilianisch sprechenden Personen, die Saudades-SC leben, und *talian*-portugiesisch bei Italienisch-Brasilianisch sprechenden Personen, die in Nova Erechim-SC leben. Die Analyse des sprachlichen Phänomens orientiert sich an dem Annahme von Mackey (1972), um zwei Aspekte dieser Zweisprachigkeit herauszustellen: die Kompetenzgrade in den viern Sprachkenntnissen und die Funktionen, in denen diese Sprachen verwendet werden. Wir möchten daher eine Perspektive haben, wie gut Sprecher ihre Einwanderungsvarianten beherrschen, ob sie verstehen und sprechen oder ob sie auch lesen und schreiben oder ob sie nur verstehen und es vorziehen, nicht zu sprechen, und zu welchen Zeiten, in welchen Kontexten und Situationen und mit welchen Menschen sie die Sprachen verwenden. Die Studie orientiert sich an den theoretisch-methodologischen Prinzipien der Multidimensionalen und Relationalen Dialektologie (Thun, 1996, 2005, 2009, 2010), die den Variationsraum in verschiedenen Dimensionen betrachtet. In dieser Studie berücksichtigen wir die folgenden Dimensionen: diatopisch (Saudades-SC und Nova Erechim-SC), dialingual (Deutsch-Portugiesisch und Italienisch-Portugiesisch), diagerationell (GII [55 Jahre] und GI [18 bis 36 Jahre] alt), diastratisch (Ca [mit Hochschulabschluss oder höher] und Cb [ohne Schulabschluss oder Schulabschluss bis zur High School]), diasexuell (männlich und weiblich) und diaphasisch (Quiz, freie Konversation, Notizbuch und Text zum Lesen und zum Schreiben). Durch Anwendung eines Teils des metalinguistischen Fragebogens des Projekts *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (2013), angepasst an die Realität der Informanten, plus eines Teils des Fragebogens von Lara (2017) haben wir acht zweisprachige Informanten in jedem Ort befragt. Um die Zweisprachigkeit zu testen, verwendeten wir neben dem Fragebogen die Techniken der freien Konversation, des Feldnotizbuchs, des Lesens und Schreibens eines Textes. Die Analyse der Daten ergab, dass Deutschbrasilianer sich, im Vergleich zu Italienischbrasilianer, häufiger als zweisprachig in der Einwanderungssprache betrachten. In Bezug auf den Grad der Beherrschung der Sprachkenntnisse in den Einwanderungssprachen, stellen wir fest, dass die am weitesten entwickelten Fähigkeiten das Sprechen und das Zuhören sind, aber viele Informanten, insbesondere Italienischbrasilianer, tendieren dazu, das Lesen und das Schreiben zu entwickeln. In Bezug auf die Sprachgebrauchsfunktionen, stellen wir fest, dass es die Deutschbrasilianer sind, die die Einwanderungssprache am häufigsten in den Familien und öffentlichen Räumen verwenden. Daher gibt es unterschiedliche Wege zwischen den untersuchten ethnischen Gruppen. Während die Deutschbrasilianer das *Deutsch* mehr im Alltag benutzen, beginnen die Italienischbrasilianer, in Nova Erechim, einen Weg zur Formalisierung des Italienischen und schlagen eine Aufrechterhaltung dieser Sprache durch das Lehren von Lesen und Schreiben vor.

Stichwörter: Sprachkontakte. Bilingualismus. Einwanderungssprachen. Grad der sprachlichen Beherrschung. Sprachgebrauchsfunktion.

¹ Este resumo foi traduzido para o alemão padrão.

RIASSUNTO²

Questa dissertazione obietta descrivere e analizzare gli aspetti del bilinguismo *deutsch*-portoghese nei parlanti teuto-brasiliani residenti a Saudades –SC, e l'italian-portoghese nei parlanti Italo-brasiliani residenti a Nova Erechim-SC. L'analisi del fenomeno linguistico seguirà i presupposti di Mackey (1972), con la finalità di evidenziare due aspetti del bilinguismo: i gradi di competenza nelle quattro abilità linguistiche e le funzioni nelle quali queste lingue vengono utilizzate. Vogliamo, quindi, avere una prospettiva di quanto i parlanti dominano le sue varianti di immigrazione se comprendono e parlano, o se anche leggono e scrivono o se appena capiscono e preferiscono non parlare; e in quali momenti, contesti e situazioni le utilizzano e con quali persone. Il lavoro si basa sui presupposti teorico metodologico della dialettologia multidimensionale e relazionale (Thun, 1996, 2005, 2009, 2010) che contempla lo spazio variazionale in differenti dimensioni. In questa ricerca, consideriamo le dimensioni diatopiche (Saudades-SC e Nova Erechim-SC) dialingual (*deutsch*-portoghese e *talian*-portoghese), diagenazionale (GII [55 anni o più] e GI [dai 18 ai 36 anni]), diastratica (Ca [con istruzione superiore o oltre] e Cb [nessuna istruzione fino al liceo]), diasessuale (maschio e femmina) e diafatico (questionario, conversazione libera, quaderno di ricerca e testi per la lettura e la scrittura). Applicando parte del questionario metalinguistico del progetto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (2013), adattato alla realtà degli informatori, e aggiungendo parte del questionario Lara (2017), abbiamo intervistato otto informatori bilingui in ciascuna località. Per la verifica del bilinguismo, abbiamo utilizzato, oltre al questionario, le tecniche di conversazione libera, quaderno di ricerca, testo per la lettura e testo per la scrittura. L'analisi dei dati ci ha portati a verificare che è più comune per i teuto-brasiliani considerarsi bilingue nella lingua d'immigrazione rispetto agli italo-brasiliani. Per quanto riguarda il grado di padronanza delle competenze linguistiche nelle lingue di immigrazione, si è verificato che le abilità più sviluppate sono parlare e ascoltare, ma molti informatori, in particolare italo-brasiliani, tendono a sviluppare capacità di lettura e scrittura. Mentre i teuto-brasiliani mantengono il *deutsch* più nella vita quotidiana attraverso l'oralità, gli italo-brasiliani iniziano un percorso verso la formalizzazione del *talian* a Nova Erechim, proponendo un mantenimento di questa lingua attraverso l'insegnamento delle abilità di lettura e scrittura.

Parole chiave: contatti linguistici. Bilinguismo. Lingue di immigrazione. Grado di padronanza linguistica. Funzione di uso delle lingue.

² Este resumo foi traduzido para o italiano padrão.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALCF – Atlas das Línguas em Contatos na Fronteira

ALCF: OC – Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense

ALMA-H – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata -
Hunsrückisch

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

Ca – Classe Alta

CaGII-F – Classe alta; Geração II; Feminino

CaGII-M – Classe alta; Geração II; Masculino

CaGI-F – Classe alta; Geração I; Feminino

CaGI-M – Classe alta; Geração I; Masculino

Cb – Classe Baixa

CbGII-F – Classe baixa; Geração II; Feminino

CbGII-M – Classe baixa; Geração II; Masculino

CbGI-F – Classe baixa; Geração I; Feminino

CbGI-M – Classe baixa; Geração I; Masculino

CEP – Conselho de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

ESCRITHU – Sistema de Escrita do *Hunsrückisch*

F – Informante do sexo feminino

GI – Geração I

GII – Geração II

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

M – Informante do sexo masculino

RCI – Região de Colonização Italiana

ROM – *Rural Old Man*

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Região de origem dos imigrantes italianos.....	25
FIGURA 2: Região de origem dos imigrantes alemães	27
FIGURA 3: Mapa dos municípios da microrregião de Chapecó-SC, com destaque para os municípios de Saudades-SC e Nova Erechim-SC	34
FIGURA 4: Esquema variacional e disciplinas da variação.....	66
FIGURA 5: Dimensões da Dialetoologia Pluridimensional	67
FIGURA 6: Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais.....	69
FIGURA 7: Distribuição dos informantes nos municípios de Saudades-SC e Nova Erechim-SC.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Variedades de línguas minoritárias no Oeste Catarinense registradas a partir da análise dos históricos presentes nos sites das 76 prefeituras municipais e no IBGE.....	33
GRÁFICO 2: Frequência do uso da variedade de imigração em Saudades e Nova Erechim	119
GRÁFICO 3: Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Nova Erechim.....	122
GRÁFICO 4: Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Saudades	123
GRÁFICO 5: Uso das línguas por parte dos informantes masculinos de Nova Erechim, em diferentes ocasiões	126
GRÁFICO 6: Uso das línguas por parte das informantes do sexo feminino de Nova Erechim, em diferentes ocasiões	127
GRÁFICO 7: Uso das línguas por parte dos informantes masculinos de Saudades, em diferentes ocasiões	128
GRÁFICO 8: Uso das línguas por parte das informantes femininas de Saudades, em diferentes ocasiões.....	129

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: As quatro competências linguísticas básicas	52
QUADRO 2: Respostas à pergunta: “Você se considera bilíngue?”	76
QUADRO 3: Respostas dadas à pergunta: “Quais línguas você fala?”	78
QUADRO 4: Respostas à pergunta: “Qual língua você aprendeu primeiro?”	79
QUADRO 5: Respostas dadas à pergunta: “Como aprendeu o português?”	82
QUADRO 6: Comportamento dos informantes em relação à escrita	87
QUADRO 7: Percepção dos informantes em relação à habilidade de escrita nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim	89
QUADRO 8: Comportamento dos informantes em relação à leitura	95
QUADRO 9: Percepção dos informantes em relação à habilidade de leitura nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim	96
QUADRO 10: Percepção dos informantes em relação à habilidade de fala nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim	105
QUADRO 11: Comportamento dos informantes em relação à fala	102
QUADRO 12: Comportamento dos informantes em relação à compreensão auditiva	108
QUADRO 13: Percepção dos informantes em relação à habilidade de compreensão auditiva nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim	109
QUADRO 14: Correlação dos dados relacionados à percepção dos informantes acerca do próprio domínio das habilidades linguísticas	113
QUADRO 15: Correlação dos dados relacionados ao comportamento dos informantes nas habilidades linguísticas.....	113
QUADRO 16: Respostas dadas à pergunta “Que língua costuma falar com a família?”	114
QUADRO 17: Respostas dadas à pergunta “De modo geral, costuma falar mais na língua de imigração ou no português?”	117

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: A IMIGRAÇÃO E O POVOAMENTO DO OESTE CATARINENSE	24
2.1 BREVE RETROSPECTIVA DA IMIGRAÇÃO EUROPEIA DO SÉCULO XIX.....	24
2.2 A IMIGRAÇÃO DE ITALIANOS E ALEMÃES	25
2.3 A CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO OESTE CATARINENSE	29
2.3.1 O município de Saudades.....	35
2.3.2 O município de Nova Erechim	37
3 REFERENCIAL TEÓRICO	40
3.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: DEFININDO NOÇÕES E CONCEITOS	40
3.2 CONTATOS LINGUÍSTICOS	43
3.2.1 A sócio-história dos contatos linguísticos	44
3.2.2 Contatos linguísticos no Brasil	46
3.3 BILINGUISMO	50
3.3.1 Bilinguismo individual	52
3.3.2 Bilinguismo social e multilinguismo.....	56
3.4 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA	58
3.6 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	64
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	71
4.1 DIMENSÕES ANALISADAS	71
4.2 PERFIL DOS INFORMANTES	72
4.3 COLETA, SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS	73
5 ANÁLISE DOS DADOS	75
5.2 GRAU DE BILINGUISMO.....	83
5.2.1 Escrita.....	83
5.2.2 Leitura	95
5.2.3 Fala.....	101
5.2.4 Compreensão auditiva.....	107
5.2.5 Correlação dos dados relacionados às habilidades linguísticas	112
5.3 FUNÇÕES DE USO DAS LÍNGUAS	114
5.3.1 Com quem	114

5.3.2 Quando	118
5.3.3 Onde.....	120
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é diverso em sua constituição étnica e, conseqüentemente, linguística. Ao longo dos anos, juntaram-se aos falantes de línguas indígenas, imigrantes e descendentes de imigrantes europeus, africanos, asiáticos, entre outros. Não destoa desse mosaico étnico-linguístico o período que vivemos atualmente, com a chegada de imigrantes e refugiados, em especial, haitianos, senegaleses, venezuelanos e sírios. Esses diferentes grupos caracterizam-se por manter, dentre os diversos aspectos culturais, as suas línguas de origem.

Embora muitos discursos tentem legitimar a unidade e a homogeneidade linguística do Brasil, o contato que o português, língua majoritária e oficial, estabelece com diversas outras línguas acaba refletindo a diversidade linguística e o plurilinguismo existentes em nosso país.

O contato entre esses povos e, conseqüentemente, entre suas línguas e o português, resulta no bilinguismo/multilinguismo. Esse bilinguismo evidencia a relação entre grupos minoritários, falantes de línguas consideradas minoritárias³, que se encontram entre uma maioria, falante de uma língua majoritária. Há, portanto, uma relação assimétrica de poder entre essas línguas, com o predomínio de uma relação à outra. Como resultado, podem surgir crenças e atitudes linguísticas favoráveis ou desfavoráveis em relação às línguas, manutenção ou perda linguística e do bilinguismo, preconceitos e estigmatizações.

O Oeste Catarinense, região na qual se concentra nossa pesquisa, é constituído por diversas comunidades bilíngues, a destacar as comunidades indígenas, polonesas, alemãs e italianas. De acordo com dados do IBGE e das prefeituras municipais, levantados por Horst, Fornara e Krug (2017), em todos os municípios da região oeste encontramos, além do português, ao menos mais uma língua minoritária sendo utilizada. Em cerca de 80% dos municípios do oeste de Santa Catarina, essa língua minoritária corresponde a variedades do italiano e do alemão, sendo que em diversas localidades ambas encontram-se em uso.

Os municípios que farão parte dessa pesquisa são Saudades-SC e Nova Erechim-SC. O município de Saudades foi colonizado nos anos de 1930 e possui 9.016

³ Nomeamos de línguas minoritárias aquelas faladas por grupos de pessoas em um país que tem por oficial uma língua diferente. (FERRAZ, 2007).

habitantes (IBGE, 2010), sendo a sua maioria descendentes de alemães que mantêm diversos aspectos da cultura alemã, incluindo o linguístico, uma vez que o português falado localmente convive com uma variedade local do alemão, reconhecida pelos falantes como *Deitsch*.

Deitsch é um dos termos utilizados pelos próprios falantes para nomear a variedade do alemão que falam. De acordo com Meyer (2009), convencionou-se chamar de *Deitsch* a variedade que possui traços mais distantes do alemão padrão – o *Hochdeutsch*⁴. Ressalta-se, então, que optamos por utilizar o termo *Deitsch* para nomear a variedade do alemão falada localmente porque é assim que a maioria dos falantes/informantes nomeiam sua língua. Também, não utilizamos o termo *Hunsrückisch*, que é convencionado por Altenhofen (2002, 2004, 2011, 2013). O *Hunsrückisch* seria como equivalente ao *Deitsch*, isto é, uma variedade falada localmente e que apresenta traços mais dialetais. Neste trabalho, não utilizamos esta terminologia porque os informantes entrevistados não a reconhecem, logo, não a utilizam para nomear a língua que falam.

O município de Nova Erechim, por sua vez, foi colonizado a partir de 1947 e possui 4.275 habitantes (IBGE, 2010), com a predominância de descendentes de italianos que também mantêm uma variedade do italiano, popularmente conhecida como *Talian*, sendo que esta também convive com o português local. De acordo com Luzzatto (2004), a grande maioria dos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil pertenciam à região do Vêneto (em menor escala vieram Lombardos, Trentinos, Friulanos, Bergamascos, etc), todos falantes de suas respectivas variedades linguísticas. No Brasil, com o passar dos anos, essas variedades foram se interfluenciando e assim surgiu uma *coiné*, na qual se manteve a predominância da variedade com maior número de falantes, o vêneta, logo, uma *coiné* de base vêneta, popularmente conhecida como *Talian*.

Desta forma, trabalharemos com dois municípios que, embora possuam culturas distintas e línguas minoritárias distintas (uma derivada do alemão e outra do italiano), compartilham diversas semelhanças, em especial, econômicas e geográficas. É a relação desses diversos aspectos, acentuada pelos contatos linguísticos, que torna esse um cenário rico para a análise linguística.

⁴ Veremos ao longo desta pesquisa que alguns informantes teuto-brasileiros de Saudades se consideram falantes da variedade *Deutsch*. Enquanto o *Deitsch* apresenta características [+dialetal], o *Deutsch* apresenta características [+padrão], por isso algumas de suas variáveis convergem com traços do alemão padrão, sendo esta uma variedade associada a variantes de maior prestígio.

Nesta pesquisa estaremos centradas no bilinguismo *Deutsch*-português e *Talian*-português. Contudo, a primeira questão que surge e a que tentaremos responder ao longo deste trabalho é de que forma podemos pensar nesse bilinguismo, ou melhor, de que forma podemos descrevê-lo, se estamos considerando o contato entre uma língua que é majoritária e oficial, o português, e línguas minoritárias, que são essencialmente orais e utilizadas predominantemente no lar?

A fim de responder a esta questão, o **objetivo geral** desta pesquisa é descrever o bilinguismo de falantes *Deutsch*-português, no município de Saudades-SC, e *Talian*-português, no município de Nova Erechim-SC, considerando o grau de domínio das quatro habilidades linguísticas e as funções de uso aos quais as línguas são expostas. Ora, para isso é necessário que aclaremos o conceito de bilinguismo que utilizaremos aqui.

O bilinguismo, de maneira bem geral, costuma estar associado ao aprendizado de uma língua estrangeira, a uma prática de prestígio e de elite. Todavia, o tipo mais recorrente de bilinguismo, aquele que segundo Romaine (1995) é a regra e não a exceção, é o que envolve o contato entre línguas minoritária e majoritária no mesmo espaço. Neste caso, concebemos o bilinguismo como um fenômeno relativo e dinâmico, sendo a capacidade individual de utilizar de forma alternada duas ou mais línguas. (MACKEY, 1972).

Para Mackey (1972) e Grosjean (2008), o bilíngue utiliza as suas línguas para diferentes propósitos, com diferentes pessoas e em diferentes domínios da vida. Logo, se as necessidades e os usos linguísticos são diferentes, é compreensível que o domínio e a fluência do indivíduo não seja igual em ambas as línguas.

Ao propormos uma descrição do bilinguismo que dê conta dos graus de competência nas quatro habilidades linguísticas e das funções nas quais as línguas são utilizadas, tentaremos traçar uma perspectiva do quão os falantes dominam essas línguas de imigração, se compreendem e falam, ou se também leem e escrevem, ou se apenas compreendem e preferem não falar; e em quais momentos, contextos e situações as utilizam e com quais pessoas.

Esse nosso interesse central está diretamente relacionado à constituição, configuração e desenvolvimento das comunidades bilíngues nas quais encontram-se línguas em contato. Em especial no sul do Brasil, onde as colônias de imigrantes já estavam assentadas, o modelo de colonização homogênea e a estrutura social e econômica minifundiária garantiram as condições necessárias para a reprodução das

línguas de imigração, em especial do *Deitsch* e do *Talian*. Por um longo tempo, as línguas de imigração foram adotadas como veículo principal, ou até mesmo único, de comunicação dentro dessas comunidades. Contudo, entre 1937 e 1945, no Estado Novo, o então presidente Getúlio Vargas proibiu o uso de línguas de imigração em território brasileiro, como forma de legitimar e forçar o uso do português como língua comum. A partir desse momento histórico, o conceito de crime idiomático passou a gerar uma repressão linguística. De acordo com Oliveira (2000)

Durante o Estado Novo, mas sobretudo entre 1941 e 1945, o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas, instaurando uma atmosfera de terror e vergonha, que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas [...].

Oliveira (2000) destaca também que essas línguas foram perdendo sua forma escrita e seu lugar nas cidades, passando seus falantes a usá-las apenas oralmente e cada vez mais na zona rural, em âmbitos comunicacionais cada vez menos extensos. Todas essas medidas geraram sequelas profundas nos imigrantes e seus descendentes que em sua maioria foram substituindo suas línguas maternas pelo português.

Felizmente, essa política linguística monolingualizadora não foi capaz de acabar com todos os traços da cultura dos imigrantes, diversos aspectos culturais resistem até hoje, incluindo a língua. Pesquisas já desenvolvidas na região, dentre as quais podemos citar Scholtz (2014), Wolschick (2016), Wehrmann (2016), Bernieri (2017), Frizzo (2017), Hasselstron (2017), Wepik (2017), e Matozo (2018), mostram que as culturas de imigrantes alemães, italianos, poloneses, ucranianos e indígenas ainda são bastante fortes, com festas e atividades típicas e com o uso das respectivas línguas de imigração, embora esse uso se limite quase sempre ao âmbito familiar.

Diante do que foi exposto, argumentamos que não há simetria ou equilíbrio no que diz respeito ao bilinguismo *Deitsch*-português e *Talian*-português no Oeste Catarinense. Conforme apontam as pesquisas acima mencionadas, as línguas de imigração, não obstante ainda utilizadas, tiveram seus domínios de uso restringidos, enquanto o português é a língua de domínio público e que conta com um ensino formalizado. Buscaremos, ao longo dessa pesquisa, através de dados empíricos, lançar luz sobre essas proposições, reforçando-as ou refutando-as.

Para isso, contaremos com os seguintes objetivos específicos, que auxiliarão na análise do bilinguismo *Deutsch*-português e *Talian*-português através das dimensões: dialingual (diferentes línguas), diastrática (escolaridade e *status* social), diageracional (faixa etária), diassexual (sexo) e diafásica (diferentes estilos). Organizamos os objetivos relacionando-os com suas respectivas hipóteses:

	Objetivo Específico	Hipótese
1	Apresentar a impressão dos informantes sobre a sua própria condição bilíngue.	Ao serem questionados sobre seu bilinguismo (“você é bilíngue?”), acreditamos que os informantes neguem a sua condição bilíngue. Isso porque ainda se perpetua uma concepção de que bilíngue é apenas aquele que domina igualmente duas línguas e que desenvolve todas as habilidades linguísticas em cada uma delas. Além disso, os falantes costumam rotular a língua de imigração como um <i>dialeto</i> , uma <i>língua misturada</i> , <i>torta</i> , um <i>jeito de falar errado e feio</i> . De acordo com Altenhofen (2004), essa valoração depreciativa direcionada às línguas de imigração faz com que muitos não a percebam como uma língua, e prefiram não mencioná-las como parte do seu rol linguístico, intitulando-se, portanto, como monolíngues.
2	Contrastar, sob o enfoque da dimensão dialingual (<i>Deutsch</i> e <i>Talian</i> no contato com o português), as funções de uso, ou seja, quando, com quem e onde os informantes pertencentes a essas etnias utilizam cada uma de suas línguas.	Com base em pesquisas já realizadas, tais como Krug (2004), Horst e Krug (2015), Bernieri (2017) e Hasselstron (2017), percebe-se que a situação do contato e, conseqüentemente, o bilinguismo nos grupos de ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros é diferente. Inferimos que o grupo alemão possa utilizar com mais frequência e em mais contextos o <i>Deutsch</i> se comparado ao grupo italiano, apresentando, inclusive, maior prestígio e manutenção do <i>Deutsch</i> . De acordo com Altenhofen (2011), são algumas variáveis extralinguísticas que incidem sob essa hipótese, como o tempo (da imigração e da formação das colônias), a origem dos imigrantes (se vindos diretamente do país de origem ou de colônias já formadas em território brasileiro), o suporte institucional (presença de espaços para ensino do alemão padrão ou da variedade), a diversidade étnica (contato com imigrantes pertencentes a outros grupos étnicos), etc. Para além das diferenças de funções de uso entre um grupo e outro, levantamos a hipótese de que as línguas de imigração estejam mais restritas ao ambiente familiar, sendo o português a língua adotada para as mais diferentes situações, uma vez que é a língua oficial.
3	Averiguar, a partir da dimensão diageracional , se o bilinguismo é mais evidente nas gerações mais	Na dimensão diageracional , esperamos que a GII (geração com mais de 55 anos) tenha um maior domínio da língua de imigração e a utilize em mais espaços se comparada à GI (geração entre 18 e 36 anos), e isso

	velhas ou nas gerações mais novas.	decorre do uso cada vez maior da língua majoritária e oficial, o português, por parte da geração mais jovem. As motivações para esse processo de substituição linguística são variadas, Horst (2014) cita a percepção de que as crianças devem aprender cedo o português, uma vez que se julga a língua minoritária como um empecilho ou um prejuízo. Já Krug (2004) e Horst e Krug (2015) comentam sobre a estigmatização da língua minoritária que faz com muitos jovens deem preferência à variedade dominante, visto ser mais prestigiada. Ainda, acreditamos que muitos informantes da GI possuam uma competência oral passiva, ou seja, compreendem a língua de imigração, mas tem dificuldade para expressar-se nela.
4	Inferir como a escolaridade, ou seja, a dimensão diastrática , influencia no bilinguismo dos informantes.	Na dimensão diastrática , acreditamos que a Cb (classe baixa – menos escolaridade) possa utilizar a língua de imigração em mais oportunidades do que a Ca (classe alta – mais escolaridade). Isso porque na Cb encontramos pessoas que frequentaram a escola por pouco tempo, ou, no caso de falantes mais velhos, nem chegaram a frequentar, e não tiveram a oportunidade de aprender formalmente o português. Logo, sentem-se mais à vontade utilizando a língua de imigração. Além disso, segundo Labov (2008), dada uma associação de prestígio, português - língua oficial, é possível que os informantes com maior escolaridade procurem utilizar mais o português, visto ser esta a língua considerada padrão.
5	Comparar, segundo a dimensão diasssexual , o bilinguismo de homens e mulheres.	Na dimensão diasssexual , pressupomos que são os homens os que utilizam mais a língua de imigração, enquanto as mulheres tendem a utilizar mais o português para as mais diversas funções. De acordo com Chambers e Trudgill (1994), o padrão normal é de as mulheres utilizarem um menor número de formas desprestigiadas se comparadas com os homens. Não obstante esse padrão, estudos como o de Horst (2011) e outros já desenvolvidos em contextos de imigração mostram um equilíbrio entre homens e mulheres no que tange ao uso de línguas minoritárias e majoritárias em situação de contato.
6	Apurar, a partir da dimensão diafásica , ou seja, através de conversa livre, questionário, texto para leitura e escrita, as competências oral, auditiva, de escrita e de leitura dos informantes.	No que concerne às competências linguísticas, sustentamos que a competência oral e a auditiva são as mais utilizadas e desenvolvidas pelos informantes, uma vez que as línguas de imigração são essencialmente orais. Pesquisas como a de Wepik (2016) e Bernieri (2017) confirmaram este cenário. Contudo, é possível que alguns informantes, em especial teuto-brasileiros, tenham desenvolvidas também as competências de escrita e leitura no alemão padrão em decorrência de um processo de ensino que ocorreu no início do processo imigratório, com a construção de escolas e igrejas alemãs. Nesse caso, o que reverbera é a diferenciação entre alemão padrão e

		alemão local (<i>Hochdeutsch/Deitsch</i>), uma vez que o alemão local terá destaque na oralidade – fala e compreensão – mas na leitura e na escrita normalmente não.
--	--	--

A presente pesquisa afina com as bases teórico-metodológicas da Dialectologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1996, 2005, 2009, 2010), bases essas que nos fornecem as dimensões supracitadas e que serão especificadas no item 3 deste trabalho. O princípio da pluridimensionalidade permite que investiguemos fenômenos linguísticos não apenas no espaço geográfico, mas de modo a contemplar também as dimensões sociais da mudança linguística. Evita-se, portanto, a perspectiva monodimensional dos estudos dialetológicos que projetam uniformidade e estabilidade linguística.

De modo a seguir os pressupostos metodológicos da dialectologia pluridimensional e relacional, contamos com dados empíricos provenientes de pesquisas de campo. Foram selecionados e entrevistados oito informantes ítalo-brasileiros do município de Nova Erechim-SC e oito informantes teuto-brasileiros do município de Saudades-SC, totalizando dezesseis informantes. A fim de alcançar nossos objetivos, nas entrevistas foi aplicado o questionário metalinguístico de Krug (2013), pertencente ao projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF). Este questionário é composto por questões objetivas e descritivas que tecem um panorama acerca do bilinguismo e da identidade linguística dos entrevistados, além da possibilidade de conter textos para leitura e para escrita. Mais explicações sobre os informantes e o método de coleta de dados serão encontradas no item 4.

Esta pesquisa está inserida no projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC) que, por sua vez, está inserido em um projeto maior Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF). Estes projetos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 20380713.2.0000.5564, e são orientados pelos professores Marcelo Krug e Cristiane Horst, da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Uma das motivações para a realização desta pesquisa é de cunho pessoal. A pesquisadora nasceu e cresceu na zona rural de Coronel Freitas-SC, em uma

comunidade na qual era e ainda é comum o uso de uma língua de imigração, o *Talian*. Seus pais são falantes dessa variedade e ainda costumam utilizá-la em diversas situações cotidianas. Mesmo sem tanta fluência, a autora também aprendeu a falar o *Talian*. Atualmente reside em Chapecó-SC, município que concentra e está rodeado de comunidades bilíngues. Apesar de tamanha diversidade, é cada vez mais difícil ouvir pessoas, em especial crianças e jovens, falando o *Deitsch* e o *Talian*.

Quando questionadas, muitas pessoas costumam dizerem-se orgulhosas da língua de imigração que falam. Dizem também querer que essas línguas sejam mantidas pelas futuras gerações. Contudo, a prática de transmissão linguística aos mais jovens está se tornando cada vez menos frequente e cada vez mais as crianças utilizam exclusivamente o português.

É perceptível também a necessidade de trazer à discussão temas, como o bilinguismo, como forma de conscientização linguística e de valorização de um patrimônio cultural imaterial. Falar sobre línguas não é falar apenas sobre formas de comunicação, é falar, sobretudo, de cultura, de história, de identidade. É neste sentido que trabalhos como esse podem auxiliar num processo gradual de manutenção e revitalização das línguas minoritárias que, infelizmente, encontram-se à margem da sociedade.

Com o intuito de melhor apresentar os assuntos desenvolvidos nesta pesquisa, optamos por organizá-la em cinco partes: a) no capítulo dois, será feita uma contextualização da pesquisa, descrevendo as comunidades em que os dados foram coletados; b) no capítulo três, será apresentada a fundamentação teórica da pesquisa, explanando sobre alguns conceitos básicos, tais como os contatos linguísticos, o bilinguismo, a manutenção e a substituição linguística, a identidade linguística, bem como a dialetologia pluridimensional e relacional; c) no capítulo quatro serão apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, ou seja, quais são as dimensões de análise selecionadas, como se dá a seleção dos informantes e quais são os instrumentos de coleta de dados; d) no capítulo cinco faremos a descrição e a análise dos dados coletados em pesquisa de campo; e) e, por fim, teceremos as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: A IMIGRAÇÃO E O POVOAMENTO DO OESTE CATARINENSE

Neste capítulo, faremos considerações acerca do processo histórico que desencadeou na imigração de italianos e alemães para o Brasil, mais especificamente para a região sul, com ênfase ao Oeste Catarinense. Também, explanaremos sobre a formação e a atual constituição dos municípios que compõem os pontos de coleta de dados dessa pesquisa.

2.1 BREVE RETROSPECTIVA DA IMIGRAÇÃO EUROPEIA DO SÉCULO XIX

O fenômeno imigratório europeu, segundo Werlang (1992), esteve ligado às transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram com a expansão do capitalismo e as novas formas de produção por ele adotadas.

Na Itália e na Alemanha do século XIX vivia-se um quadro desolador. Margotti (2004) comenta que os camponeses recebiam terras para trabalhar mediante a entrega de um terço daquilo que colhiam aos seus proprietários. Cada família recebia no máximo um pequeno pedaço de terra para trabalhar, o que se revelava insuficiente para o sustento de toda uma família. Dessa forma, o campo estava superpovoado e as cidades não conseguiam absorver tantas pessoas, uma vez que as indústrias estavam apenas começando a surgir.

A solução que prosperou, de acordo com Margotti (2004), foi a imigração em grande escala, com os mais pobres rumando para novos países. O Brasil foi um dos países que recebeu milhares de imigrantes italianos e alemães. Aqui, vigorava uma política de substituição de mão-de-obra escrava em especial das fazendas de café e a criação de núcleos destinados à produção de gêneros para o mercado interno, garantindo, inclusive, a ocupação do território.

Margotti (2004) esclarece que o governo brasileiro fazia altas apostas em propagandas a fim de difundir a criação de núcleos coloniais de pequenos proprietários, ao mesmo tempo em que os primeiros imigrantes a chegar ao Brasil propagavam as vantagens da América para os seus conhecidos, incentivando novas imigrações. Assim foi se motivando e disseminando o que hoje conhecemos por *sonho americano*.

Os imigrantes dirigiam-se, em sua maioria, às regiões Sul e Sudeste, em um momento que era de consolidação do Estado Republicano (1889-1930), e no qual existia uma forte preocupação com a imagem nacional, ancorada na questão da formação do povo. Povo este que já era constituído por africanos que haviam sido escravizados e indígenas. Todavia, existia um preconceito com o modo de vida, crenças religiosas e tradições desses povos, o que levou à busca de novos trabalhadores, agora livres e europeus. Spessato (2001) lembra que também se buscava a ocupação dos chamados vazios demográficos, isto é, terras ocupadas por indígenas, mas desocupadas no olhar do Estado, uma vez que estes não produziam excedentes.

Spessato (2001) também comenta que a imigração atendia à expectativa de mudanças físicas da população brasileira e da reforma moral da sociedade. Tratava-se de uma estratégia para o “branqueamento” da sociedade. O imigrante branco e europeu era considerado de raça superior e, por conta disso, podia ser integrado no projeto identitário da elite nacional. Era o imigrante europeu que tinha características que agradavam a elite, como o apego à religião, ética no trabalho e domínio de técnicas de produção.

Os imigrantes vinham para o Brasil motivados pelo sonho de uma vida melhor e pelo ideal de serem proprietários de terras. Conforme Margotti (2004), embora compusessem um grupo de imigrantes livres, eles também sofreram com um planejamento precário, com assistência quase inexistente, com as florestas perigosas e traiçoeiras e a necessidade de derrubá-las, com o isolamento.

2.2 A IMIGRAÇÃO DE ITALIANOS E ALEMÃES

Conforme Werlang (1992), a colonização alemã ocupou, no Rio Grande do Sul, os vales dos rios da depressão central, encaminhando-se pelas encostas inferiores da serra geral. O povoamento oficial do Rio Grande do Sul pelos alemães iniciou em 1824 às margens do Rio dos Sinos, com a fundação de São Leopoldo. (WERLANG, 1992). O autor ainda destaca que entre os anos de 1830 a 1844 a imigração alemã foi interrompida, sendo retomada a partir de 1844, com a fundação de novas colônias, a destacar: Novo Hamburgo, Lageado, Estrela, Montenegro, São Sebastião do Caí, Santa Maria, Santo Ângelo, etc. Já em Santa Catarina, pontua Margotti (2004), o povoamento alemão iniciou em 1929 em São Pedro de Alcântara, estendendo-se ao norte, na bacia Itajaí-Açu, e ao sul, na vertente norte do rio Tubarão.

A imigração italiana mais direcionada ao sul do país, segundo Margotti (2004), teve início por volta de 1836 em Santa Catarina e de 1875 no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina houve uma tentativa de formação de uma colônia, a Nova Itália, hoje município de São João Batista, localizada a alguns quilômetros da atual cidade de Nova Trento, que não prosperou. No Rio Grande do Sul, os imigrantes ocuparam os montes do Planalto Sul e a encosta superior do Norte gaúcho, região montanhosa e isolada. Os atuais municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul foram as três primeiras colônias e, mais tarde, por volta de 1877, foi formada a quarta colônia de Silveira Martins, próxima à cidade de Santa Maria. (MARGOTTI, 2004). E assim seguiram-se outras.

Em conformidade com Luzatto (1994), dos italianos que povoaram o Rio Grande do Sul, cerca de 95% eram provenientes de quatro regiões: Vêneto, Trentino-Alto Ádige, Friuli-Veneza Giulia e da Lombardia. Desses, mais de 60% tinham língua e cultura venetas, isto é, tinham falares distintos, mas a língua matriz era a mesma, o vêneto. Em menor escala também vieram imigrantes de Piemonte, Emilia-Romagna, Toscana e Ligúria.

Figura 1 - Região de origem dos imigrantes italianos



Fonte: Relatório Final do Projeto-Piloto “Inventário do *Talian*”, 2010.

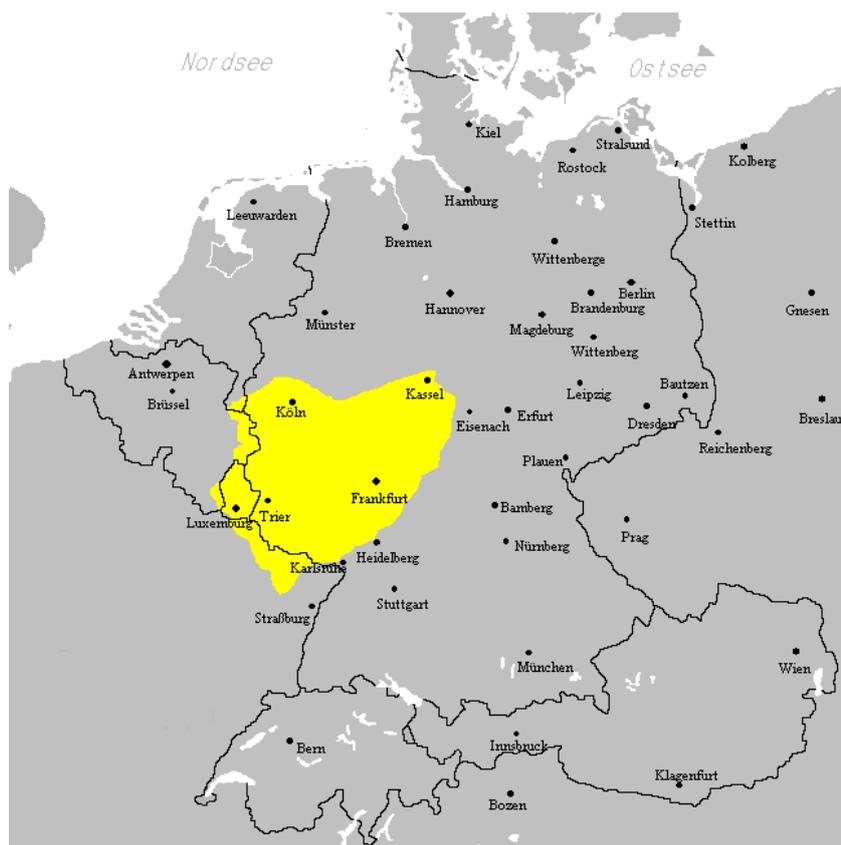
A falta de planejamento fez com que os imigrantes recém-chegados ao Brasil fossem assentados em colônias, mais especificamente em comunidades, sem respeitar a origem de cada um deles. Consoante Luzatto (1994), da necessidade de entender-se e do contato estabelecido entre essas diferentes variedades, surgiu uma *coiné*, conhecida como *Talian*, muito mais vêneta do que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois vêneta era a maioria. Essa *coiné* de base vêneta também sofreu influências do português, embora tenham sido nos primeiros 50 anos influências mais limitadas. Mais tarde, com a difusão do rádio, essa influência acentuou-se.

Assim como os italianos, os alemães também vieram de diferentes lugares do território alemão. Spinassé (2008) cita a presença de prussianos, pomeranos, austríacos, suíços, renanos, bávaros, dentre outros, que trouxeram consigo suas respectivas línguas. Na época, a Alemanha não era ainda um território unificado – o que ocorreu apenas em 1871 – e as características regionais eram muito salientes, principalmente no que diz respeito à língua.

Ora, semelhante ao que ocorreu com os italianos, no caso dos alemães também tivemos o contato entre diferentes variedades e a sobreposição da variedade da maioria. Segundo Dreher (2005) e Spinassé (2008), a maioria vinha de uma das regiões mais pobres da Alemanha da época, a região do *Hunsrück*, sendo o francônio-renano a língua materna dessa maioria.

A *coiné* alemã predominante no sul do Brasil é, de acordo com Altenhofen (2004), o *Hunsrückisch*, sendo que este deriva do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX no contato com o português.

Figura 2 – Região de *Hunsrück*, da qual vieram muitos imigrantes alemães



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hunsrückisch#>. Acesso em 22 de agosto de 2019

Como comentado no capítulo introdutório, na região teuto-brasileira apresentada nesta pesquisa, os falantes não adotam a nomenclatura “Hunsrückisch” para fazer referência à língua que falam. Muitos se consideram falantes da variedade *Deitsch* [+dialeto], outros adotam a variedade *Deutsch* [+padrão]. Ambas são variedades locais do alemão. De acordo com Meyer (2009), essa diferenciação resulta do fato de que os primeiros colonos teutos que emigraram ao Brasil (1824) não tinham acesso a uma unidade linguística padrão, pois não havia uma variedade escrita do alemão difundida no país, e, além disso, não eram alfabetizados. Nessas primeiras colônias prevaleceu a variedade *Deitsch*. Já os imigrantes tardios (1850) teriam tido na matriz de origem maior acesso ao *Hochdeutsch* e à escrita devido à emancipação do ensino na Alemanha naquela época. Logo, as colônias mais novas caracterizavam-se pelo uso do *Deutsch*.

O perfil desses imigrantes seguiu um padrão semelhante a de outros imigrantes de outras partes do mundo. Eram, de acordo com De Boni e Costa (1984), em sua maioria, imigrantes jovens, homens e mulheres com idade entre 20 e 45 anos.

Uma das particularidades desses dois grupos de imigrantes – italianos e alemães – diz respeito ao processo de alfabetização e escolarização. No caso dos italianos, o grau

de escolaridade dos imigrantes era muito baixo, a maioria não sabia assinar o próprio nome e, conforme De Boni e Costa (1984), para eles a escola significava muito pouco. O interesse estava concentrado na força do trabalho que geraria a economia da família. Spessato (2003) e De Boni e Costa (1984) salientam que muito mais do que escolas, esses imigrantes se preocupavam com a construção de igrejas, pois esta representava o centro do seu mundo cultural. Por outro lado, no caso dos imigrantes alemães, era muito comum encontrar escolas dentro das próprias colônias, nas quais eram ministradas aulas em *Hochdeutsch*. (WOLSCHICK, 2015).

De acordo com entrevistas feitas por Werlang (1992), percebia-se entre alemães e seus descendentes uma preocupação maior com a alfabetização dos filhos, os entrevistados contavam, inclusive, que no começo as famílias tinham que pagar pelo professor e muitas vezes mudavam-se de uma comunidade para outra onde havia uma escola mais próxima. Contudo, entre os italianos, o autor pondera que a escola foi introduzida bem depois da chegada das primeiras famílias e por isso muitos filhos de imigrantes já tinham passado da idade escolar e não puderam mais estudar, uma vez que necessitavam trabalhar em casa. Além disso, muitos professores tiveram que lecionar de graça, pois os italianos não costumavam pagar os professores como os alemães.

Foi por volta da década de 70 do século XIX, esclarece Spinassé (2008), que os imigrantes italianos e alemães passaram a ter mais contato entre si e com outros imigrantes, bem como com os brasileiros que começaram a povoar mais intensamente a região. E foi nessa nova fase que a língua nacional, o português, passou a se fazer mais presente, tornando-se indispensável para o comércio, as negociações e para a inserção social. Mais tarde, já no século XX, com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e com o projeto de Nacionalização do Ensino, o uso e o ensino dessas línguas de imigração se tornou ainda mais restrito.

2.3 A CONSTITUIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO OESTE CATARINENSE

A região oeste do estado de Santa Catarina é formada por cerca de 76 municípios, faz divisa com os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, e fronteira com a Argentina. De acordo com Horst, Fornara e Krug (2017), os seus municípios, de modo geral, são de área reduzida; muitos deles possuem menos de 5000 habitantes e se configuram como essencialmente rurais, pois predominam atividades agrícolas, sendo

que a maior parte da população reside nas zonas interioranas. Via de regra, os habitantes do núcleo urbano também provêm da área rural ou estabelecem uma relação de proximidade com esse meio.

Para que se possa compreender como o oeste catarinense chegou ao que é atualmente, faz-se necessário visualizar os diversos grupos que aqui se estabeleceram ao longo do tempo através de diferentes fluxos migratórios. Segundo Poli (2014), podemos considerar três fases de ocupação da região, com três grupos étnicos em destaque, cada uma com atividades socioeconômicas características:

- Fase de ocupação indígena: até meados do século XIX, afora algumas incursões exploratórias portuguesas, a região era ocupada por índios Kaingang que tinham seus núcleos distribuídos por todo interior. Paim (2006) sugere que a região oeste de Santa Catarina era habitada por índios Kaingangs desde 5.500 a.C, segundo vestígios arqueológicos encontradas na bacia do Rio Uruguai. Eles habitavam um território compreendido entre as fronteiras da Argentina e dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul. Esses índios, desde que chegaram os primeiros tropeiros, em especial paulistas, começaram a ser expulsos das terras, quer pela ação violenta dos novos ocupantes, quer pela aversão que os índios tinham aos novos chegados e seus princípios.

- Fase cabocla: trata-se da população luso-brasileira que sucedeu os indígenas e com eles se miscigenou. Formou, durante muito tempo, a maioria da população. Embora a origem deste grupo seja muito confusa, acredita-se que os caboclos chegaram à região através da busca da erva-mate. A principal atividade era a agricultura de subsistência, o corte de erva-mate e o tropeirismo;

- Fase da colonização: caracterizada pela penetração de imigrantes, em especial italianos e alemães, vindos principalmente do Rio Grande do Sul, em decorrência dos projetos de colonização e da exploração madeireira. Esses imigrantes passam a comprar terras das empresas colonizadoras, formando uma frente agrícola e pecuária que foi tirando o espaço de indígenas e caboclos.

De acordo com Paim (2006) e Poli (2014), a região oeste, no início do século, era considerada “terra de ninguém” ou “terra devoluta”, pois era ocupada por um pequeno número de habitantes que não possuíam a propriedade da terra que exploravam. Eram poucas as áreas que tinham proprietários e, naquele momento, nem mesmo as grandes colonizadoras haviam tomado posse das terras. A região toda constituía o chamado “Velho Chapecó”.

Poli (2014) comenta que levantamentos feitos em registros eclesiásticos e em cartórios que levam em consideração épocas mais antigas de vários municípios do Oeste Catarinense constataam que diversas comunidades, hoje com populações alemãs ou italianas, receberam, no seu início, o aporte étnico luso-brasileiro. O contingente populacional existente na época era formado quase exclusivamente de luso-brasileiros, popularmente conhecidos como caboclos⁵, cuja atividade principal era a coleta da erva-mate e o plantio de pequenas roças para a produção de alimentos necessários à sobrevivência.

Destacamos que nessa época o oeste ainda não era considerado uma região a ser ocupada e desenvolvida. Segundo Poli (2014), sua importância residia na diminuição da distância percorrida pelos tropeiros que buscavam os campos das Missões ou de Lages. Para isso, fazia-se uso dos conhecimentos dos caboclos que desbravavam as matas e construíaam pequenas estradas, com o intuito de assentar-se em pequenos povoados, construindo suas casas e cultivando suas roças. Diversos estudiosos definem a atuação dos caboclos como “a frente da frente” da colonização, pois à medida que o colono chegava, o caboclo ia internando-se cada vez mais, em busca de um local onde pudesse viver em paz. Ainda segundo o autor, permanecer na sua terra poderia significar o despejo ou a miséria, em decorrência dos baixos salários ou da falta de pagamentos.

A questão da colonização no Oeste Catarinense se acentuou apenas após a resolução dos limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná, em 1916. Antes disso, a região oeste de Santa Catarina era considerada despovoada, pois os indígenas e caboclos possuíam modos de vida diferentes e não produziam excedentes, sendo desconsiderados pelas autoridades. (PAIM, 2006). Ora, o que passa a ocorrer a partir desse período é a expulsão sistemática dos caboclos de suas terras, para dar lugar à entrada dos imigrantes e seus descendentes, vindos em especial do Rio Grande do Sul, que recebiam das empresas colonizadoras os títulos das terras adquiridas.

Poli (2014) reverbera que o caboclo ia penetrando o interior a fim de fugir da colonização e da institucionalização da propriedade privada de terra. Este se via rejeitado pelas novas comunidades de colonos proprietários de terra.

⁵ Conceituar o caboclo, consoante Poli (2014), é uma tarefa difícil. Os autores que tentam uma definição esforçam-se em determinar suas origens étnicas, buscando raças básicas que o formaram. Alguns contentam-se em defini-lo como resultado da miscigenação do branco com o índio. Outros colocam-no como cafuso, mameluco ou mulato. Na realidade, o caboclo do Oeste Catarinense não é simplesmente originário do cruzamento racial, mas do cruzamento de indivíduos já miscigenados. O mais importante é saber que a conceituação do caboclo é muito mais social e econômica do que racial. Por conta disso, o caboclo teve sua vida à margem da sociedade, servindo de mão-de-obra a fazendeiros, ervateiros e madeireiros. Embora representassem a maioria da população, sempre foram despossuídos. (POLI, 2014).

A colonização das áreas, através da venda de terras a colonos, institucionalizou a expulsão dos caboclos posseiros, que passaram a ser chamados de intrusos. Em todos os lugares sempre houve intrusos que precisavam ser afastados para que os colonos pudessem ocupar a área e produzir. (POLI, 2014, p. 166).

Mais do que isso, a propriedade de terra e a exploração da madeira, seguida de uma agricultura voltada à produção de excedentes, exacerbaram os conflitos contra os caboclos posseiros e estes foram diminuindo cada vez mais. Segundo Poli (2014), em função da sua filosofia de vida, contrária ao processo de apropriação e acumulação, o caboclo foi sendo esquecido e sua passagem, para muitos municípios, é vista como um demérito ou algo a ser omitido da história oficial.

Neste sentido, com a solução da questão de terras entre Santa Catarina e Paraná, que ficou reconhecida como Contestado - 1916, Poli (2014) reporta que o estado de Santa Catarina tratou de providenciar a criação de municípios para a região oeste. Logo se deu a regularização das terras, o governo do estado fez concessões às empresas colonizadoras.

No mesmo compasso, havia a necessidade de formação de novas colônias por parte dos imigrantes. Vicenzi (2008) deslinda que a colonização europeia no sul do Brasil por pequenos proprietários camponeses ensejou a formação de núcleos pioneiros, as Colônias Velhas, contudo, com o forte crescimento demográfico e a queda da fertilidade das terras, esses imigrantes precisaram se deslocar à procura de terras virgens e férteis a fim de formar novos núcleos, as Colônias Novas.

Pode-se dizer, em conformidade com Vicenzi (2008), que os imigrantes europeus chegados ao Rio Grande do Sul ocuparam as Colônias Velhas, e, em sequência, seus filhos, constituindo novas famílias, estabeleceram-se nas Colônias Novas, em regiões cada vez mais setentrionais e abertas em decorrência de uma expansão demográfica. Essas novas gerações já não encontravam mais terras disponíveis no estado que acolhera seus pais e avós, o Rio Grande do Sul, e, por isso, uma grande leva de descendentes de imigrantes atravessaram o Rio Uruguai e instalaram-se no oeste de Santa Catarina.

É no início do século XX que milhares de colonos sul-rio-grandenses de origem alemã, italiana e polonesa, moradores principalmente do noroeste do Rio Grande do Sul, migraram para o Oeste Catarinense, procurando novas terras. (VICENZI, 2008).

As diversas empresas colonizadoras que se estabeleceram na região, trabalharam de maneiras distintas. Werlang (1992) coteja que a *Cia. Territorial Sul Brasil*, colonizadora responsável pela comercialização de terras localizadas onde hoje é São Carlos e Palmitos, procurou atrair para suas glebas colonos de diferentes origens étnicas, credos religiosos e lugares, em especial do Rio Grande do Sul. De maneira diferente, no Vale do Rio Uruguai, a *Chapécó-Pepery Ltda*, que fundou Porto Feliz (atual município de Mondaiá), visava colonizar suas terras com alemães evangélicos. A *Volkverein*, colonizadora que fundou Porto Novo (atual município de Itapiranga), trabalhou com alemães católicos. E a colonizadora *Bertaso e Maia Ltda* voltou-se para a instalação de famílias de origem italiana.

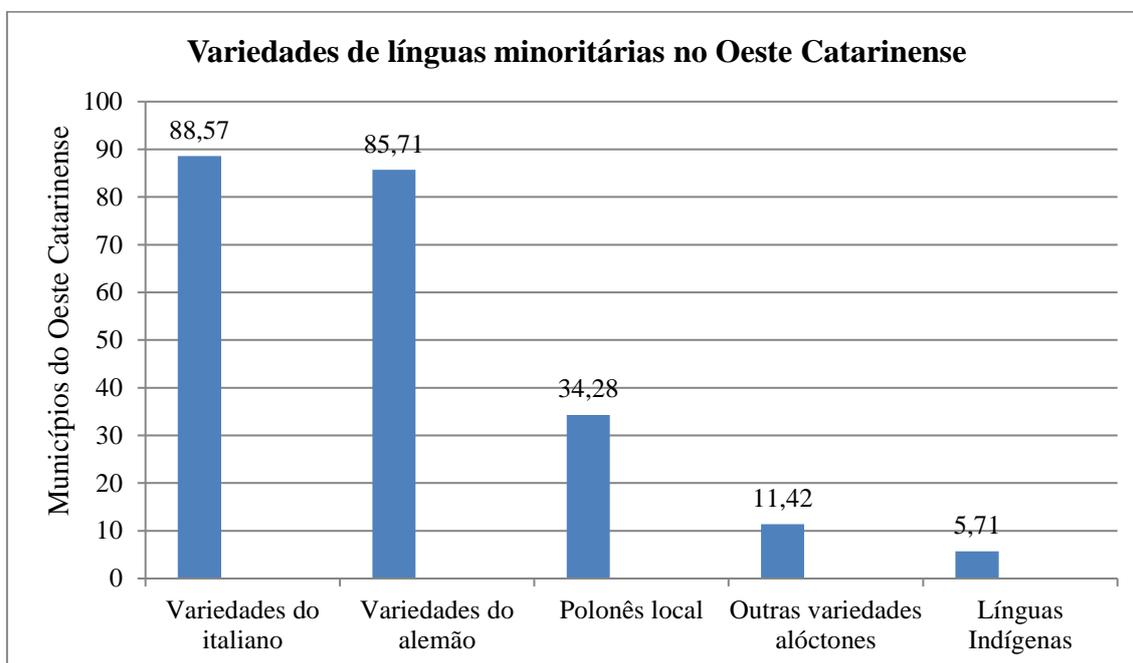
Os colonos que vieram para o Oeste Catarinense, que eram também imigrantes, formaram uma camada populacional que tinha como principal característica a busca pela propriedade de terra, a realização e a formação de indústrias diversas, como moinhos e serrarias, e a instalação de pequenos comércios. (POLI, 2014).

Conforme os colonos chegavam, desapropriavam-se índios e caboclos que, ademais das terras, perdiam a legitimidade de suas crenças e culturas. Tal prática era reforçada por um conjunto de representações que refletiam um modo de ver e de pensar o mundo próprio dos colonos descendentes de imigrantes. “Exaltavam-se e valorizavam-se a língua, as canções, a alimentação, a vocação para o trabalho, a acumulação econômica, a fé católica e a nacionalidade dos antepassados.” (VICENZI, 2008, p. 97).

Através desse breve prelúdio sobre a formação do Oeste Catarinense, percebe-se que não obstante o restante do país, a base desta região também está ancorada na fábula das três raças (ver CROCI, 2011). Foram três elementos sociais – indígenas, negros e brancos – e toda a miscigenação resultante desse contato que constituiu e ainda constitui a região oeste, inclusive quando olhamos para o aspecto linguístico. Logo, a diversidade étnica do Oeste Catarinense representa também uma diversidade linguística, evocando o uso de diferentes línguas ao lado do português.

De acordo com dados do IBGE e de prefeituras municipais analisados por Horst, Fornara e Krug (2017), em todos os municípios da região oeste utiliza-se ao menos uma língua minoritária além da variedade do português, sendo que em mais da metade desses municípios tem-se a presença de duas ou mais línguas minoritárias, resultando em um território multilíngue. Em suma, os dados manifestam e explicitam a diversidade linguística, nunca o monolinguismo. O gráfico a seguir apresenta as variedades de línguas minoritárias possivelmente faladas no Oeste Catarinense:

Gráfico 1 - Variedades de línguas minoritárias no Oeste Catarinense registradas a partir da análise dos históricos presentes nos sites das 76 prefeituras municipais e no IBGE

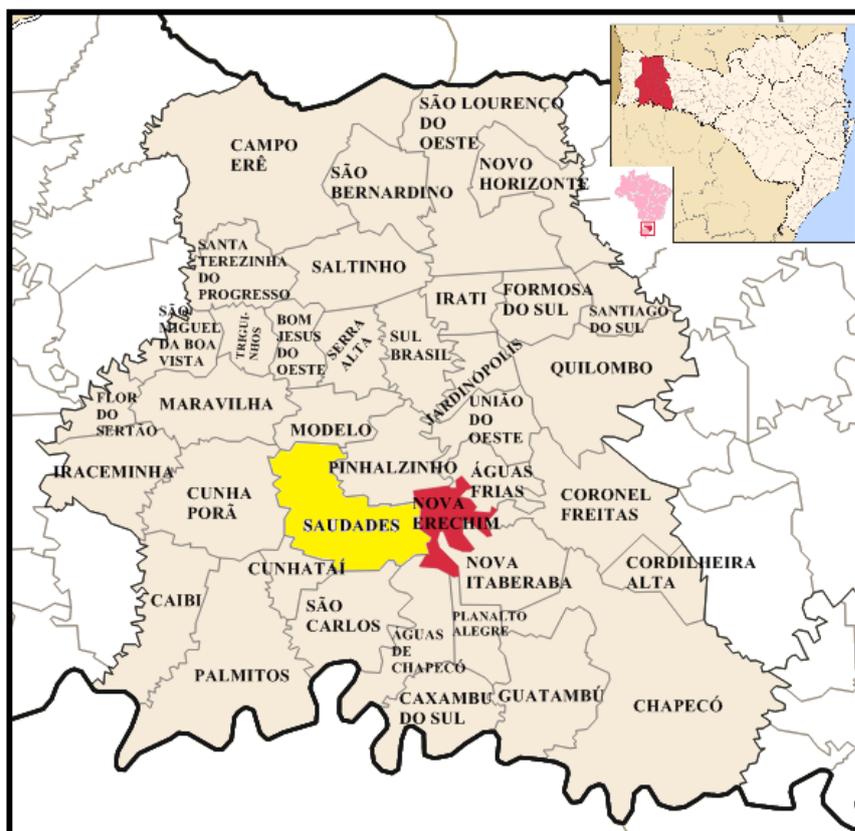


Fonte: Horst, Fornara e Krug (2017).

O gráfico acima evidencia a predominância das variedades de imigração italiana, alemã e polonesa no oeste catarinense. No que diz respeito à nomenclatura utilizada no gráfico, esclarecemos que as definições variedades do italiano e variedades do alemão referem-se não apenas à *coiné* resultante dos contatos linguísticos, mas também a outras variedades dessas respectivas línguas que podem ser encontradas em nossa região. Já o termo polonês local (ver Wepik, 2017) faz referência a uma variedade do polonês utilizada em Santa Catarina e Rio Grande do Sul que não possui denominações como outras variedades de imigração, carecendo de estudos mais aprofundados.

Nesse momento, cabe-nos apresentar também o mapa do estado de Santa Catarina com destaque para os municípios que serão alvos dessa pesquisa – Saudades-SC e Nova Erechim-SC:

Figura 3: Mapa dos municípios da microrregião de Chapecó-SC, com destaque para os municípios de Saudades-SC e Nova Erechim-SC



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/SantaCatarina_Municip_NovaErechim.svg
Acessado em 01 de agosto de 2019. Adaptado por Fornara (2019)

2.3.1 O município de Saudades

Saudades-SC é um município localizado no extremo-oeste, na microrregião de Chapecó-SC, que conta com aproximadamente 9.016 habitantes distribuídos por uma área de 206,596 km². (IBGE, 2010). A emancipação de Saudades, segundo o IBGE (2010), ocorreu em 1961, pertencendo anteriormente ao município de São Carlos.

De acordo com os dados do site do IBGE⁶, o município de Saudades é predominantemente formado por descendentes de alemães e em menor número por descendentes de italianos e russos que, deslocando-se do Rio Grande do Sul, chegaram à região e assentaram-se às margens do Rio Saudades na década de 30. Em dados mais recentes, Royer (1999) estima que 85% da população de Saudades é formada pelo grupo germânico. Dentre os pioneiros, tivemos: José Wilibaldo Kuhn e sua esposa Olga Kuhn, Arthur Heidt e família, João Ross e família, Fritz Karling e esposa, Carlos Karling, Wilibaldo Eichler e esposa, João Scheerer e Belarmino Nogueira.

⁶ <https://cidades.ibge.gov.br> (Acesso em 01 de agosto de 2019).

A área em que atualmente está localizado o município de Saudades foi colonizada, segundo Werlang (1992), pela *Cia. Sul Brasil* que se concentrou entre os rios Chapecó, Uruguai e Antas. Da área colonizada por essa empresa, originaram-se os seguintes municípios: Palmitos, São Carlos, Maravilha, Iraceminha, Pinhalzinho, Cunha Porã, Caibi, Saudades, Modelo, Serra Alta, Sul Brasil, Riqueza e São Miguel da Boa Vista.

Werlang (1992) destaca que a *Cia. Sul Brasil* foi a empresa que colonizou a maior área do extremo oeste catarinense, introduzindo na sua gleba de terras colonos de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, sem se importar com a origem étnica ou com a religião, fatores estes que eram determinantes para outras empresas colonizadoras. Contudo, para facilitar a organização, Carlos Culmey, proprietário da *Cia. Sul Brasil*, distribuiu os colonos em suas terras de tal forma que os alemães católicos, os alemães evangélicos e os italianos católicos estivessem morando em áreas distintas. Para Werlang (1992)

A formação de comunidades com a mesma origem étnica e credo religioso criariam menos conflitos entre si, além de facilitarem a organização comunitária, evitando a construção de duas ou mais igrejas ou escolas na mesma comunidade. Isto facilitava também o ensino e o atendimento religioso, dado pelos padres e pastores.

A fim de alcançar esse propósito, segundo Werlang (1992), as terras localizadas entre os rios Chapecó e Barra Grande foram destinadas aos alemães católicos, surgindo desta colonização os municípios de São Carlos, Saudades e Pinhalzinho. Ainda de acordo com o autor, esta divisão permanece caracterizada nos dias de hoje, pois o município de Saudades, por exemplo, embora possua atualmente certa heterogeneidade étnica, é predominantemente formado por descendentes de alemães católicos.

Como comentado anteriormente, a preocupação dos imigrantes alemães com a educação dos seus filhos sempre foi latente. De acordo com Royer (1999), em Saudades, a primeira escola destinada aos filhos de imigrantes alemães foi construída em 01 de abril de 1933 e contou com onze alunos na primeira turma. A primeira professora foi Ida Backes. Royer (1999) destaca que por conta da origem étnica dos moradores e da falta de professores habilitados no português, nos primeiros anos as aulas foram ministradas em alemão. Relatos de entrevistados por Royer (1999) sinalizam que todas as disciplinas eram ensinadas em alemão e que não tinham professores que soubessem o português ou qualquer outra língua na comunidade,

comentam também que o ensino de alemão permaneceu até 1945 e a partir desse período, por causa da Nacionalização do Ensino e da Segunda Guerra Mundial, todos os livros em alemão sumiram da escola e a língua alemã foi proibida.

2.3.2 O município de Nova Erechim

Nova Erechim-SC também localiza-se no extremo-oeste catarinense, na microrregião de Chapecó. De acordo com dados do IBGE (2010), possui aproximadamente 4.275 habitantes distribuídos por uma área de 64, 894 km². O município de Nova Erechim faz divisa com o município de Saudades, estando a cerca de 20 km de distância desta cidade.

De acordo com dados do site do IBGE, os primeiros colonizadores da região de Nova Erechim eram descendentes de italianos e em menor número de poloneses e alemães, vindos do Rio Grande do Sul, em especial da cidade de Erechim e seu entorno (Viadutos, Gaurama e Marcelino Ramos-RS). A colonização teve início em 1947, com a divisão de uma gleba de lotes rurais, pertencentes a Primo e Segundo Pandolpho, residentes em Guaporé-RS, que a adquiriram de Ernesto Bertaso, residente em Chapecó. Dentre os pioneiros, temos: Domingos Franekh, Serafino Bevilaqua, Alcides Pagliarini e Albino Bruschi.

Nova Erechim, de acordo com o IBGE, era um distrito pertencente a São Carlos. Após a emancipação de Saudades, Nova Erechim se torna, em 1963, distrito de Saudades. O desmembramento e a emancipação de Nova Erechim ocorrem em 1964.

Como visto anteriormente, Nova Erechim localiza-se em uma área que foi colonizada pela empresa *Cia. Sul Brasil*. Contudo, segundo Werlang (1992), Nova Erechim é o único município pertencente a essa área que não teve suas terras comercializadas pela Sul Brasil. Conforme o autor, nem tudo está claro quanto à colonização e à presença de empresas colonizadoras no oeste catarinense. Estima-se que fora as principais empresas colonizadoras já citadas nesse trabalho, outras tenham existido, tal como a colonizadora pertencente aos irmãos Pandolpho, em Nova Erechim. O que fica nítido é que a colonização de Nova Erechim seguiu o mesmo perfil de Saudades e de outros municípios colonizados pela Sul Brasil, uma vez que possui a predominância do elemento italiano, mas encontram-se também descendentes de alemães e poloneses.

Consoante Wepik (2016), a população de descendentes de poloneses também é representativa no município de Nova Erechim-SC. Por conta disso, o município sedia a Braspol – Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa de Nova Erechim – que tem como objetivo promover, valorizar e preservar a cultura das cerca de 70 famílias polonesas que residem no município.

Em contrapartida, a maior parcela da população de Nova Erechim-SC é formada por descendentes de italianos e por conta disso, em 2015, o *Talian* tornou-se uma língua cooficializada no município, contando com um ensino formalizado através de oficinas que acontecem no contraturno escolar e que são destinadas à população geral.

2.3.2.1 Nova Erechim e a cooficialização do *Talian*

Em 11 de agosto de 2015, o então prefeito de Nova Erechim sancionou a lei nº 1.783 que prevê a cooficialização da língua *Talian*-vêneto brasileiro, no município de Nova Erechim.

De acordo com o artigo 2º desta lei, o status de cooficial concedido ao *Talian* permite ao município:

I. Criar um planejamento linguístico de ação integrada em todas as Secretarias Municipais. II. Valorizar a herança linguística e cultural como forma de salvaguardar um patrimônio imaterial do povo. III. Buscar uma consciência ampla da necessidade de proteger o *Talian* em todas as formas como base de identidade e cidadania. IV. Tutelar o *Talian* através de um projeto político democrático e popular. V. Incentivar o conhecimento e a fala do *Talian*, em especial nas famílias e nas novas gerações. VI. Ensinar o *Talian* no contraturno nas escolas por mecanismos culturais de aceitação social, por meio de processos de educação formal, informal e não formal. [...] X. Incentivar o *Talian* e através dele os saberes tradicionais como música, canto, teatro, danças, jogos, entre outros. [...] XII. Apoiar os meios de comunicação falados e escritos do *Talian*. XIII. Incentivar publicações bilíngues ou do *Talian* e distribuir à população. XIV. Priorizar o *Talian* na semana alusiva ao aniversário do município. [...].

Outros artigos desta lei propõem, ainda, a produção de documentação pública, como campanhas publicitárias institucionais, no *Talian* ou bilíngues; o atendimento à população nos serviços públicos básicos no *Talian* ou no português; a validação e a eficácia das atuações administrativas feitas no *Talian* e a proibição de qualquer ato discriminatório em razão da utilização da língua oficial ou cooficial.

A priori, podemos destacar a relevância da Associação Italiano-Vêneta de Nova Erechim, como organizadora e mantenedora de ações de revitalização e salvaguarda do

Talian, através de diversas festividades culturais. Também, a partir do fomento do poder público municipal, há a produção de oficinas que prevêm o ensino formal do *Talian* e o uso do *Talian* em meios de comunicação, como nos programas radiofônicos do município.

A título de conclusão, neste capítulo apresentamos uma síntese sobre a vinda de imigrantes italianos e alemães para o Brasil, mais especificamente para o oeste de Santa Catarina. Reconstituímos aspectos de suas vidas, a fim de compreender questões sociais e culturais desses imigrantes e seus descendentes, para melhor elucidarmos a forma como eles se relacionam com suas línguas. Também, abordamos informações sobre os municípios que compõem os pontos de coleta de dados deste estudo. A seguir, no capítulo que apresenta a revisão bibliográfica, explanaremos sobre conceitos teóricos chave de nossa pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentados os conceitos teóricos mais relevantes ligados à temática que estudamos. Assim, trataremos de assuntos relacionados à diversidade linguística, aos contatos linguísticos, ao bilinguismo individual e societal, à manutenção e substituição linguística e à dialetologia pluridimensional e relacional. Vamos a eles.

3.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: DEFININDO NOÇÕES E CONCEITOS

Em uma das obras pioneiras na sociolinguística, Weinreich, Labov e Herzog (1968) chamam a atenção para o caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos, produto este de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos, conjuntamente disponíveis. Os autores também consideram a língua um fator social, logo, se o contexto social sofre alterações, a língua também pode ser alterada.

A heterogeneidade se faz presente, inclusive, nos conceitos que constituem o norte dessa pesquisa. Por conta disso, torna-se necessário explorar os sentidos de termos como dialeto, variedade, língua de imigração, língua minoritária, língua materna, dentre outros.

Para Coseriu (1982) todo sistema que pode funcionar na fala é uma língua e o dialeto nada mais é do que uma forma de falar. Logo, o conceito de dialeto corresponde ao conceito de língua e “[...] entre dialeto e língua não há diferença de natureza ou substancial. Intrinsecamente, um dialeto é uma língua: um sistema fonético, gramatical e lexical.”⁷ (COSERIU, 1982, p. 10).

Bem, se não há diferenças de nível funcional entre dialetos e línguas, há uma diferença de status histórico. Coseriu (1982) demonstra que normalmente subordinamos os dialetos a determinadas línguas porque empregamos um conceito particular de língua – língua histórica ou idioma. Uma língua histórica “[...] não é um modo único de falar, mas sim uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, sendo os dialetos membros desta família.”⁸ (Coseriu, 1982, p. 12). Logo, para o autor, ninguém fala o espanhol, o português, ou o italiano, todos falam um determinado dialeto dessas línguas.

⁷ No original: [...] entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o sustancial. Intrínsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fónico, gramatical y léxico.

⁸ No original: [...] no es un modo de hablar único, sino una “familia” histórica de modos de hablar afines e interdependientes, y los dialectos son miembros de esta familia.

Acontece que para muitos falantes o dialeto é visto apenas como uma língua não padrão, um sistema errado, feio, falado por determinadas comunidades e não reconhecido pelo Estado, justamente o oposto de língua. A língua corresponderia a uma maioria, é prestigiada, possui tradição cultural e é amparada pelo Estado.

É por conta desse caráter pejorativo que se passa a utilizar mais o termo variedade em detrimento de dialeto. Variedade e dialeto são sinônimos, mas se este é visto como um subsistema subordinado a uma língua, aquela remete a uma forma de falar determinada língua situada geograficamente.

Acima, citamos em diversos momentos o termo língua minoritária e consideramos relevante lançar luz sobre esse conceito. Neste trabalho nomeamos línguas minoritárias de acordo com Ferraz (2007), sendo aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente; são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente utilizadas por parcelas da população de um país, e que não correspondem a uma variedade da língua oficial.

Ora, o conceito de língua minoritária refere-se, segundo Ponso (2017), à demografia relativa de uma língua, às dimensões numéricas de uma comunidade de fala. Relacionada apenas à questão quantitativa, a língua minoritária pode adquirir um estatuto de oficial ou não. O mais comum, porém, é que as línguas minoritárias também sejam minorizadas. Para Ponso (2017), as línguas minorizadas são aquelas que ao dividir o espaço geográfico com outras línguas, tem alguns de seus usos restringidos. Logo, a minorização “[...] não depende do número de falantes, mas do *status* de que goza a língua.” (PONSO, 2017, p. 194).

Ponso (2017) ao citar Guillen Calaforra (2003) destaca que uma comunidade linguística é minorizada quando apresenta três características: (a) restrições sociais em relação aos domínios de uso da língua – ou seja, essa língua não pode ser utilizada em determinados âmbitos sociais; (b) bilinguismo unilateral dos membros dessa comunidade, isto é, os falantes da língua minoritária necessitam também ser falantes da língua dominante, enquanto os falantes dessa última são geralmente monolíngues; (c) dada a configuração acima, a comunidade falante da língua minorizada se torna um subconjunto da dominante, ou seja, os indivíduos se apresentam e são percebidos como membros da comunidade dominante, mas não da comunidade minorizada.

As línguas minoritárias, sejam elas quais forem, podem ser e são em muitos casos a língua materna de um grande contingente de indivíduos que vivem em comunidades bi ou multilíngues. Conceituar língua materna não é tarefa fácil. Cabe-nos

destacar que se trata de um conceito polissêmico, com uma multiplicidade de variáveis enredadas em seu significado. (ver DE HEREDIA, 1989; ALTENHOFEN, 2002; ALTENHOFEN, 2004).

Altenhofen (2002) demonstra essa polissemia: a) do ponto de vista histórico, língua materna está fortemente ligada com a percepção da “língua nacional”; b) no âmbito pedagógico e político-educacional, percebe-se uma incompreensão e omissão do sentido real da língua materna e de suas implicações na prática de ensino, encobrindo e excluindo outras facetas da realidade linguística que, se visualizadas, trariam incômodos à ordem linguística estabelecida; c) no que se refere à configuração demográfica da população, adota-se o conceito de língua materna para nomear basicamente a “língua do lar”; d) na linguística tradicional, língua materna sugere genericamente “a primeira língua aprendida no lar”.

Perante tantas inconsistências, tendemos aqui à noção de língua materna elaborada por Altenhofen (2002) segundo o qual seria um conceito dinâmico, suscetível a mudanças ao longo da vida do falante, tendo como características:

a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, d) apresentando-se porém geralmente como a língua dominante e) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, por isso, f) provida de um valor afetivo próprio." (ALTENHOFEN, 2002, p.159)

Nesse sentido, e consoante Altenhofen (2002), considerando essas diversas implicações no uso da denominação de língua materna, importa muito mais descrever em que medida determinada língua pode ser considerada língua materna, do que definir uniformemente um conceito que depende de uma série de variáveis, das quais o bilinguismo é a mais complexa.

Por fim, visto que esta pesquisa dará ênfase às situações de contato de variedades de imigração presentes no Oeste Catarinense com o português, torna-se relevante conceituar também as línguas de imigração. Altenhofen e Margotti (2011) definem línguas de imigração como aquelas originárias de fora do país, por isso alóctones, que, no novo meio, compartilham o status de língua minoritária. São diferentes das línguas indígenas (autóctones) e de outras línguas específicas, como a língua de sinais, pois, embora estas também constituam línguas minoritárias, não possuem na sua gênese um processo de imigração. Altenhofen e Margotti (2011)

destacam também que essas línguas se diferenciam do português brasileiro pelo fato de este constituir uma língua oficial e majoritária, não marginal e minoritária, muito embora também provenha de fora, através de um processo de imigração e colonização.

As línguas de imigração apresentam variações dialetais acentuadas de acordo com a matriz de origem dos imigrantes (ALTENHOFEN, MARGOTTI, 2011). No que diz respeito ao italiano no sul do Brasil, predominou uma coiné vêneta, chamada de *Talian*. Enquanto no alemão, tivemos uma maior difusão da coiné *Hunsrückish* (mesmo encontrando em outras áreas ocupadas por alemães outras variedades, como o pomerano, o vestfaliano e o *Plaudietsch* menonita).

As relações que essas diferentes línguas estabelecem quando utilizadas por falantes em um mesmo espaço dão origem ao que conceituamos como contatos linguísticos. Esses contatos, existentes desde os primórdios da humanidade, culminaram em distintos processos linguísticos. Na sequência, apresentaremos alguns deles.

3.2 CONTATOS LINGUÍSTICOS

Appel & Muysken (2005)⁹, em sua obra *Language Contact and Bilingualism*, fazem referência à história da humanidade não como uma história de povos ou nações, mas como uma história das línguas por eles faladas. É uma história de, aproximadamente, 5.000 línguas que se interagem constantemente.

Ao elucidarmos isso, percebemos que embora a história das línguas seja um reflexo da história de povos e nações, pouco ainda se sabe sobre o contato de línguas e por conta disso surgem diversas questões: O que acontece em comunidades onde várias línguas são faladas? Como os falantes lidam com essas línguas simultaneamente? O que diferencia o uso de uma língua ou outra? Quais as consequências do contato para as línguas envolvidas? (APPEL & MUYSKEN, 2005). Tratar brevemente dessas questões torna-se crucial para o desenvolvimento deste trabalho.

De acordo com Thomason (2001, p. 01), a definição mais simples para o contato linguístico seria “[...] o uso de mais de uma língua, em um mesmo espaço e ao mesmo tempo.”¹⁰ Na atualidade, as línguas podem entrar em contato sem que haja uma proximidade física entre os falantes. O uso da língua inglesa fora dos países que a tem

⁹ *Language contact and bilingualism* foi publicado originalmente em 1987. A versão de 2005, utilizada nesta pesquisa, é uma reimpressão inalterada do original.

¹⁰ No original: [...] language contact is the use of more than one language in the same place at the same time.

como língua oficial é um exemplo disso, milhões de pessoas que não são falantes de inglês entram em contato com essa língua através da difusão midiática de músicas, filmes, livros, etc.

A atenção das pesquisas no campo do contato linguístico, no entanto, tem se concentrado nas situações contatuais em que, mesmo sem um bilinguismo fluente, haja alguma comunicação entre falantes de diferentes línguas, ou seja, situações em que algum tipo de bilinguismo se faça presente. Assim, e como salienta Thomason (2001), o contato linguístico envolve, na maioria das vezes, uma interação *face-to-face* entre grupos de falantes pertencentes a uma mesma localidade, sendo que ao menos alguns deles falam mais de uma língua.

3.2.1 A sócio-história dos contatos linguísticos

Se o contato de línguas reflete o movimento dos povos, descrever as situações de contato linguístico não é tarefa fácil, em especial porque as noções de espaço e tempo são muito fluidas e dificilmente há estabilidade nessas situações. Numa tentativa de esquematizar as tipologias de contato de línguas, Appel & Muysken (2005) apresentam alguns contextos históricos que propiciam esse contato.

Uma primeira situação histórica de contato linguístico seriam os arquipélagos linguísticos, ou seja, a existência de diferentes línguas, cada uma com poucos falantes, faladas em um mesmo espaço. Embora hoje essas situações sejam menos frequentes, eram muito comuns no passado, em especial entre povos aborígenes que viviam em grupos/tribos. Nessas áreas é possível encontrar um extenso bilinguismo, caracterizado pela difusão de palavras e de elementos gramaticais de uma língua para outra. (APPEL & MUYSKEN, 2005).

Uma segunda situação de contato linguístico envolve diferentes famílias de línguas que estabelecem fronteiras não estáveis. Appel & Muysken (2005) comentam que é possível que encontremos em um mesmo país, como é o caso da Bélgica, um contato entre línguas que pertencem à família das românicas e outras que pertencem à família das germânicas. Na Bélgica, por exemplo, o holandês e o alemão são falados ao norte e o francês ao sul.

Um terceiro tipo de situação de contato linguístico e, possivelmente, o mais comum seria o decorrente do processo de colonialismo. De acordo com Thomason (2001), a grande origem dos contatos entre línguas seria o movimento de um grupo em

direção ao território de outro grupo. Os contatos linguísticos, portanto, “[...] ocorreram em grande parte sob condições de desigualdade social resultante de guerras, conquistas, colonialismo, escravidão e migrações - forçadas ou não.”¹¹ (SANKOFF, 2001, p. 640). Existem casos de contatos linguísticos que ocorreram em condições positivas, envolvendo comércio e urbanização, nos quais as línguas se encontram em situações de relativa igualdade. Porém, de modo geral, segundo Sankoff (2001), foram em especial dois processos sociais que deram origem ao contato: as conquistas coloniais e a imigração.

Neste caso, reverberam Appel & Muysken (2005), o colonialismo criou um grande número de comunidades em que línguas europeias e prestigiadas coexistem com as línguas nativas dos povos conquistados. Com esse contato, é possível que novas variedades semelhantes às línguas dos colonizadores se formem, ou que se originem variedades totalmente diferentes, como é o caso de línguas crioulas.

Uma quarta situação de contato linguístico seria aquela em que comunidades mais isoladas compostas por falantes de línguas minoritárias estão envoltas pela língua nacional e majoritária, como é o caso do Catalão na Espanha. (APPEL & MUYSKEN, 2005).

Por fim, Appel & Muysken (2005) deslindam que a última situação de contato linguístico seria a decorrente de um movimento migratório inverso, com pessoas de países pós-coloniais indo em direção aos países colonizadores. Atualmente, a globalização é que induz esse deslocamento de populações em busca de emprego em regiões mais industrializadas. Visualizamos, portanto, comunidades de falantes de português nos EUA, em países europeus, no Canadá, no Japão, etc.

Em relação às condições positivas e negativas do contato linguístico, Thomason (2001) corrobora dizendo que “em comunidades de todos os tamanhos, desde as mais pequenas aldeias até as grandes nações, o contato linguístico, que é em si um resultado da história social, têm consequências sociais.”¹² (THOMASON, 2001, p. 7). Por vezes as consequências são vantajosas. A autora cita como exemplo a situação linguística do Paraguai, no qual o Guaraní (língua indígena) é falado ao lado do espanhol pela maioria da população, sendo que ambos são considerados oficiais. Por outro lado, os efeitos do contato linguístico podem ser perigosos. Thomason (2001) lembra que uma língua

¹¹ Sankoff (2001) Taken place in large part under conditions of social inequality resulting from wars, conquests, colonialism, slavery, and migrations – forced and otherwise.

¹² No original: In communities of all sizes, from the tiniest villages to the biggest nations, language contact (which is itself a result of social history) has social consequences.

minoritária pode ser utilizada pela cultura dominante como um marcador de diferença cultural, gerando preconceitos e discriminações. Nestas situações, as línguas dos povos oprimidos também estão suscetíveis ao desaparecimento, quando na morte dos seus falantes, e à mudança linguística em direção à língua dos colonizadores.

De acordo com Thomason (2001), as línguas têm estado em contato há milhares de anos, desde que os humanos passaram a falar mais de uma língua. Inclusive, não se tem evidências de que alguma língua tenha se desenvolvido totalmente isolada de outras. Logo, o contato linguístico é a regra, não a exceção.

3.2.2 Contatos linguísticos no Brasil

No Brasil, a situação não foi diferente. Como apontam Raso, Mello e Altenhofen (2011), “[...] a história do Brasil após a chegada do homem branco é toda uma história de contatos linguísticos.” Ainda, para os autores, podemos ir além e inferir que os contatos linguísticos já aconteciam entre grupos indígenas, antes da chegada dos colonizadores.

Ao longo de mais de cinco séculos depois da colonização, no território brasileiro conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, européias, africanas e asiáticas. Se a língua teto (ou seja, a língua sociolinguisticamente supraordenada e de referência) foi o português, essa língua conviveu e ainda convive em lugares e domínios do repertório com muitas outras. (RASO, MELLO, ALTENHOFEN, 2011, p. 13).

O português falado no Brasil, ainda de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011), foi sendo alterado em grande parte pelas influências de diferentes línguas, pertencentes a diferentes famílias. A família indo-europeia, por exemplo, já presente desde a colonização portuguesa, forneceu, a partir da metade do século XIX, imigrantes falantes do alemão (grupo germânico), polonês (grupo eslavo), italiano e espanhol (grupo latino), além das novas ondas de imigrantes portugueses. Nessa mesma época, a família afro-asiática contribuiu com a imigração sírio-libanesa. A imigração japonesa foi a base para o contato com outra família linguística, até então considerada isolada. Antes disso, grandes contingentes de ameríndios e de africanos, os últimos principalmente níger-kordofanianos, mas também afro-asiáticos, entraram em contato

com um número que era relativamente pequeno de portugueses, gerando diversos efeitos sobre a língua dominadora (RASO, MELLO, ALTENHOFEN, 2011).

De acordo com Thomason (2001), o resultado mais comum do contato linguístico é a alteração de algumas ou de todas as línguas em contato. Na maioria das vezes, uma das línguas exerce uma influência em relação às outras, sendo que a influência mais comum é o empréstimo de palavras. Alguns exemplos de empréstimos lexicais oriundos do contato do alemão com o português no sul do Brasil, segundo Altenhofen e Margotti (2011), são palavras como *chimia*, *cuca*, e *chope*. Já empréstimos lexicais do contato italiano com o português nessa mesma região, seriam palavras como *polenta*, *nono(a)*, *bocha* e *filó*.

Thomason (2001) destaca que não são apenas palavras que são transferidas de uma língua para outra, todos os aspectos estruturais da língua estão sujeitos a essa transferência. Podemos ter, portanto, uma transferência fonológica quando um bilíngue percebe e produz os sons de uma língua de acordo com o sistema sonoro da sua primeira língua; uma transferência morfológica, quando categorias gramaticais de uma língua passam a adentrar a outra, integralizando-se aos poucos à gramática da nova língua; e uma transferência sintática, quando a estrutura da frase de uma primeira língua é transferida à outra, tal como a ordem das palavras.

Retornando à situação dos contatos linguísticos no Brasil, segundo Altenhofen e Margotti (2011), a presença de diferentes etnias no Brasil resultou num mosaico de situações de plurilinguismo e de contatos linguísticos e num complexo e variado espectro de produção e habilidades linguísticas. Logo,

O português de contato serve para designar o português da comunidade bilíngue, numa perspectiva coletiva: uma variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área. A sua existência ou não, depende, assim, da influência do grupo sociocultural que a utiliza, influência que, por sua vez, depende da amplitude e função desse grupo, bem como da área geográfica por ele ocupada. (ALTENHOFEN, MARGOTTI, 2011, p. 298).

A condição de pluralidade social, cultural e geofísica do sul do Brasil proporciona um status particular no estudo do português falado nessa região que

decorre, de acordo com Koch (2000 apud Altenhofen, 2013)¹³, de quatro fatores determinantes relacionados com o contato: a) a presença de açorianos, chamados para áreas específicas, como o leste de Santa Catarina, b) a existência de fronteiras políticas com países de fala hispânica, no extremo sul, e o contato português-espanhol derivado dessa situação, c) o contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos e o papel das rotas dos tropeiros paulistas, no comércio de gado, d) a existência de áreas bilíngues significativas, originadas do assentamento em antigas zonas de floresta, de imigrantes não-lusos a partir do século XIX.

Altenhofen (2013) tangencia uma significativa hipótese linguística, aquela que divide o sul do Brasil em duas áreas, uma paranaense e outra rio-grandense, sendo Santa Catarina um corredor de transição. Nas palavras de Koch (2000), reportado por Altenhofen (2013), essa área de transição é denominada de Leque Catarinense. Essa divisão, segundo Altenhofen (2013), é reflexo de dois movimentos colonizadores: um que parte do Paraná no sentido sul e sudoeste, com a propensão de traços paulistas-paranaenses e outro que parte do Rio Grande do Sul no sentido oeste e noroeste, carregando um processo migratório de populações rio-grandenses, em sua maioria descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses, assentados nas Colônias Velhas.

Se na região mais central de Santa Catarina, área de campos e de rota dos paulistas até o Rio Grande do Sul, predominou o português dos lusos, no oeste foi a presença dos imigrantes, na sua maioria não falantes do português, que influenciou na formação dessa variedade. De acordo com Altenhofen (2013), podemos deduzir que há uma formação distinta do português devido às especificidades linguísticas de seus falantes e às condições de aprendizagem da língua oficial do Brasil. O autor ainda destaca que a própria forma de colonização, com assentamentos homogêneos em meio ao mato, e o isolamento advindo dessa situação auxiliaram na não aprendizagem inicial do português.

É necessário que salientemos que, dado esse processo migratório, o bilinguismo, em especial àquele relacionado às línguas de imigração, constitui uma das características mais importantes, talvez a mais significativa, da paisagem linguística do sul do Brasil. (ALTENHOFEN, 2013).

¹³ KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.) Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 55-69.

Porém, embora seja comum associarmos a presença de línguas de imigração à sua concentração no Sul do Brasil ou a estados como o Espírito Santo, de acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011), os descendentes desses imigrantes – e, conseqüentemente, suas línguas de adstrato – podem ser encontrados em meio aos diversos movimentos migratórios das populações regionais do Brasil, ao final do século XIX, em direção à “conquista do oeste”, atraídos por terras na Amazônia e no Paraguai. Essas migrações transpõem as fronteiras e chegam a outros países.

A título de exemplificação, Busse e Sella (2012), ao analisarem a situação de contato linguístico vivenciada na região oeste do Paraná, perceberam a presença de um contexto linguístico polimórfico, calcado na presença de diferentes variedades do português e de outras línguas. Em decorrência da atuação dos descendentes de imigrantes sulistas, vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que “subiam” pelo interior do país a procura de novas terras, vinculado ao papel de grupos do Norte e Nordeste do Brasil, bem como daqueles do Norte e da região central do Paraná, origina-se um contexto multicultural e multilíngue. Dessa forma, se de um lado há a manutenção de traços de grupos colonizadores catarinenses e gaúchos, de outro se percebe a adoção de variantes pertencentes a grupos de migração recente, e assim se constroi um contexto linguístico complexo no oeste paranaense, com a formação de áreas multiculturais e também de ilhas linguísticas.

No estado do Espírito Santo, de modo diferente, o processo migratório não é aquele que sobe do sul para a região mais central do país. A história dos contatos linguísticos relacionado à vinda de imigrantes neste estado remonta a períodos por vezes mais antigos se comparados àqueles da região sul, com a entrada direta de imigrantes europeus. Para melhor compreendermos essa história, recorreremos a pesquisas desenvolvidas por Peres (2014, 2015, 2018), no Espírito Santo. De acordo com a autora, este estado era pouco povoado e, no início do século XVIII, teve o contingente populacional diminuído em decorrência da corrida pelo ouro em jazidas na região central do país. Esse cenário só é alterado quando, por volta de 1813, o presidente da província do Espírito Santo, preocupado com a desocupação das terras, incentiva a vinda de imigrantes. Segundo Peres (2014), a imigração neste estado inicia em 1847, com a vinda de 163 prussianos para a Colônia de Santa Izabel. Em 1850, 140 suíços estabelecem a Colônia de Santa Leopoldina. E, assim, seguiu-se a constituição de outras colônias. O contingente italiano, o mais representativo no Espírito Santo, passa a adentrar no estado em 1874. Esses imigrantes italianos dispersaram-se por todo o estado

do Espírito Santo, sendo possível, atualmente, localizar seus descendentes nas mais variadas cidades.

Os exemplos de contatos linguísticos supracitados relacionados a tantos outros em que a presença de línguas de imigração é crucial, reforça a ideia de que em muitas localidades brasileiras as línguas minoritárias detêm tamanha legitimidade que, embora assim denominadas, tornam-se a língua da maioria.

E, para finalizar, no que diz respeito às línguas de imigração, consoante Altenhofen e Margotti (2011), dentre as mais de 30 línguas de imigração faladas no Brasil, o italiano e o alemão destacam-se tanto pela presença numérica dos falantes, quanto pela área geográfica em que se registra sua presença.

3.3 BILINGUISMO

O bilinguismo, fenômeno decorrente do contato de línguas, é um conceito ainda muito discutido e sujeito a divergências de acordo com a filiação teórica dos autores que o estudam. No senso mais comum, de acordo com Grosjean (1996), as pessoas pensam que o bilinguismo é um fenômeno raro e pertencente a países como Canadá, Suíça e Bélgica e que os bilíngues são indivíduos que têm fluência idêntica nas duas línguas.

Quanto a estudos empíricos, Heye (2003) cita Fthenakis (1985)¹⁴ que identificou duas tendências na conceituação do bilinguismo. Na primeira, ele é compreendido como competência, e, na segunda, como função.

Os conceitos de bilinguismo pertinentes à primeira tendência são de natureza linguística e são pautados num espectro relativamente amplo de definições no que se refere ao grau de domínio de ambas as línguas. Além dos extremos sugeridos por Bloomfield (1933), “o controle nativo de duas línguas” e MacNamara (1969), “a mínima competência em uma das quatro habilidades: ouvir, falar, ler, escrever”, relacionam-se a esta tendência os conceitos de [...] Haugen (1953) que, expandindo o conceito de Bloomfield, define como bilíngue o indivíduo capaz de produzir significados completos numa outra língua, [...] e Diebold (1964) que considera a mera compreensão das línguas. (HEYE, 2003)

Poderíamos, ainda, incluir nesta tendência os conceitos de bilinguismo postulados por Weinreich (1953) que rotulou de bilíngue aquele indivíduo que alternava

¹⁴ FTHENAKIS, W.E. et al. **Bilinguale** – bikulturelle Entwicklung des Kindes. München: Max Hueber, 1985.

entre duas línguas, e Baker (2001) que ressaltou a habilidade de utilizar mais de uma língua.

Os conceitos que fazem parte da segunda tendência se aproximam do campo da psicolinguística e se respaldam em questões relacionadas a funções de uso das línguas (HEYE, 2003). Nesta tendência, encontramos, dentre outros, Okasaar (1971, apud Heye, 2003)¹⁵ que considera bilinguismo a capacidade de uso de duas línguas em diferentes situações e/ou mudança automática de código, Grosjean (1982) que considera bilíngues as pessoas que usam duas ou mais línguas ou variedades em suas vidas diárias, e Savedra e Heye (1993) que compreendem o bilinguismo como fenômeno relativo e levam em consideração o ambiente e as condições nas quais o bilinguismo se desenvolve, tais como a idade de aquisição, variação do uso das línguas, fatores sociais e comportamentais, etc.

As diferentes definições sinalizam a complexidade desse fenômeno. Para Hamers e Blanc (2004), o bilinguismo implica, simultaneamente, um estado individual de sujeitos bilíngues e um estado coletivo de línguas em contato. Portanto, o bilinguismo deve ser estudado em vários níveis de análise que perpassam do individual ao societal.

É nessa perspectiva que Heye (2003) e Hamers e Blanc (2004) propõem uma distinção entre bilinguismo e bilingualidade.

O conceito de bilinguismo refere-se ao estado de uma comunidade linguística em que duas línguas estão em contato, resultando na possibilidade de uso das duas línguas numa interação de indivíduos bilíngues. Bilingualidade é o estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de uma língua como meio de comunicação social, sendo que o grau de acesso varia de acordo com dimensões psicológicas, cognitivas, psicolinguísticas, sociais [...]. (HAMERS & BLANC, 2004, p. 6).¹⁶

Assim, se o bilinguismo é definido como um estado social, a bilingualidade representa diferentes estágios de bilinguismo pelos quais os indivíduos bilíngues passam ao longo de suas vidas¹⁷. Neste trabalho utilizaremos apenas o termo

¹⁵ OKSAAR, E. Sprakpolitiken och minoriteterna. In: Schwarz, D. (ed). **Identites och minoritet**. Stocholm: Almqvist & Wiksell, 1971, p. 164-175.

¹⁶ No original: The concept of bilingualism refers to the state of a linguistic community in which two languages are in contact with the result that two codes can be used in the same interaction and that a number of individuals are bilingual (societal bilingualism); but it also includes the concept of bilinguality (or individual bilingualism). Bilinguality is the psychological state of an individual Who has access to more than one linguistic code as a means of social communication; the degree of access will vary along a number of dimensions which are psychological, cognitive, psycholinguistic, social [...].

¹⁷ O conceito de bilingualidade também é desenvolvido e estudado pelas pesquisadoras brasileiras Salgado (2009) e Savedra (2009).

bilinguismo para referir-nos a situações individuais ou sociais de domínio de mais de uma língua.

3.3.1 Bilinguismo individual

Os pressupostos teóricos de descrição do bilinguismo que gostaríamos de enfatizar nesta pesquisa são, em especial, os de Mackey (1968; 1972). Mackey (1972, p. 554) salienta que “o bilinguismo não é um fenômeno da língua, mas do seu uso. Não é uma característica do código, mas da mensagem. Não pertence ao domínio da “*langue*”, mas da “*parole*”¹⁸. Ainda, se a língua pertence ao grupo, o bilinguismo pertence ao indivíduo.

De acordo com Mackey (1972) é necessário que consideremos o bilinguismo como o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo. Para ele, o bilinguismo é um conceito relativo, pois “o ponto em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngue é arbitrário ou impossível de determinar.”¹⁹ (MACKEY, 1972, p. 555). Ainda, segundo Mackey (1972, p. 556), “bilinguismo é um padrão comportamental de modificar práticas linguísticas mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência. É em termos destas quatro características inerentes que o bilinguismo deve ser descrito.”²⁰

A noção de grau visa responder a pergunta: “Quão bem o indivíduo conhece as línguas que utiliza?”. Isso porque é comum que um indivíduo desenvolva graus diferentes de habilidades linguísticas. Um indivíduo pode, por exemplo, ser capaz de compreender e falar em uma língua, mas não saber ler nem escrever nela ou pode ser um exímio leitor, mas ser incapaz de falar em ambas com a mesma facilidade. Logo, para descrever seu bilinguismo, reverbera Mackey (1972), é preciso testar suas habilidades no uso de cada uma de suas línguas, realizando testes separados para a compreensão e a expressão nas formas oral e escrita. Além disso, “o domínio bilíngue de uma habilidade pode não ser o mesmo em todos os níveis linguísticos. O indivíduo pode ter um vasto vocabulário, mas uma pronúncia “pobre”, ou uma boa pronúncia,

¹⁸ No original: Bilingualism is not a phenomenon of language; it is a characteristic of its use. It is not a feature of the code but of the message. It does not belong to the domain of “*language*” but of “*parole*”.

¹⁹ No original: This broadening of the concept of bilingualism is due to realization that the point at which a speaker of a second language becomes bilingual is either arbitrary or impossible to determine.

²⁰ No original: Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in degree, function, alternation, and interference. It is in terms of these four inherent characteristics that bilingualism may be described.

mas uma gramática imperfeita.”²¹ (MACKEY, 1972, p. 556). As quatro competências linguísticas acima citadas são divididas, de acordo com Baker (2001), em receptivas e produtivas. Neste caso, a compreensão auditiva e a leitura são competências receptivas, enquanto a fala e a escrita são competências produtivas. A tabela abaixo, extraído de Baker (2001), sintetiza essas informações:

Quadro 1: As quatro competências linguísticas básicas

	Oralidade	Letramento
Competência Receptiva	Compreensão auditiva	Leitura
Competência Produtiva	Fala	Escrita

Fonte: BAKER (2001, p. 5)

A função corresponde às questões: “Para que o indivíduo usa suas línguas? Com quais objetivos? Com quem? Quando?”. Refere-se, portanto, aos usos ou às condições de uso das línguas e variam de acordo com fatores internos e externos. De acordo com Mackey (1972), as funções externas são determinadas pelo número de áreas em contato e pela variação de cada uma em duração, frequência e pressão. As áreas de contato incluem os meios em que as línguas são adquiridas e utilizadas, como o lar, a comunidade, a escola, os meios de comunicação, etc. Enquanto as funções internas correspondem aos usos não comunicativos, como discursos internos.

A alternância questiona “Em que medida o indivíduo alterna entre suas línguas? Como ele alterna? Em quais condições?”. Esse aspecto é determinado pelas funções de cada língua e pelo grau que o bilíngue e seu interlocutor as dominam. A proporção da alternância em um mesmo indivíduo também varia de acordo com o tema o qual ele está falando, a pessoa com quem está falando e a tensão da situação de fala. (MACKEY, 1972).

Por fim, a interferência corresponde às questões de “Quão bem o indivíduo mantém suas línguas separadas? Em que medida as funde?”. Consoante Mackey (1972), a interferência é o uso de itens que pertencem a uma língua enquanto se fala ou escreve em outra. A interferência varia de acordo com o meio, o estilo de registro e o contexto de interação, ou seja, o estilo de língua utilizado pelo falante de acordo com seu papel social.

²¹ No original: The bilingual’s mastery of a skill, however, may not be the same at all linguistic levels. He may have a vast vocabulary but a poor pronunciation, or a good pronunciation but imperfect grammar.

Consideramos, dessa forma, o bilinguismo um fenômeno dinâmico e relativo. Adotamos essa percepção, pois concluímos que se considerássemos bilíngues apenas os indivíduos com domínio igual e nativo em duas línguas, excluiríamos a grande maioria e os mais interessantes casos de bilinguismo presentes nessa situação de contato linguístico.

Em conformidade com Grosjean (2008), perceber o bilíngue pela ótica monolíngue foi o grande problema. Faz-se necessário compreender que o indivíduo bilíngue não é a soma de dois monolíngues incompletos, mas trata-se de uma configuração linguística única e específica que o transforma em um falante altamente competente; as competências linguísticas em ambas as línguas e, possivelmente, em uma terceira língua que seria uma combinação das duas primeiras, são desenvolvidas na medida em que o ambiente e as necessidades comunicativas exigem. (GROSJEAN, 2008). Ainda nas palavras de Grosjean (2008, p. 14)

O bilíngue usa duas línguas – separadas ou juntas- para diferentes propósitos, em diferentes domínios da vida, com pessoas diferentes. É porque as necessidades e os usos das duas línguas são geralmente bem diferentes que o bilíngue raramente é igual ou completamente fluente nas duas línguas.²²

A dinamicidade do bilinguismo também tem relação com a idade e o modelo de aquisição das línguas pelos indivíduos. Hamers e Blanc (2004) indicam a existência de bilíngues simultâneos e consecutivos. Os bilíngues simultâneos são aqueles que adquirem as duas línguas ao mesmo tempo, normalmente no lar e de maneira informal. No caso de crianças, ambas as línguas se tornam suas línguas maternas. O bilinguismo consecutivo se dá quando o indivíduo adquire a segunda língua após a aquisição da sua língua materna, comumente através do ensino direto ou formal, nas escolas ou com a comunidade.

Ora, temos, portanto, dois perfis de bilíngues. De um lado aquele que adquiriu duas línguas em casa desde a infância, que pode ter acesso à educação nas duas línguas e que as utiliza regularmente em diferentes situações do dia a dia; e de outro, temos o indivíduo cuja língua materna é uma língua diferente daquela utilizada na sociedade em que ele vive e daquela ensinada na escola, sendo ela utilizada apenas com a família. (HAMERS & BLANC, 2004). O primeiro perfil de bilíngue é o composto, pois há um

²² No original: The bilingual uses the two languages—separately or together—for different purposes, in different domains of life, with different people. Because the needs and uses of the two languages are usually quite different, the bilingual is rarely equally or completely fluent in the two languages.

equilíbrio no uso das línguas, enquanto o segundo perfil é de um bilíngue coordenado, no qual há uma dominância de uma das línguas. Em diversas situações de contato linguístico, não é a língua materna do indivíduo a dominante, mas sim a sua segunda língua, geralmente a majoritária e oficial.

Grosjean (2008) ainda sugere que os bilíngues, em suas vidas diárias, encontram-se ao longo de um *continuum* situacional e é isso que induz a escolha linguística dos falantes. Assim, em um extremo do *continuum*, os bilíngues estão em um modo totalmente monolíngue, utilizando apenas uma das línguas que conhecem. Neste modo, os bilíngues adotam a mesma língua utilizada pelo interlocutor monolíngue e tentam desativar a sua outra língua o mais completamente possível. (GROSJEAN, 1994).

No outro extremo do *continuum*, os bilíngues se encontram em um modo bilíngue e se comunicam com pessoas também bilíngues. (GROSJEAN, 1994). Este mesmo autor também destaca que, primeiramente, os bilíngues adotam uma língua para iniciar a conversação, conhecida como língua de base ou matriz. Esse processo é governado por uma série de fatores, tais como: os interlocutores envolvidos (ou seja, a língua habitual da interação, a proficiência na língua, o status socioeconômico, a idade, o sexo, a ocupação, a escolaridade, o parentesco e as atitudes em relação à língua), a situação da interação (localização, grau de formalidade e intimidade e presença de outros monolíngues), o conteúdo do discurso (tema e vocabulário) e a função da interação (comunicar informações, criar uma distância social entre interlocutores, para excluir alguém, para pedir algo, etc). (GROSJEAN, 1994).

Após fazer a escolha da língua base, segundo Grosjean (1994), os bilíngues podem trazer outra língua para a conversação de várias maneiras. Uma delas e a mais comum é emprestar uma palavra ou expressão curta de uma língua, adaptando-a morfológica e até fonologicamente à língua de base. O empréstimo seria a integração de uma língua à outra, tanto na forma, como no conteúdo da palavra emprestada. (GROSJEAN, 1994).

Outra forma é a mudança ou alternância de códigos linguísticos, conhecida popularmente como *code-switching*. De acordo com Gumperz (1970), Poplack (1980), Romaine (1995) e Mozillo (2009), o *code-switching* corresponde ao uso alternado de mais de uma língua ou variedade dentro de um único evento comunicativo. Tem-se, portanto, que além de alternarem entre estilos e variantes, os falantes bilíngues “[...]”

podem alternar entre códigos ou mesmo misturá-los na interação, criando, deste modo, enunciados híbridos [...]” (MOZILLO, 2009, p. 13).

Embora tenha sido considerado durante muito tempo um fenômeno idiossincrático e desgovernado, presente na fala de bilíngues que não tinham pleno domínio de nenhuma das suas línguas, Mozillo (2009) salienta que foi Gumperz, em 1970, um dos primeiros pesquisadores a argumentar que este fenômeno não é randômico, possuindo motivações estilísticas e metafóricas.

3.3.2 Bilinguismo social e multilinguismo

De acordo com Romaine (2013), os indivíduos bilíngues podem pertencer a comunidades de vários tamanhos e tipos. Algumas são formadas por alguns indivíduos e outras por milhares, algumas compreendem regiões de um país e outras apenas partes de uma cidade. O que é crucial para definirmos uma comunidade bilíngue não são seus limites geográficos, mas sim o senso de solidariedade e interação baseados em uma língua e as relações entre as pessoas que se identificam como membros dessa comunidade (ROMAINE, 2013).

Essas realidades bilíngues e, muitas vezes, multilíngues surgem de diversas formas, basta que se tenham duas ou mais comunidades monolíngues em contato. De acordo com Edwards (2013), o mais comum é que colonos ou invasores carreguem consigo suas línguas ou, às vezes, assim como na expansão imperialista e colonial, a presença física dessas pessoas é desnecessária, pois sua língua marca presença através da força militar, religiosa ou econômica, exigindo apenas um pequeno número de soldados, comerciantes, burocratas e missionários.

Consequentemente, segundo Romaine (2013), estima-se que existam cerca de 6.900 línguas no mundo e 200 países, ou seja, trinta vezes mais línguas do que países. Dados extraídos do *Ethnologue*²³, em 2019, indicaram um aumento dessa estatística com a existência de 7.111 línguas vivas conhecidas. O bilinguismo e o multilinguismo estão presentes em praticamente todos os países do mundo, seja oficialmente reconhecido ou não. Apesar da presença quase universal de mais de uma língua em cada país, a distribuição dessa diversidade linguística é desigual, pois 80% das línguas se

²³ *Ethnologue* < <https://www.ethnologue.com/country/BR> > Acesso em 05 de agosto de 2019.

fazem presentes em apenas 20 países, incluindo os países mais ricos e os mais pobres do mundo (ROMAINE, 2013, p. 448). Esses países são

Papua Nova Guiné (830 línguas), Indonésia (722), Nigéria (521), Índia (445), Estados Unidos (364), México (297), China (296), Camarões (279), República Democrática do Congo (217), Austrália (207), **Brasil (193)**, Filipinas (181), Canadá (169), Malásia (145), Federação Russa (135), Sudão (134), Chade (133), Tanzânia (129), Nepal (127), e Myanmar (116).²⁴ (ROMAINE, 2013, p. 448). Grifo nosso

Como podemos perceber, o Brasil está entre os vinte países mais multilíngues do mundo. De acordo com o *Ethnologue*²⁵, são 237 as línguas existentes no Brasil. Destas, 217 estão vivas e 20 já estão extintas. Das línguas vivas, 201 são indígenas e 16 não indígenas, 7 são institucionalizadas, 31 estão em desenvolvimento, 39 são vigorosas, 40 estão em perigo e 100 já estão em processo de extinção. Ainda, segundo o IPOL²⁶ (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística), até o final de 2018 o Brasil contava com 11 línguas cooficializadas em 30 municípios brasileiros. Destas línguas, sete são indígenas (Tukano, Nheengatu, Baniwa, Guarani, Akwê Xerente, Macuxi e Wapichana) e quatro são línguas de imigração (Pomerano, Talian, Hunrückisch e Alemão).

Segundo Romaine (2013), o Estado tem um papel importante na relação entre o bilinguismo individual e social que fica visível através das razões pelas quais certos indivíduos são ou se tornam bilíngues. Isso porque, embora dentro de um Estado tenhamos diferentes comunidades linguísticas, geralmente uma ou algumas línguas são reconhecidas para serem utilizadas no sistema educacional e em outras instituições sociais. “A(s) língua(s) que uma pessoa aprende na escola e é educada são determinadas pelas políticas governamentais que favorecem a(s) língua(s) estatal(is) dominante(s)”.²⁷ (ROMAINE, 2013). Como resultado, ainda segundo a autora, menos de 4% das línguas no mundo possuem qualquer tipo de status oficial nos países onde são faladas,

²⁴No original: Papua New Guinea (830 languages), Indonesia (722), Nigeria (521), India (445), United States (364), Mexico (297), China (296), Cameroon (279), Democratic Republic of the Congo (217), Australia (207), Brazil (193), the Philippines (181), Canada (169), Malaysia (145), Russian Federation (135), Sudan (134), Chad (133), Tanzania (129), Nepal (127), and Myanmar (116).

²⁵ Acesso em 29 de agosto de 2019.

²⁶ IPOL < <http://e-ipol.org/tag/linguas-do-brasil/>> Acesso em 29 de agosto de 2019.

²⁷No original: Hence, the language(s) a person learns at school and is educated in are determined by the policies of individual governments which favor the dominant state language(s).

prevalecendo uma pequena quantidade de línguas dominantes como línguas do governo e da educação.

Não obstante, ainda gera um estranhamento falar em diversidade linguística no Brasil, pois os contextos plurais são por muitos ainda desconhecidos. De acordo com Oliveira (2008), no Brasil se produziu o “conhecimento” de que se fala o português e o “desconhecimento” de que muitas outras línguas foram e são igualmente faladas. Esse é o resultado de uma ideologia construída historicamente de que é “fato natural” falar apenas português no Brasil. Esse consenso é fruto de diversas políticas linguísticas monolingualizadoras, entre elas o Diretório dos Índios, assinado por Marquês de Pombal, em 1757, e o projeto de Nacionalização, instituído por Getúlio Vargas (1938), que tentaram reduzir o número de línguas, num processo de *linguiscism* (ver Skutnabb-Kangas & Phillipson, 1996) (assassinato de línguas) através da substituição dessas línguas pela língua portuguesa. (OLIVEIRA, 2008).

3.4 MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

Para Fasold (1996) a manutenção linguística ocorre quando a comunidade opta por continuar utilizando sua língua minoritária de forma equilibrada no que se refere à quantidade de falantes e às situações de uso, enquanto a substituição linguística representa uma decisão conjunta da comunidade de passar a empregar a língua majoritária em situações nas quais antes era empregada a língua minoritária.

Fica nítido, contudo, que as situações de bilinguismo social são, no geral, marcadas por relações de poder entre os grupos sociais (ROMAINE, 1995). Para Mello (2011), essas relações de poder são assimétricas, uma vez que por razões socioculturais, socioeconômicas e étnicas, atribui-se maior prestígio a uma língua em detrimento da outra. Através dessas relações, a língua de maior prestígio assume as funções mais importantes na comunidade - é a língua oficial, do poder público, da escola, dos meios de comunicação, das situações formais - enquanto a língua de menor prestígio assume papéis secundários, de menor importância política e social - é a língua de casa, da intimidade, de interação com a família e amigos, das situações informais.

De acordo com Appel & Muysken (2005), essas diferenças de âmbito funcional resultam, no decorrer do tempo, em deslocamento da língua dominada em favor da dominante, ou seja, em um processo de substituição linguística. Esse processo pode

levar anos, séculos ou acontecer em um curto espaço de tempo. O mais importante a se ressaltar, conforme Romaine (1995), Appel & Muysken (2005) e Mello (2011), é que a substituição linguística não depende de fatores linguísticos, mas extralinguísticos, como a concentração demográfica do grupo, as práticas sociais, a religião, o nacionalismo, a pressão do grupo majoritário, os interesses econômicos, as políticas linguísticas sociais/familiares, a não penetração das línguas minorizadas em determinados domínios, as atitudes e a motivação das pessoas para o uso e a preservação da língua na comunidade, entre outros.

Appel & Muysken (2005), seguindo o modelo de Giles (1977), citam três fatores centrais nos processos de manutenção e substituição linguística: status, demografia e apoio institucional.

O status econômico e social tende a levar à mudança rumo à língua majoritária quando os falantes da língua minoritária são, no geral, de baixa renda e associam a língua majoritária ao progresso econômico, à vida moderna e à ascensão social. Contudo, quando relacionado a uma história etnolinguística do grupo, o status social pode mobilizar a continuidade de uma identidade étnica, fazendo com que a língua minoritária seja mantida. O status social de determinada língua também pode ser baixo quando esta for uma variedade não modernizada e não padronizada quando comparada a outras variedades de uma língua histórica. (APPEL & MUYSKEN, 2005).

Em relação à demografia, Appel & Muysken (2005) destacam a importância do número de membros de um determinado grupo minoritário e a sua distribuição geográfica. A queda no número de membros do grupo implicaria no declínio do uso da língua em questão e facilitaria a sua substituição. Os autores ainda destacam que o número de falantes pode ser influenciado pela ocorrência de casamentos interétnicos, pois nesses casos é a língua mais prestigiada que tende a ser adotada como a língua do lar e a língua transmitida aos filhos. A título de exemplificação, Horst (2011) e Horst e Krug (2012), ao pesquisarem o contato linguístico alemão-português, no município de Colinas-RS, atestam que o processo de lusitanização de termos do alemão está diretamente relacionado com os casamentos interétnicos, entre alemães e pessoas de outras etnias.

Esse fator também estabelece relação com a concentração dos falantes, se mais urbana ou rural e isso tende a mostrar diferenças nos padrões de manutenção ou substituição linguística. O mais comum é a tendência de os grupos rurais preservarem a língua minoritária por mais tempo que os grupos urbanos e isso decorre da pressão

social diária pelo uso da língua de maior prestígio. Quando o falante reside em uma comunidade rural mais isolada, onde seus vizinhos também sejam possíveis falantes da língua minoritária, não há necessidade ou pressão para que se utilize a língua majoritária, diferentemente daqueles que residem no meio urbano e em várias situações diárias são forçados a utilizar tal língua. (APPEL & MUYSKEN, 2005).

O apoio institucional, ainda de acordo com os autores, faz referência às medidas tomadas por instituições nacionais, regionais ou comunitárias em prol da língua minoritária. De maneira geral, a manutenção tende a ser maior quando a língua minoritária for utilizada também pelas instituições governamentais, pela igreja e pelas organizações culturais.

Um exemplo de manutenção linguística relacionada ao apoio promovido pela igreja é discorrido por Wehrmann (2016), em sua dissertação orientada por Horst (2016). A autora faz um estudo comparativo na manutenção da variedade de imigração alemã em dois pequenos municípios do oeste de Santa Catarina, Tunapólis que é predominantemente católico, e Cunha Porã que é predominantemente luterano. A comunidade que é mais luterana tende a manter mais o alemão, pois a igreja luterana se institui como local de interação na língua alemã, além de ser um símbolo de identidade que possui prestígio e *status*. No geral, os cultos, os hinos e os materiais religiosos são todos em alemão na igreja luterana, enquanto que a igreja católica passou a adotar o português nas suas celebrações.

Outro exemplo de apoio institucional são as cooficializações a nível municipal. Cooficializar uma língua, segundo Oliveira (2015), seria torná-la oficial ao lado de outra língua já oficializada, garantindo a ambas a igualdade de possibilidades respaldando-se na lei.

A inserção da língua minoritária no sistema educacional seria, para Appel & Muysken (2005), outra ação de suma importância para a manutenção das línguas minoritárias, pois desencadearia um estímulo para o uso a partir das crianças, além de ser um mecanismo de documentação da língua através da escrita e leitura. Contudo, as práticas de ensino de línguas minoritárias de imigração já realizadas no sul do Brasil levantam uma questão relevante e até mesmo preocupante. Muitas vezes o ensino não corresponde à variedade falada pela própria comunidade de imigração e sim à variedade padrão correspondente. A língua ensinada não é a mesma falada pelos pais, avós ou bisavós, não remete às origens dos alunos, nem se relaciona as suas identidades. Trata-se de uma língua oficial que se institui com um caráter de língua estrangeira.

Fishman (1979) também estuda os processos de manutenção e substituição linguística e os relaciona a três outros temas: domínios, processos psicológicos, sociais e culturais, e atitudes. O domínio diz respeito ao espaço em que a língua é utilizada, assim, para o pesquisador, o domínio familiar é o mais influente no processo de manutenção linguística, seguido do domínio religioso e do ocupacional. Os processos sociais, culturais e psicológicos incidem sobre diversas variáveis que influenciam na manutenção ou substituição linguística, e Fishman (1979) faz duas generalizações no que tange a esse tema: habitantes das cidades são mais propensos à substituição linguística, enquanto os habitantes do campo são mais conservadores; a língua de maior prestígio tende a substituir a de menor prestígio, dependendo do contexto de valoração das línguas em cada comunidade. Por fim, as atitudes dizem respeito ao comportamento dos falantes (ou dos não falantes) em relação às línguas minoritárias, pois é comum que surjam valorações positivas ou depreciativas a depender do contexto linguístico.

Em relação à substituição linguística, alguns autores, dentre os quais podemos citar Appel & Muysken (2005), Horst (2011) e Mello (2011), demonstram que há um padrão geral para esse processo em comunidades de imigração. A primeira geração, proveniente do país de origem, torna-se bilíngue com claro domínio da variedade minoritária, a segunda geração é bilíngue e qualquer das duas línguas pode ser a dominante, a terceira geração é bilíngue, apresentando a língua majoritária como dominante e a quarta geração só tem domínio na língua majoritária. Haveria, portanto, uma transição *monolinguismo –bilinguismo - monolinguismo*. A comunidade que era monolíngue na língua A, passa a ser bilíngue nas línguas A e B, tornando-se novamente monolíngue agora na língua B. Esse padrão geral detectado por inúmeras pesquisas varia de acordo com as comunidades de imigração.

De acordo com Janse (2003), uma substituição linguística pode ser total quando há mudança gradual em direção à língua dominante em situações de contato. Essas situações envolvem um estágio intermediário de bilinguismo no qual a língua subordinada é empregada por um número decrescente de falantes, em um número também decrescente de contextos, até o desaparecimento completo. (JANSE, 2003).

No sul do Brasil, as causas relacionadas à iminente substituição linguística de línguas de imigração, segundo Vandresen (2009), ligam-se a fatos históricos que criminalizaram o uso das línguas maternas dos imigrantes, em especial a partir do governo de Getúlio Vargas. A descontinuidade no ensino das línguas de imigrantes, que antes contavam com suas próprias escolas, criou um vácuo de referência e falta de

atualização lexical para as variedades do alemão, italiano, polonês, etc., que aos poucos necessitaram desenvolver seu léxico a partir de empréstimos do português e com práticas mais frequentes de alternância de código. Assim, o empobrecimento na competência linguística alinhado à perda de funções das línguas de imigração causam avaliações de baixo prestígio e estigmatização dessas variedades, uma das causas para sua gradual substituição.

A UNESCO, no ano de 2003, publicou um documento a fim de mensurar a vitalidade linguística das línguas minoritárias. De acordo com o fator transmissão linguística intergeracional, uma língua estaria *segura* se estivesse sendo falada por todas as gerações, sem ameaça de qualquer outra língua; estaria *estável, mas ameaçada* se fosse falada por todas as gerações, na maioria dos contextos de comunicação (alguns desses contextos já estariam suprimidos); estaria *insegura* se nem todas as crianças ou famílias de uma comunidade adquirissem-na como primeira língua, havendo, então uma restrição de domínios de uso; estaria *ameaçada* se as crianças já não estiverem mais adquirindo em casa (os pais podem até falar com seus filhos nessa língua, mas estes já não a utilizam); estaria *severamente ameaçada* quando falada apenas pelos avós e gerações mais velhas; e em *perigo crítico* quando falada apenas pelos bisavós (estes podem nem lembrar mais da língua por completo), sem ser utilizada em interações cotidianas, por não ter falantes suficientes para isso. Essa mensuração feita pela UNESCO (2003) levou em consideração vários fatores além da transmissão intergeracional, como: número absoluto de falantes, proporção de falantes em relação à população total, grau de domínio nas línguas, existência de novos tipos de domínios e de mídia, e existência de materiais para educação e alfabetização nas línguas. E, de acordo com a organização, nenhum desses fatores deve ser analisado de forma isolada, afinal uma língua só estará a salvo quando todos esses fatores estiverem em harmonia.

Janse (2003) também estabeleceu um *continuum* com níveis de comprometimento das línguas minoritárias em situação de contato. Assim, uma língua está *potencialmente ameaçada* se as crianças começarem a dar preferência à língua dominante, aprendendo imperfeitamente a língua minoritária; está em *perigo* se os falantes mais jovens são adultos jovens, com poucas crianças falantes; está *seriamente ameaçada* se os falantes mais jovens são pessoas de meia idade ou mais; e está *terminalmente ameaçada* se houver apenas falantes idosos.

Essa tendência, segundo Romaine (2013), leva à “[...] extinção de muitas línguas minoritárias devido à disseminação de algumas línguas mundiais, como o inglês,

francês, espanhol e chinês”.²⁸ E por isso Romaine (2013) questiona a afirmação feita por diversos governos mundiais de que o bilinguismo está aumentando, afinal o que aumenta é o bilinguismo em línguas consideradas oficiais, enquanto o multilinguismo social declina.

Cabe, contudo, considerar que a transmissão da língua materna é uma prática construída socioculturalmente, isto é, como uma consequência de experiências sociais, econômicas e políticas. Fishman (2013) alerta que uma iminente monolingualização de grupos formados muitas vezes por milhares de pessoas não é um resultado automático ou inevitável e, portanto, não deve ser naturalizado.

Ao encontro disso, Raso, Mello e Altenhofen (2011,) sugerem que a preocupação com o desaparecimento de línguas minoritárias no mundo abre espaço para pensar no destino de tantas línguas, não mais vistas apenas como obstáculo à comunicação e à unificação social, mas concebidas como um patrimônio cultural imaterial. “Uma língua que desaparece leva consigo um conjunto de conhecimentos sobre o ambiente, sobre a cultura material e de estruturas cognitivas refletidas nas estratégias comunicativas das línguas.” (NETTLE; ROMAINÉ, 2000, apud RASO, MELLO, ALTENHOFEN, 2011, p. 21)²⁹. Perder línguas, nesse sentido, significa perder possíveis testemunhos do comportamento da cognição humana.

Janse (2003) expõem três motivos para os quais a descrição de línguas minoritárias é uma tarefa urgente e importante. Primeiro, “[...] todas as línguas expressam pensamentos e ideias de maneiras únicas, gramatical e semanticamente”³⁰ (JANSE, 2003, p. 6), estudá-las significa ampliar a compreensão geral da soma total das possibilidades do processo formal e da expressão semântica dos padrões do pensamento humano. Segundo, descrever as línguas minoritárias (e também ameaçadas) as salva do esquecimento após a morte dos seus últimos falantes, dando oportunidade para que seus descendentes se familiarizem com a língua e até mesmo as reaprendam. Isso ocorreu, segundo Janse (2003) com uma língua aborígine de Kaurna, seu último falante havia morrido em 1927, mas ela foi revitalizada a partir das descrições feitas por linguistas anteriormente. Terceiro, as línguas são guardiãs da história e da cultura dos seus falantes e a sua extinção representa uma perda irrecuperável de parte da humanidade.

²⁸ No original: [...] is the extinction of many smaller languages due to the spread of a few world languages such as English, French, Spanish and Chinese.

²⁹ NETTLE, D.; ROMAINÉ, S. *Vanishing Voices*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

³⁰ No original: [...] every language expresses thoughts and ideas in unique ways, both grammatically and semantically.

Logo, a conservação das tradições orais através dessas línguas possibilitará um entendimento dos valores humanos, da cultura, das visões de mundo, da arte verbal, da literatura oral, etc.

Na sequência, nos debruçaremos sobre os pressupostos teóricos que incidem sobre a abordagem metodológica que adotamos nesta pesquisa. Conheçamos, portanto, a dialetologia pluridimensional e relacional a partir do seu viés teórico e histórico, para que, posteriormente, possamos melhor compreender seu eixo descritivo e analítico.

3.6 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

A dialetologia, segundo Cardoso (2010), é um ramo dos estudos linguísticos que tem por objetivo identificar, descrever e mapear os diferentes usos em que uma língua se diversifica, de acordo com sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Para Cardoso (2010) é o espaço geográfico que evidencia a particularidade de cada lugar, sinalizando a variedade que a língua assume de região para região, como resposta à diversidade cultural, à natureza demográfica da área, à própria base linguística já existente e ao contato de outras línguas que tenham estado presentes naquele espaço ao longo de sua história.

As diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais, reitera Cardoso (2010), porque as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos linguísticos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, logo, geográficos. Essa percepção fez com que os estudos geolinguísticos aflorassem e se desenvolvessem em todos os continentes, explicando a expansão de projetos de construção de atlas linguísticos com diversificadas visões espaciais.

Os primeiros estudos dialetológicos, contudo, não tocaram a diversidade cultural, as diferenças socioeconômicas e a variação topográfica. Tinha-se, no início, uma estabilidade de informantes que deviam ser, segundo Chambers e Trudgill (1994) e Thun (2009), homens velhos, do campo e sedentários, popularmente conhecidos como ROM – *rural old man*.

Chambers e Trudgill (1994) salientam que os informantes, e de preferência seus pais, tinham que ser topoestáticos, ou seja, ter nascido e vivido em um mesmo local, tinham que ser camponeses ou ao menos estarem vinculados a uma comunidade agrícola e tinham que ter no mínimo 60 anos. Eis algumas motivações: deveriam ser topoestáticos para garantir que a sua fala fosse característica da região em que viviam;

deveriam ser mais velhos para refletir a fala de uma geração anterior; deveriam ser camponeses porque as comunidades urbanas implicavam demasiada mobilidade e fluxo; por fim, deveriam ser homens, pois nos países ocidentais a fala das mulheres tendia a ser mais reflexiva e com mais consciência de classe do que a dos homens. (CHAMBERS & TRUDGILL, 1994).

No entanto, a escassez de informantes pertencentes a esse perfil gerou, nos últimos tempos, um descontentamento com a geolinguística. Para Cardoso (2009), se antes a prioridade estava em informantes de pouca ou nenhuma instrução formal, geralmente com mais idade e arraigados à sua terra, hoje, o entendimento das relações língua - fatores sociais - espaços geográficos passou a exigir uma diversidade maior de usuários da língua a ser considerada. Passam a interessar, portanto, nas mesmas proporções, os informantes urbanos, com maior grau de escolaridade, de diversificadas faixas etárias, e que se deslocam, que transferem sua residência e que apresentam certa mobilidade. (CARDOSO, 2009).

O Brasil, por exemplo, embora tenha sido até o século XX um país predominantemente rural, passa atualmente por um processo inverso. A nova configuração social pode ser explicada pela difusão dos meios de comunicação, pela extensão das redes rodoviárias, pelo grau de mobilidade dos cidadãos que passaram a superpovoar os centros urbanos o que resulta numa inter-relação mais efetiva entre os diferentes estratos socioculturais.

Logo, segundo Cardoso (2010), se a intenção de localizar fenômenos linguísticos nos espaços geográficos é uma constante na história dos estudos dialetológicos, não passam mais à margem outras características sociais dos informantes e as suas implicações no uso que fazem da língua. Outros fatores sociais, como a idade, o gênero e a escolaridade têm se constituído em aspectos da variação que ocupam lugar nos estudos dialetológicos.

Tal perspectiva acaba por gerar uma confluência de objetivos entre a dialetologia e a sociolinguística, por vezes uma confusão ou até mesmo uma relação sinonímica entre as áreas. Todavia, os objetivos dessas disciplinas são delineáveis. Para Thun (2009) e Cardoso (2010), embora se ocupem da diversidade linguística e mantenham ambas um foco diatópico e sociolinguístico, há diferenças. A dialetologia, mesmo considerando fatores sociais, tem como base a localização espacial dos fenômenos considerados, sendo eminentemente diatópica. A sociolinguística, por sua vez, embora

considere o fator espacial, centra-se nas motivações sociais, priorizando as relações sociolinguísticas.

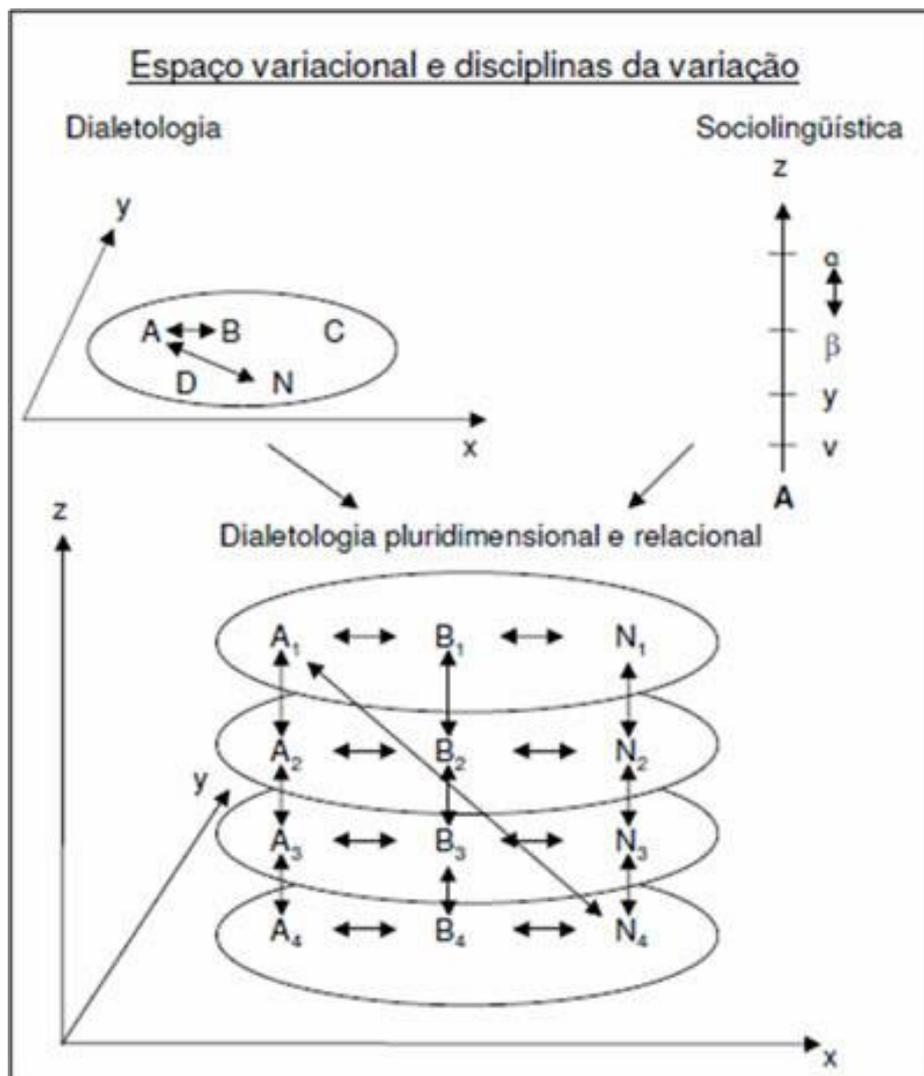
Cardoso (2009) ainda destaca que a geolinguística no Brasil é multifacetada e comprometida com um amplo rol de variáveis, estando preocupada em agregar à preocupação diatópica os dados de natureza sociolinguística que permitirão uma fotografia mais completa da realidade das línguas faladas no Brasil. Segundo Cardoso (2009, p. 14)

a Geolinguística hoje [...] deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais.

Esse enlace entre a dialetologia, num primeiro momento tradicional e monodimensional, com as variáveis sociolinguísticas, abre espaço para o surgimento da dialetologia pluridimensional. Esta última corresponde à metodologia a ser aplicada nesse estudo e “[...] procura desenvolver sobre a variação diatópica toda uma gama de tipos de variações não areais.” (THUN, 2009, p. 536).

As principais finalidades da dialetologia pluridimensional, de acordo com Thun (2005), são: a) combinar a dialetologia areal com a sociolinguística para converter o estudo da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística; b) focalizar as inter-relações no espaço, indo da superfície ao eixo social e vice-versa; c) analisar as relações de todos os tipos, não só aquelas entre pontos da mesma superfície, mas os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos de outra superfície. A figura a seguir, extraída de Thun (2005), apresenta um esquema do espaço tridimensional criado pela dialetologia pluridimensional e sua relação com os pontos geográficos e as dimensões sociais, e nos ajuda a compreender a última finalidade supracitada:

Figura 4 - Esquema variacional e disciplinas da variação



Fonte: (THUN, 2005, p.67)

De acordo com a imagem, a relacionalidade nos ajuda a unir não só os pontos da mesma superfície ($A-B$), ou aqueles que ligam os pontos do mesmo eixo ($\alpha-\beta$), mas sim os vínculos entre os pontos da superfície e os pontos análogos de outra superfície (A^1-B^1 e A^2-B^2), e as relações entre os pontos diagonais (A^1-B^2). Trata-se, portanto, de uma metodologia além de pluridimensional, relacional.

Percebe-se, portanto, que a noção da pluridimensionalidade inserida na dialetologia proporciona à perspectiva geográfica, variáveis da sociolingüística, apresentando e relacionando variações de diferentes pontos geográficos, mas também de dentro de uma mesma comunidade de fala. É essa relação geográfica (horizontal) com diferentes dimensões sociolingüísticas (vertical) que cria um espaço tridimensional,

possibilitando um olhar mais amplo e aprofundado do fenômeno linguístico na medida em que se aumentam os aspectos de análise.

Segundo Thun (2010), mais do que a fusão metodológica da dialetologia tradicional e dos princípios sociolinguísticos, a dialetologia pluridimensional é o desenvolvimento de aspectos e técnicas de análise de contato de línguas.

Thun (2010) também comenta que a dialetologia pluridimensional agrega diferentes variáveis organizadas em dimensões e parâmetros, sendo que a cada dimensão temos a combinação de dois ou mais parâmetros. A dimensão estabelece uma relação opositiva, na maioria dos casos binária de parâmetros definitórios, como a geração dos jovens ou dos velhos, homens, estilo de leitura, etc. (THUN, 2005).

Figura 5 - Dimensões da Dialetologia Pluridimensional

DIMENSÃO	PARÂMETRO
1.dialingual	Espanhol Português
2.diatópica	Topostático
3.diatópica-cinética	Topostático topodinâmico
4.diastrática	Classe alta Classe baixa
Diageracional	Geração II Geração I
6.diassexual	Mulheres Homens
7.diafásica	R L C
8.diarreferencial	Fala objetiva Fala metalinguística

Fonte: Thun (2005, p.71)

A seguir, baseando-nos em Thun (1996, 2005), detalharemos brevemente as dimensões da dialetologia pluridimensional:

Dimensão dialingual: contempla as diferentes variedades a serem estudadas.

Dimensão diatópica: refere-se à localização dos informantes no espaço, que podem estar divididos em topostáticos (indivíduos que vivem praticamente toda vida no mesmo lugar) e topodinâmicos (indivíduos com maior mobilidade espacial).

Dimensão diastrática: aplica-se ao critério da escolaridade formal, sendo o grupo sociocultural baixo aquele cujo grau de escolarização vai até o ensino básico, enquanto os indivíduos que cursam ou que concluíram o ensino superior compõem o grupo sociocultural alto.

Dimensão diageracional: distingue-se o grupo dos mais jovens (18 a 36 anos) e o grupo dos mais velhos (mais de 55 anos), sendo que a margem de tempo entre uma geração e outra auxilia numa melhor percepção da trajetória de uma possível mudança linguística.

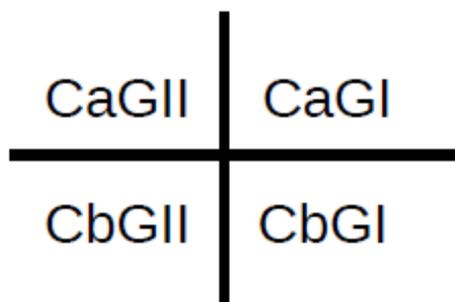
Dimensão diafásica: refere-se ao estilo utilizado nas entrevistas e, conseqüentemente, ao nível de formalidade dos informantes.

Dimensão diassexual: contrastam-se os comportamentos linguísticos de homens e mulheres.

Dimensão diarreferencial: contemplam-se os comentários metalinguísticos dos informantes, refletindo suas percepções, crenças e atitudes frente às variedades.

Uma pesquisa que segue os pressupostos metodológicos da dialetologia pluridimensional não precisa contemplar todas essas dimensões que foram apresentadas. Cada situação determina as dimensões a serem consideradas conforme os objetivos estabelecidos. De acordo com Thun (1998), há quatro grupos considerados *standard*. Esses grupos são apresentados graficamente em uma cruz que é formada por quatro células derivadas das dimensões diastrática e diageracional.

Figura 6 - Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais



Fonte: (THUN, 2010, p.709)

Como nos mostra a figura, os dois grupos socioculturalmente altos (Ca) que se localizam nas duas cédulas superiores da cruz e os dois grupos socioculturalmente baixos (Cb) que ocupam as duas cédulas inferiores estão separados pela linha horizontal; enquanto a linha vertical separa os dois grupos geracionais, o mais velho (GII) e o mais novo (GI). (THUN, 1998).

Nesta pesquisa, selecionamos as seguintes dimensões para seleção dos informantes: a) dialingual, com bilíngues italiano-português e alemão-português; b) diatópica, com informantes pertencentes a dois pontos geográficos distintos; c) diastrática, com informantes com no máximo ensino médio (Cb) e informantes com ensino superior (Ca); d) diageracional, com informantes entre 18 e 36 anos (GI) e informantes com mais de 55 anos (GII); e) diassexual, com informantes homens e mulheres; f) diafásica, com os diferentes estilos utilizados durante a entrevista (conversa livre, leitura, escrita).

Neste capítulo, vimos alguns dos pressupostos teóricos e metodológicos que são básicos para esta pesquisa, a salientar aqueles relacionados aos contatos linguísticos e ao bilinguismo. Abordá-los é imprescindível para que melhor se compreenda os procedimentos descritivos e analísticos que doravante serão feitos. Na sequência, apresentaremos a metodologia que orienta esta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Através desta pesquisa temos como intuito descrever o bilinguismo de dois grupos de falantes de línguas minoritárias – teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros – em dois municípios do Oeste Catarinense, Saudades e Nova Erechim. Trata-se de duas localidades que compartilham semelhanças no que diz respeito à constituição sócio-histórica, com uma proximidade geográfica e com a economia baseada na agricultura familiar.

Pretendemos descrever o bilinguismo de teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros nessas localidades a partir da análise das funções de uso desempenhadas pelas línguas minoritárias e do grau de domínio dos falantes nestas línguas no que concerne às quatro habilidades linguísticas – ler, escrever, compreender e falar. Essa análise será feita a partir das respostas dadas à aplicação de um questionário metalinguístico, anotações feitas em caderno de campo, texto para leitura e texto para escrita.

Neste capítulo, descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Apresentaremos as dimensões de análise, o perfil e a seleção dos informantes e os procedimentos de coleta, descrição e análise dos dados.

4.1 DIMENSÕES ANALISADAS

De modo a seguir os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional (ver Thun 1996, 2005, 2009, 2010), os informantes foram selecionados de acordo com sexo/gênero³¹, faixa etária e nível de escolaridade. Contemplam-se, portanto, as dimensões diassexual, diageracional e diastrática. Também, são consideradas as dimensões diatópica e dialingual, uma vez que temos duas localidades nas quais se realizam as coletas, Saudades e Nova Erechim, e dois contatos linguísticos, *Deutsch*-português e *Talian*-português. Igualmente, serão utilizados três estilos de coleta de dados: a aplicação de um questionário metalinguístico, anotações feitas em caderno de campo a partir de observações e comentários feitos durante a coleta de dados, e leitura e escrita de textos.

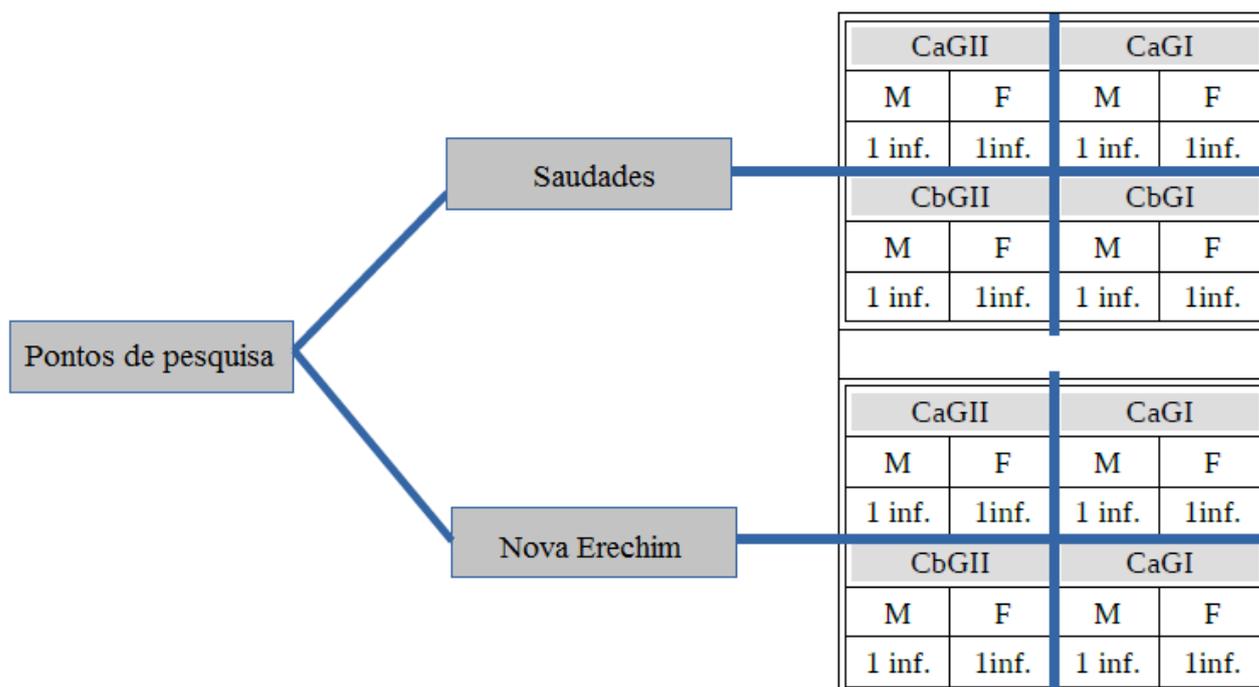
³¹ Importante salientar que até o presente momento estudos relacionados à neolinguagem e gênero neutro não foram desenvolvidos nesta área de pesquisa. Continuamos utilizando a nomenclatura postulada por Thun em suas primeiras pesquisas.

4.2 PERFIL DOS INFORMANTES

Os informantes desta pesquisa são, necessariamente, descendentes de alemães em Saudades-SC e de italianos em Nova Erechim-SC. Têm residência fixa nessas localidades há pelo menos $\frac{3}{4}$ da vida e, obrigatoriamente, nos últimos cinco anos.

Em cada uma dessas localidades foram entrevistados oito informantes, totalizando dezesseis, que ao longo do trabalho estarão distribuídos de acordo com a cruz de Thun (1996) em CaGI, CaGII, CbGI e CbGII, também, serão considerados homens e mulheres em cada uma das células. Na sequência, apresentamos a organização dos informantes na cruz proposta por Thun (1996):

Figura 7 - Distribuição dos informantes nos municípios de Saudades-SC e Nova Erechim-SC



Fonte: Princípio da Pluridimensionalidade (Thun, 1996) adaptado por Wepik (2017), Bernieri (2017) e Fornara (2018).

4.3 COLETA, SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Por estar inserido no projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), a coleta de dados desta pesquisa foi realizada através da aplicação de parte do questionário ALCF³² ao qual foram acrescentadas questões pertencentes ao questionário de Lara (2017). Do questionário ALCF, utilizamos o capítulo 1, parte III – referente aos aspectos metalinguísticos, que contempla questões de identidade, papel da língua na constituição da identidade, grau de bilinguismo e reconhecimento da identidade. As questões extraídas do questionário de Lara (2017) acrescentaram às outras uma melhor compreensão do bilinguismo dos informantes e fornecem uma escala que servirá de parâmetro para analisarmos os casos de bilinguismo.

Como o nosso objetivo central é descrever o bilinguismo dos informantes ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros a partir dos aspectos de função e grau, o questionário organizado proporcionou os dados necessários à análise das funções de uso das línguas de imigração e do grau de domínio dessas línguas no que se refere à compreensão e à fala. Para a testagem da habilidade de leitura, utilizamos um texto escrito e impresso na língua de imigração e convidamos os informantes a fazerem a leitura. Para a habilidade de escrita, eles foram convidados a redigirem um pequeno texto de tema livre também na língua de imigração. Lembremos que o fato de falarem, compreenderem, lerem e escreverem nessas variedades ou a ausência dessas habilidades linguísticas são dados relevantes para essa pesquisa e foram registrados com fidedignidade.

O questionário foi aplicado na língua alvo, salvo exceções em que os informantes não compreenderam as perguntas, fazendo-se necessário traduzir ao português. O questionário em *Talian* foi aplicado pela autora deste trabalho, e o questionário no *Deutsch* foi aplicado por uma também mestrande, estudiosa da área, fluente nessa variedade. Ambas as pesquisadoras fazem parte do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira. Os dados coletados foram gravados (gravador Handy Recorder H4n ZOOM) e também registrados por escrito, em questionário impresso. As entrevistas, sempre que possível, foram realizadas com casais de informantes (considerando os laços matrimoniais), respeitando as dimensões diageracional e diastrática. Assim, aproveitávamos o tempo e o espaço da entrevista, além de

³² Krug (2013).

motivarmos uma perspectiva mais qualitativa, visto que os informantes, por estarem juntos, acabavam recordando de fatos e situações e se envolviam mais na conversa, facilitando ou até mesmo motivando o uso das variedades de imigração. A título de exemplificação, os informantes masculino e feminino pertencentes à geração mais velha e com mais escolaridade foram entrevistados simultaneamente, bem como os informantes masculinos e femininos pertencentes à geração mais jovem e com menos escolaridade.

As coletas de dados foram realizadas entre os meses de janeiro e abril de 2019, nos municípios de Saudades e Nova Erechim. Na sequência, no mês de maio, dedicamo-nos à transcrição e tradução desses dados.

Após coletados, os dados foram transcritos. Esclarecemos que os dados do *Talian* foram transcritos pela própria pesquisadora, enquanto os dados do *Deitsch* foram transcritos por uma professora fluente nesta variedade, bem como no alemão padrão. Para a transcrição, num primeiro momento, selecionamos as questões que optamos por analisar nesta pesquisa e realizamos transcrições individuais.

Ao longo da seção seguinte, organizamos os dados distribuindo-os em quadros e gráficos. Os quadros foram utilizados para representar as respostas dos informantes em relação às perguntas realizadas ou para representar o comportamento deles em relação a determinadas habilidades, já os gráficos foram utilizados para representar as percepções individuais dos informantes referentes a essas habilidades. Além disso, geramos gráficos sobre a incidência de uso das variedades de imigração de acordo com as diemensões diastrática, diageracional e diassexual, relacionando os pontos de pesquisa.

O próximo capítulo caracteriza-se como a seção mais longa desta pesquisa, pois dá conta de descrever e analisar os dados que foram coletados. Enfatizamos que nem todos os dados, por uma questão de tempo e também de recorte do tema, poderão ser aqui analisados. Logo, esse trabalho não esgota a riqueza das fontes orais que encontramos em nossas saídas a campo, pelo contrário, disponibilizaremos através do banco de dados do projeto ALCF as gravações para que outros estudiosos possam desenvolver novas e complementares pesquisas acerca dessas localidades.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo nos propomos a analisar os dados coletados através de pesquisa de campo. Ele está estruturado em três partes conforme nossos objetivos de pesquisa:

5.1 Impressão dos informantes sobre a sua condição bilíngue – neste tópico verificamos a impressão dos informantes sobre a sua condição bilíngue, comparando os resultados nas dimensões diatópica e dialingual.

5.2 Grau de bilinguismo – este tópico apresenta uma descrição e análise do grau de bilinguismo dos informantes a partir do desenvolvimento de suas habilidades linguísticas: escrita, leitura, fala e compreensão auditiva. Os dados serão comparados a partir das dimensões diastrática, diageracional e diassexual.

5.3 Função de uso das línguas – por fim, expomos os dados referentes aos contextos de uso dessas línguas por parte dos informantes, isto é, com quem se fala, quando se fala e em que situações se fala a língua de imigração. Os resultados também serão comparados nas dimensões diastrática, diageracional e diassexual.

5.1 IMPRESSÃO DOS INFORMANTES SOBRE A SUA PRÓPRIA CONDIÇÃO BILÍNGUE

Antes de iniciarmos a análise dos dados obtidos durante as pesquisas de campo, gostaríamos de reiterar os esforços que tivemos ao longo deste trabalho. Falar sobre bilinguismo não é tarefa fácil, afinal estamos rondando um termo polissêmico e interdisciplinar. Esta pesquisa, longe de ser apenas linguística, abraça outras áreas de estudo, como a história, a psicologia, a sociologia, enfim. Ao tomarmos esta consciência, evidenciamos aqui o nosso zelo com os dados e o nosso posicionamento cuidadoso nas prerrogativas que aqui serão elencadas. Como sujeitos desta pesquisa, não podemos negligenciar as nossas crenças e as nossas atitudes para com as línguas minoritárias, mas ainda assim acreditamos na relevância da neutralidade de nossas posturas enquanto pesquisadoras, a fim de amenizar os efeitos de um trabalho que demanda entrevistas orais. Por isso, ao entrarmos em contato com os nossos informantes, preferimos nomear a nossa pesquisa como histórica, dizendo-lhes que estávamos procurando por dados acerca da imigração alemã e italiana, da colonização da região e das línguas correspondentes a esses povos.

Ao abdicar a terminologia *bilinguismo* no contato prévio estabelecido com os informantes tínhamos como objetivo despreocupá-los em relação à entrevista, pois muitos deles acreditam não falar “corretamente” a língua, ou não saber falar como outrora se falava. Nossa atitude baseou-se em informações relatadas por Bernieri (2017) que realizou uma espécie de laboratório antes de dar início as suas entrevistas com ítalo-brasileiros. Nesta entrevista piloto, a pesquisadora percebeu que ao explicitar abertamente que o foco da pesquisa era o bilinguismo, o aprendizado e o conhecimento das línguas minoritárias, não raro ouviu afirmações de bilíngues dizendo que preferiam não falar porque não sabiam ou porque a língua era “feia”, “esquerda”, “misturada”, “torta”.

Deste modo, optamos por atenuar o foco linguístico, com o objetivo de que nossos informantes se sentissem os mais confortáveis possíveis durante a entrevista. Seguiu-se, portanto, a ideia proposta por Labov (1972) de que é relevante não deixar claro o estudo da língua da forma como é utilizada pela pessoa ou comunidade, pois isso culminará em uma fala mais monitorada. Esclarecido o nosso posicionamento, seguimos com a apresentação dos dados.

O primeiro objetivo específico deste trabalho é registrar a impressão que os informantes têm sobre a sua condição bilíngue, para isso perguntamo-lhes: “você se considera bilíngue?”. Através desta pergunta, queríamos que os informantes refletissem sobre a sua condição de bilíngues e que fossem capazes de dar a resposta. Nossa hipótese era de que os informantes negassem essa pergunta, ou seja, não se considerassem bilíngues, e isso estaria relacionado ao desprestígio das línguas minoritárias no Brasil e à concepção equivocada que as pessoas leigas costumam ter sobre o bilinguismo. No entanto, no grupo de teuto-brasileiros apenas um informante não se considerou bilíngue, os demais todos responderam positivamente à pergunta, considerando-se bilíngues *Deutsch*-português. No grupo de ítalo-brasileiros, porém, apenas quatro informantes consideraram-se bilíngues *Talian*-português, todos os demais responderam negativamente à pergunta. O quadro 2 apresenta a síntese dos resultados:

Quadro 2: Respostas à pergunta: “Você se considera bilíngue?”

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Se considera</i>
● ○	● ●	● ○	● ○	○	<i>Não se considera</i>
● ●	● ●	○ ●	● ○		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Dentre os teuto-brasileiros, o informante CaGI-M foi o único a não se considerar bilíngue *deutsch*-português e justificou sua resposta dizendo compreender a língua de imigração, mas não ser capaz de falar tão bem. Percebemos, portanto, a vigência da ideia de que bilíngue é aquele que tem domínio igual nas duas línguas, e reiteramos que a nossa percepção acerca desse fenômeno segue a perspectiva de Mackey (1972), para quem um indivíduo passa a ser bilíngue quando tem algum domínio em, pelo menos, uma habilidade linguística. Essa ideia está incrustada também na fala de outros informantes, como é o exemplo do CaGII-F que se considera bilíngue, pois tem desenvolvidas as habilidades de fala, leitura e escrita tanto no português quanto no alemão. Os trechos transcritos abaixo nos mostram isso:

Entrevistadora: *Bist du zweisprachig?* **CaGI-M:** *Ne, ichdenke net. Ich verstehen vielmehrwieichversälekan.*³³

Entrevistadora: *Bist du zweisprachig?* **CaGII-F:** *Ja, weil man spricht und schreibt Portugiesisch und spricht und schreibt und lesstauch Deutsch.*³⁴

No grupo de ítalo-brasileiros, como comentado anteriormente, a metade dos entrevistados não se considerou bilíngue. Novamente, percebemos a presença da ideia de que bilíngue é aquele que tem domínio igual em duas línguas, considerando todas as habilidades linguísticas. Dentre os informantes que se consideram bilíngues *Talian*-português, temos relatos que explicitam, por exemplo, o domínio da fala e da leitura em ambas as línguas. Dentre os que não se consideram bilíngues, temos relatos que

³³**Entrevistadora:** Você se considera bilíngue? **CaGI-M:** Não, eu acho que não. Eu compreendo bem mais do que eu sei falar.

³⁴**Entrevistadora:** Você se considera bilíngue? **CaGII-F:** Sim, porque se fala e escreve português e fala, escreve e lê também alemão.

salientam o pouco domínio da fala na língua de imigração, ou a compreensão não completa da língua. Alguns informantes, inclusive, titubearam nas respostas dizendo que são um pouco bilíngues ou que não poderiam se considerar bilíngues porque aquilo que sabem do *Talian* é muito pouco. A informante CbGI-F, por exemplo, disse não se considerar bilíngue mesmo compreendendo tudo que se fala no *Talian*, pois ela não é capaz de manter um diálogo completo nessa língua. Vejamos os trechos transcritos a seguir:

Entrevistadora: *Ti se considerà una persona bilingue?* **CaGI-**

M: *No, parche mi capisco um pochetin de Talian. Mas com nantra persona parlando mi no parlo... no capisco tudo.*³⁵

Entrevistadora: *Ti se considerà una persona bilingue?* **CaGII-**

F: *Mi guidea que si, mi parlo e ledo bem el Talian, anca, além de portoghese...*³⁶

Após essa primeira pergunta (você se considera bilíngue?), várias outras foram sendo feitas a fim de termos um melhor panorama da dinâmica do bilinguismo dos informantes, mesmo daqueles que disseram não ser bilíngues.

A pergunta feita na sequência, para todos os informantes independentemente da resposta dada à primeira pergunta, foi: “Quais línguas você fala?”. Diante dessa pergunta, todas as respostas trouxeram, além do português, alguma outra língua, isto é, mesmo os informantes que não se consideraram bilíngues, nesse momento disseram falar mais de uma língua. O informante teuto-brasileiro CaGI-M que havia dito não ser bilíngue, ao responder essa pergunta disse falar o português, um pouco do *deitsch*, um pouco do espanhol e um pouco do inglês. A informante ítalo-brasileira CaGI-F que também não havia se considerado bilíngue, ao responder essa questão disse falar o português, um pouco do *Talian* e um pouco do inglês.

Percebemos, portanto, que as crenças em relação às línguas, destacando aqui as minoritárias, se opõem à atitude expressa dos informantes, a partir da qual podemos prever um possível comportamento. Isto é, embora eles se intitulem como não bilíngues,

³⁵ **Entrevistadora:** Você se considera bilíngue? **CaGI-M:** Não, porque eu entendo só um pouco de talian. Mas com outra pessoa falando eu não falo... não entendo tudo.

³⁶ **Entrevistadora:** Você se considera bilíngue? **CaGII-F:** Eu acho que sim, eu falo e leio bem no talian, também, além do português...

nenhuma resposta dada ficou no monolinguismo, pois nenhum informante disse conhecer única e exclusivamente o português. Mesmo que para muitos deles a percepção do “ser bilíngue” não esteja presente, a nossa análise nos leva a um contexto de plurilinguismo. Essa relação vai ao encontro do que Lasagabaster (2004, apud Kaufman 2011, p. 125) também percebeu, que “parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que elas fazem (seu comportamento de fato).” Isso significa que muitas pessoas não fazem exatamente o que dizem fazer, por mais que saibamos que uma atitude corresponde a uma propensão para determinado comportamento.

Neste caso, a razão de os informantes não se considerarem bilíngues, mesmo conhecendo e falando outras línguas, está relacionada aos fatores já expressos anteriormente, como a valoração depreciativa da língua minoritária e a concepção de que o bilinguismo só se efetiva quando há o domínio completo de todas as habilidades linguísticas, normalmente adquiridas no ensino formal. O quadro 3 sintetiza as respostas dadas a essa pergunta:

Quadro 3: Respostas dadas à pergunta: “Quais línguas você fala?”

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Até duas línguas
● ○	● ◐	◐ ●	● ◐	◐	De duas a três
● ●	● ●	● ●	● ●	○	Mais de três

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Neste momento da entrevista também ficou clara a diferenciação que os teuto-brasileiros fazem em relação às variedades locais *Deutsch* e *Deitsch*. Como comentado no capítulo introdutório, a maioria dos informantes como também grande parte da população teuto-brasileira de Saudades considera-se falante de *Deitsch*. Esta variedade corresponde àquela que possui traços [+dialetais] se comparada à variedade *Deutsch*, que possui traços [+padrão]. Nesta pesquisa, três informantes teuto-brasileiros disseram ser falantes do *Deutsch* e adotaram variáveis convergentes com esta variedade durante a entrevista: CaGII-M, CaGII-F e CbGI-M.

De maneira geral, a origem histórica e geográfica dos imigrantes, além do fato de terem tido maior acesso ao ensino da variedade mais padrão, influenciam diretamente

na designação da variedade de fala como sendo *Deutsch* ou *Deitsch*. Vejamos, por exemplo, que os informantes desta pesquisa que se dizem falantes do *Deutsch* são justamente aqueles que possuem maior contato com o alemão padrão: a informante CaGII-F foi professora de alemão padrão em Saudades, enquanto os informantes CaGII-M e CbGI-M já residiram na Alemanha.

Posteriormente, ao serem questionados sobre qual língua aprenderam primeiro (Qual língua você aprendeu primeiro?), o grupo de teuto-brasileiros, com exceção do informante CaGI-M, disse ter aprendido primeiro a variedade de imigração. Os informantes CaGII-F, CaGII-M e CbGI-M disseram ter aprendido primeiro o *Deutsch*, e enquanto os demais informantes disseram ter aprendido o *Deitsch*. Diferentemente, no grupo de ítalo-brasileiros tivemos três informantes (CbGII-F, CaGII-F, CaGII-M) que disseram ter aprendido primeiro o *Talian*, enquanto os outros teriam aprendido primeiro o português. Durante a entrevista, tentávamos incitar os informantes a repensarem um pouco na resposta, pois partindo do pressuposto de que muitos são falantes do *Talian* e aprenderam essa língua em casa, com a família, há probabilidade de que tenham adquirido o português e o *Talian* simultaneamente. A informante CbGI-F, por exemplo, havia respondido inicialmente que a sua primeira língua era o português, mas após uma conversa, ela relatou que de fato havia estado em contato com ambas as línguas desde muito cedo e já não saberia responder se havia adquirido uma antes da outra. As informações foram distribuídas no quadro 4 abaixo:

Quadro 4: Respostas à pergunta: “Qual língua você aprendeu primeiro?”

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Deutsch ou Talian</i>
○	○	○	○	○	<i>Português</i>
● ○ ● ●	● ● ● ●	● ○ ○ ○	● ○ ● ○		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

De maneira geral, as respostas dos informantes que disseram ter aprendido a língua de imigração primeiro, demonstram um caráter de bilinguismo consecutivo. Como comentado no tópico de revisão teórica, o bilinguismo, a depender do período de aquisição, pode ser considerado simultâneo ou consecutivo (ver Baker, 2001). Basicamente, é simultâneo quando os bilíngues aprendem as duas línguas

simultaneamente e é consecutivo quando os bilíngues aprendem as línguas em momentos diferentes da vida.

Os relatos apresentados nas entrevistas demonstram que entre os teuto-brasileiros o mais comum foi a aquisição da língua de imigração em casa, com a família, e a posterior aprendizagem do português na escola. Entre os ítalo-brasileiros, os informantes CaGII-F e CaGII-M também disseram ser bilíngues consecutivos tendo aprendido o *Talian* em casa e o português somente na escola. A informante CbGI-F, que disse ser bilíngue consecutiva por ter aprendido primeiro o português e depois o *Talian*, repensou sua resposta ao final da conversa, dizendo ser, provavelmente, bilíngue simultânea. Os demais informantes ítalo-brasileiros disseram ter aprendido o português em casa, com os pais, e a língua de imigração apenas depois com outros familiares, comunidade e conhecidos.

Esses dados vão ao encontro daqueles que foram coletados por Bernieri (2017). Ao entrevistar teuto-brasileiros de São Carlos-SC e ítalo-brasileiros de Coronel Freitas-SC, e fazer-lhes essa mesma pergunta, a pesquisadora obteve os seguintes resultados: enquanto sete dos oito informantes teuto-brasileiros disseram ter como língua materna o *Deutsch*, apenas um informante ítalo-brasileiro disse ter o *Talian* como língua materna.

Associado a isso, perguntamos como eles haviam aprendido o português e as respostas tendem a confirmar o que foi respondido na questão acima. Nove dos dezesseis informantes alegaram ter aprendido o português apenas quando entraram na escola e, por conta disso, foram alvo de preconceito e repressão. Dentre os informantes teuto-brasileiros, com exceção do informante CaGI-M que aprendeu o português em casa, com a família, todos os demais disseram só ter aprendido o português quando foram para a escola. De modo diferente, dentre os ítalo-brasileiros apenas os informantes CaGII-M e CaGII-F disseram ter aprendido o português na escola, todos os demais ainda em casa, depois do *Talian* ou simultaneamente. Vejamos os trechos transcritos abaixo:

Entrevistadora: *Wie hast du Portugêhs gelernt?* **CaGII-F:** *Ich, Deutsch. Alsich das erste Jahrzu Schulgegangen bin, da musstichvieldenken wen jemand was mitmirgesprochen hat.*³⁷³⁸

³⁷ **Entrevistadora:** Qual língua você aprendeu primeiro? **CaGII-F:** Eu, alemão. Quando eu fui o primeiro ano para a escola, então eu tinha que pensar bastante quando alguém falava alguma coisa comigo.

Entrevistadora: *Come que te ghè imparato el portoghese?*

CaGII-F: *Ntea scola, parche quel que parlea talian ntea scola zera stupidi, atrasadi, parche tinha que parlar portoghese na marra. El brasilian toquea imparar, toquea leder, toquea escrever, toquea fazer tuto em português... e lora ali que me pare e me mare gha scominsia a parlar português, né...³⁹*

Como comentado acima, no grupo de teuto-brasileiros apenas o informante CaGI-M aprendeu o português ainda em casa, com os seus pais. Já dentre os ítalo-brasileiros sete informantes foram para a escola já sabendo o português (CbGII-M, CbGII-F, CaGI-M, CaGI-F, CbGI-M, CbGI-F). No grupo de ítalo-brasileiros, os informantes CbGII-M e CbGII-F, um casal, mostraram pontos importantes em suas respostas. O informante CbGII-M é o único, de todos os entrevistados, pertencente à GII que não tem como língua materna a língua de imigração. Ele relata que seus pais eram falantes do *Talian*, mas que também tinham domínio do português e por isso optaram por falar em casa, com os filhos, o português. A informante CbGII-F justifica o fato de ela ter como língua materna o *Talian*, enquanto seu esposo (CbGII-M) tem o português, pela geração familiar. Segundo essa informante, o fato de ela ser neta de italianos fez com que ela mantivesse um contato maior com o *Talian*, diferentemente do seu marido que era bisneto de italianos (uma geração a mais, portanto) e já não tinha contato com esses familiares. Abaixo apresentamos alguns trechos que transcrevem essa situação e elaboramos uma tabela que sintetiza as respostas dadas à pergunta sobre como aprenderam o português:

Entrevistadora: *Come que te ghè imparato el portoghese?*

CbGII-M: *Com la mama, que la gha impara el brazilian parche desde picola ze stata encieme com una fameia de*

³⁸ A transcrição dos dados dos teuto-brasileiros não seguiu a proposta de escrita do Hunrückisch proposta pelo projeto ESCRITHU, nem àquela proposta pela professora Úrsula Wiesemann.

³⁹ **Entrevistadora:** Como aprendeu o português? **CaGII-F:** Na escola, porque aquele que falava talian na escola era estúpido, atrasado, porque tinha que falar o português na marra. O português tinha que aprender, tinha que ler, tinha que escrever, tinha que fazer tudo em português... e foi assim que meu pai e minha mãe começaram a falar português, né.

*alemani, la zera tatá de fioi dei alemani... era uma vizinha... la gha chapa el brazilian, lora ela parlea depiu brazilian.*⁴⁰

Entrevistadora: *Come que te ghè imparato el portoghese?*

CbGII-F: *Dopo del talian, com el pai. Mi pai era neto e la mama era fiola de Talian, ma o pai era neto belché, lora el pai saia um poco depiù che la mama, la mama no le saia quasi gnente. E de lá ze vignesta com el pai par quá e quá luri parlea el Talian e anca el brasilian.*⁴¹

Quadro 5: Respostas dadas à pergunta: “Como aprendeu o português?”

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Na escola
● ○	● ●	● ○	● ○	○	Em casa
● ●	● ●	○ ○	○ ○		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

5.2 GRAU DE BILINGUISMO

Os graus de bilinguismo que consideramos nessa pesquisa correspondem às quatro habilidades linguísticas básicas: escrita, leitura, fala e compreensão auditiva. A partir desse momento, detalharemos essas habilidades separadamente:

5.2.1 Escrita

Em ambos os grupos étnicos encontramos informantes com a competência da escrituralidade desenvolvida. Todavia, são várias as especificidades que rondam o processo de escrita nessas línguas de imigração e, antes de lançarmos mão da análise dos dados coletados nesse âmbito, gostaríamos de expor algumas informações.

⁴⁰ **Entrevistadora:** Como aprendeu o português? **CbGII-M:** Com a mãe, que ela aprendeu o português porque desde pequena ela morou com uma família de alemães, ela era babá dos filhos dos alemães... era uma vizinha... ali ela aprendeu o português, então ela começou a falar mais o português.

⁴¹ **Entrevistadora:** Como aprendeu o português? **CbGII-F:** Depois do talian, com o pai. Meu pai era neto e minha mãe era filha de italianos, mas o pai era neto já, então ele saia um pouco mais que a mãe [do português], da mãe não saia quase nada. E de lá ela veio com o pai pra cá e aqui os dois falavam o talian e também o português.

Como comentado no capítulo sobre a contextualização histórica dessa pesquisa, os imigrantes alemães provinham de diferentes áreas da Alemanha e, por conseguinte, trouxeram variedades diferentes para o Brasil, sendo o maior contingente oriundo da região do *Hunsrück* e áreas adjacentes da Alemanha, falantes de variedades dialetais do francônio-renano e francônio-moselano (SPINASSÉ, 2008). Essas foram as variedades que mais contribuíram na formação da coine que surgiu em solo brasileiro. De acordo com Steffan (2013), na oralidade predominava uma variedade do alemão que apresentava fortes traços dos dialetos do centro-oeste da Alemanha e na qual foram sendo absorvidos elementos do português. Contudo, além do alemão dialetal utilizado no âmbito da informalidade oral, Steffan (2013) salienta que os imigrantes trouxeram consigo também o alemão padrão. Este foi mais utilizado na escrita, logo, quando se escrevia, se escrevia em *hochdeutsch*.

Consoante Steffan (2013), essa informação comprova-se a partir de publicações de jornais e revistas (como o *Kalender*), inscrições (como àquelas presentes em sepulturas) e em cartas de imigrantes. O *hochdeutsch* foi, portanto, a língua ensinada nas escolas, uma vez que o governo brasileiro foi omissos em relação à educação nas colônias.

Ao encontro dessas informações, Vogt (2006), dedicando-se a compreender a consolidação da imprensa alemã no Rio Grande do Sul, evidencia a existência de vários jornais escritos no alemão padrão nesse estado. O primeiro jornal, inicialmente bilíngue, foi o *Der Colonist. Wochenblatt fuer Handel, Gewerbe und Landbau* (O Colono. Semanário para Comércio, Indústria e Agricultura) que surgiu em Porto Alegre, no ano de 1852. Este também foi o primeiro periódico em língua alemã a circular na América do Sul. Em 1853, tivemos o *Der deutsche Einwanderer* (O Imigrante Alemão). Depois, seguiram-se o *Der Deutsche Zeitung* (Folha Alemã), em 1861, e *Koseritz Deutscher Zeitung* (Folha Alemã de Koseritz), em 1881. O periódico de mais longa duração foi o *Neue Deutsche Zeitung* (Nova Folha Alemã), que circulou de 1905 até 1941. Em outras regiões do Rio Grande do Sul, para além do eixo São Leopoldo/Porto Alegre, tivemos a circulação de outros jornais, como o *Kolonie*, em Santa Cruz do Sul, a partir de 1891. Além dos jornais, de acordo com Vogt (2006), também era comum a publicação de materiais religiosos, como as folhas dominicais das igrejas e revistas educacionais. Outro tipo de produção cultural impressa de comunicação de massa que teve sucesso entre os imigrantes e descendentes teutos, destaca Vogt (2006), eram os *Kalender* ou *Jahrweiser* (almanaques ou anuários). Segundo Vogt (2006, p. 265):

As famílias dos colonos das picadas⁴² podiam não ter um livro em casa, nem fazer a assinatura de um jornal, porém dificilmente deixavam de adquirir um almanaque para se manterem a par do calendário de festas, das fases da lua e de outros assuntos. [...] Os *Kalenders* traziam leitura instrutiva, descrições de viagens, um resumo da vida política e cultural, abordagens de acontecimentos históricos, biografias históricas e informações sobre o meio rural, como o tempo, técnicas de plantio, cuidados com animais, higiene pessoal e educação.

De acordo com Vogt (2006), a tradicional imprensa sul-rio-grandense de língua alemã desapareceu em decorrência das medidas repressivas contr as línguas estrangeiras tomadas pelo governo brasileiro no Estado Novo, sendo este um dos motivos pelos quais Steffan (2013) salienta que as competências dos alemães no *Hochdeutsch* foram diminuindo com o tempo, ao passo que o português escrito foi se estendendo paulatinamente. E, assim, no âmbito escrito, as competências do português superaram as do alemão, em especial nas gerações mais jovens.

Sinteticamente, podemos representar essa transição de competências da seguinte forma: a variedade linguística adotada pelos teuto-brasileiros, isto é, seu dialeto, o único código que realmente dominavam bem, não contava com uma forma escrita; o contato com o *Hochdeutsch*, a língua padrão normalmente adotada para a escrita, foi proibida e, desta forma, foi diminuindo sucessivamente; enquanto o português continuava sendo uma língua estrangeira, cuja norma escrita não estava ao alcance dos colonos. (STEFFAN, 2013).

Essa configuração persiste entre os nossos informantes. Muitos têm a competência da escrita desenvolvida no *Hochdeutsch*, que não corresponde à variedade utilizada na fala, o *Deutsch*. Já os mais jovens, com algumas exceções, não escrevem no alemão padrão, apenas no português.

Não obstante, Altenhofen et al (2007) pontuam que podemos sim considerar a existência de uma “pequena” tradição escrita em *Hunsrückisch*, isto é, na variedade local, através de etnotextos. Os autores ainda questionam: o que faltaria para termos uma produção mais significativa e constante onde até então só temos oralidade? Eles

⁴² Uma picada foi uma forma de organização social utilizada por imigrantes teuto-brasileiros. De acordo com Dreher (2005), é uma forma básica de penetração na floresta, na qual se busca abrir vias com as ferramentas disponíveis, ao longo das quais vão sendo instalados imigrantes, em lotes que lhes são designados. Uma picada era, segundo Dreher (2005), inicialmente, uma trilha de acesso a uma propriedade, mas com o tempo passou a ser uma unidade humana na qual se encontrava o igreja, a escola, o cemitério, a residência dos professores, padres e pastores, o salão de festa comunitária, a casa comercial, etc. A designação *picada* também pode ser substituída pelos nomes de *linha*, *travessa* ou *travessão*.

mesmos respondem dizendo que cabe atribuir à variedade o mesmo *status* de língua a que têm direito o alemão padrão e o português enquanto línguas históricas com existência oral e escrita. Implica-se, portanto, a criação de um instrumento de sistematização dessa escrita. Para isso, o projeto ESCRITHU⁴³, vinculado ao Instituto de Letras da UFRGS, se propôs a criar um conjunto de normas para a formalização da escrita dessa variedade local do alemão.

Cabe-nos salientar que esse movimento proposto pelo projeto ESCRITHU, embora trabalhe com etnotextos coletado *in loco*, surge na academia. Alguns etnotextos, inclusive, foram analisados por Horst (2011) e Horst e Krug (2012), e percebeu-se que os escreventes partiam da fonética da língua portuguesa para a escrita na variedade de imigração. Dentre os nossos entrevistados, não encontramos ninguém que escrevesse sistematicamente no *Deitsch*.

No que tange ao grupo de ítalo-brasileiros, no período de imigração a Itália havia se tornado uma nação há pouco tempo. Até então era subdividida em regiões, conhecidas como *paese*, cuja população, para se comunicar, utilizava as variedades locais. Diferentemente da Alemanha, na Itália não havia um italiano reconhecido como padrão⁴⁴. Ao chegarem ao Brasil, as variedades de base vêneta, que eram a maioria entre os imigrados, sofreram uma fusão dialetal, com a formação de uma coine, o *Talian*. (DE BONI e COSTA, 1984).

O *Talian* foi por muito tempo a única variedade linguística utilizada pelos imigrantes italianos e seus descendentes, uma vez que o português demorou a adentrar nas colônias. Além disso, os italianos e seus descendentes não percebiam uma utilidade na escola. Por não ser uma atividade produtiva, a escola não se configurava como uma necessidade de primeira ordem, como aconteceu na região de colonização germânica, onde desfrutava de prestígio e consideração. Aliado ao desinteresse do alunado e do governo, a falta de professores alfabetizados nas colônias italianas fez com que pouquíssimas escolas públicas fossem abertas. Estas só começaram a funcionar de fato durante o período de Nacionalização do Ensino, no governo de Getúlio Vargas, logo, era o português a língua adotada.

⁴³ Grupo de Estudos da Escrita do *Hunsrückisch*.

⁴⁴ De acordo com Guareschi e Dias (2006), após a unificação política da Itália na metade do século XIX um dos dialetos falados, o Toscano, foi gradualmente consolidado como língua oficial do país, com a qual escritores como Dante, Boccaccio e Petrarca, por intermédio das suas valiosas obras, contribuíram para que tivesse êxito. O Toscano foi sendo utilizado de forma consensual em especial na escrita, contudo não conseguiu eliminar por completo o uso de outras variedades da península, os quais são falados até hoje.

Temos nesse grupo étnico, portanto, diferenças no que tange ao âmbito da escrita. No início, a grande maioria dos ítalo-brasileiros era analfabeta, não sabia ler, nem escrever, sendo o *Talian* a língua adotada e utilizada para a expressão oral. Posteriormente, com a formação das primeiras escolas, tinha-se o predomínio do português como língua para a instrução formal.

Contudo, em meados de 1920, o *Talian* começa a contar com o aparato escrito. Segundo Santos (2016), a literatura escrita na variedade italiana, em especial na região de colonização italiana - RCI⁴⁵, no Rio Grande do Sul, tem como aspecto importante ser veiculada no próprio *Talian*. A autora ainda afirma que a publicação de artigos e do primeiro livro nessa variedade ocorreu através do jornal *Correio Riograndense*, fundado em 1909, em Caxias do Sul, sob a denominação *La Libertà*. Um dado importante é que nos primeiros números do jornal *Correio Riograndense* o mesmo artigo foi publicado em variedades italianas diferentes. Isso ocorria de forma esporádica e sem continuidade para mostrar aos ítalo-brasileiros que na Itália existiam muitas variedades ainda utilizadas.

Santos (2016) evidencia a importância desse veículo de informação, bem como de outros periódicos, por ter contribuído para a formação do *Talian*, afinal esse jornal, mesmo sem ser lido por todos, era ouvido por muitos que se reuniam em torno daquele que lia, sedimentando através dessa prática de leitura e escuta uma fala comum.

Da literatura escrita nesse período, a obra mais importante, mais conhecida e lida foi, segundo Santos (2016), *Nanetto Pipetta, nassuo in Italia e vegnudo in Mérica per catare la cucagna*⁴⁶, de Aquiles Bernardi, Frei Paulino da Ordem dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul. Logo, seguiram-se outras, como: *Stòria de Nino, fradello de Nanetto Pipetta*⁴⁷; *Togno Brusafрати: braure de dô compari*⁴⁸ e *Stòria de Peder*⁴⁹. Todas estas circularam em jornais da região RCI. Em 1976 também tivemos a publicação da obra *Poemas de um imigrante italiano*, de Angelo Giusti, uma compilação de poemas recolhidos na região, dentre eles o poema *La Mérica*. Ao longo do tempo, além de literatura também se produziu obras de gramática do *Talian* e dicionários nessa

⁴⁵ A região de colonização italiana (RCI) está mais centralizada ao nordeste do Rio Grande do Sul e era inicialmente formada pelos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, pois estes eram derivados das antigas colônias Caxias, Princesa Isabel e Conde D'Eu. Com o passar do tempo, novas colônias foram se originando e integrando a RCI, como Veranópolis, Flores da Cunha, Antônio Prado, Guaporé e Nova Milano.

⁴⁶ Tradução: Nanetto Pipetta, nascido na Itália e vindo à América para realizar um sonho.

⁴⁷ História de Nino, irmão de Nanetto Pipetta.

⁴⁸ Togno Brusafрати: aventuras de dois compadres.

⁴⁹ Histórias de se perder.

variedade, destacando-se Luzzatto⁵⁰ dentre os principais autores. E é dessa forma que o *Talian*, *a priori* língua essencialmente oral, vem ganhando uma escrita.

Após esse prelúdio, vamos aos dados. Dos dezesseis entrevistados, oito informantes aceitaram escrever nas línguas de imigração, quatro escreveram em *Hochdeutsch* e quatro em *Talian*. Em Saudades, os informantes CbGI-M, CaGI-F, CaGII-M e CaGII-F escreveram pequenos textos relatando informações sobre suas vidas. Em Nova Erechim, os informantes CaGII-M, CaGII-F e CaGII-F escreveram uma breve mensagem para a entrevistadora e o informante CbGI-M escreveu um breve texto sobre sua vida. Sistematizamos através do quadro 6 quais foram os informantes que escreveram nas variedades de imigração.

Quadro 6: Comportamento dos informantes em relação à escrita nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	Escreveram
○	○	○	○	○	Não escreveram
●	●	●	●		
○	○	○	○		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Os informantes ítalo-brasileiros CaGII-M e CaGII-F relataram que não tiveram acesso ao ensino formal do *Talian* e que aprenderam a escrever nessa variedade através de materiais, como dicionários, gramáticas e jornais. Citaram, inclusive, a leitura do *Correio Rio-Grandense*, jornal que já não circula mais, mas que segundo os informantes era uma grande mistura de *Talian* com italiano padrão. Atualmente, esses informantes estão envolvidos com associações italianas, como a Associação Italiano-Vêneta, de Nova Erechim, e a Assodita, a Associação dos Difusores do *Talian*, logo, eles têm acesso a uma vasta opção de materiais produzidos em *Talian*. É importante destacar, também, que a informante CaGII-F é ministrante de uma oficina de *Talian* que acontece em Nova Erechim, e o informante CaGII-M é radialista em um programa radiofônico, em *Talian*. A informante CaGI-F frequenta a oficina de *Talian* e disse estar aprendendo

⁵⁰ Darcy Loss Luzzatto nasceu em 1934, no Rio Grande do Sul. Foi professor e escritor na língua taliana. Escreveu livros de literatura, dicionários, gramáticas, livros de culinária e artigos em talian. Algumas obras são: *Stòria dela nostra gente* (1991), *El nostro parlar* (1993), *Talian: noções de gramática, história e cultura* (1994), *Dissionàrio Talian-Portughese* (2000), *Dicionário Português-Talian* (2010)

a escrita dessa língua através das atividades da oficina. O informante CbGI-M também nunca teve acesso ao ensino formal do *Talian* e tampouco a materiais didático nessa língua, o seu conhecimento é sobretudo oral. Os demais informantes ítalo-brasileiros alegaram não saber escrever na variedade de imigração.

Os informantes teuto-brasileiros CaGII-M, CaGII-F, CaGI-F e CbGI-M que escreveram disseram ter aprendido o *Hochdeutsch* inicialmente na escola. Além disso, a informante CaGII-F é licenciada em Letras-Alemão e por muitos anos lecionou essa língua na escola de educação básica de Saudades, e o informante CbGI-M morou alguns anos na Alemanha, tendo aperfeiçoado o *Hochdeutsch* nesse país. Os informantes CbGII-M, CbGII-F e CbGI-F não fizeram a escrita do texto e disseram não saber escrever nada no *Hochdeutsch*. O informante CaGI-M nos disse que sabe escrever um pouco, mas não se sentiu à vontade para tal no momento da entrevista. Nenhum dos informantes cogitou escrever no *Deitsch*, afinal a concepção que prevalece é de que se trata de uma variedade apenas oral.

A fim de dar conta dos perfis individuais de domínio das habilidades linguísticas, inserimos em nosso questionário algumas escalas baseadas em Lara (2017)⁵¹. Desta forma, em cada habilidade linguística analisada pedíamos aos informantes que, a partir de suas próprias percepções, respondessem em qual nível da escala acreditavam estar, indo do “não sei” até o “muito bem”. Em relação à escrita, por exemplo, pedimos aos informantes que se posicionassem em relação ao seu domínio de escrita em uma escala que variava entre o *não sei escrever – escrevo um pouco – escrevo mais ou menos – escrevo bem – escrevo muito bem*.

Vejam, então, as respostas que obtivemos no grupo de teuto-brasileiros: os informantes CbGI-F, CbGII-M e CbGII-F disseram não saber escrever nada na variedade de imigração, os informantes CaGII-M e CaGI-M disseram saber escrever um pouco, os informantes CaGI-F e CbGI-M responderam saber mais ou menos, e a informante CaGII-F disse saber escrever bem. Lembremos que neste caso as respostas dizem respeito ao *Hochdeutsch*, pois é apenas na variedade padrão que se costuma escrever. Já no grupo de ítalo-brasileiros temos as seguintes respostas: os informantes CbGII-M, CbGII-F e CaGI-M disseram não saber escrever no *Talian*, o informante

⁵¹ O nosso objetivo a partir da inserção de uma escala de percepção de domínio linguístico é o de ter uma noção mais eficaz e produtiva do grau de bilinguismo desses informantes, pois é através desta escala que podemos equiparar a opinião dos informantes (que de antemão intitulamos como bilíngues) e a sua produção linguística de fato. Assim, um informante além de se dizer ou não apto em determinada habilidade linguística, indicará o seu grau de domínio linguístico e também será testado nesta habilidade.

CbGI-M respondeu saber um pouco, os informantes CaGI-F e CbGI-F responderam saber mais ou menos, e os informantes CaGII-F e CaGII-M responderam que sabem escrever bem no *Talian*. Na sequência, sistematizamos as informações supracitadas no gráfico 2:

Quadro 7– Percepção dos informantes em relação à habilidade de escrita nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Muito bem</i>
◐ ◐	● ◐	● ○	● ◐	◐	<i>Bem</i>
○ ◐	○ ○	○ ◐	○ ◐	◑	<i>Mais ou menos</i>
				◒	<i>Um pouco</i>
				○	<i>Não sei</i>

Fonte: dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Após relacionar os dados do comportamento dos informantes no que concerne à escrita com os dados da sua percepção de domínio acerca desta habilidade, apresentamos a transcrição dos textos escritos pelos informantes, iniciando pelo grupo teuto seguido do ítalo:

CaGII-F: *Ich bin Joana⁵², ich wohne in Saudades, bin 65 jahre alt. Ich wohne mein ganz Leben hier in Saudades. Ich bin veuheiratet mit Peter. Ich biebe sehr viel die deutsche Musik Sprache Cultur, auch die deutsche Tänze. Mein mutter heipt Anelise un mein vater heipt Adam, sie sind schon gestorben ich habe 3 (drei) gesch-wister sie heipen Lucas, Marta, João.⁵³*

CaGI-F: *Mein name is Luciana. Ich sind lären. Mein liebsten platz von die arbeiten is die schule. Die mutter ist nederin. Meine papa habe raus geschafren. Heut haben mier*

⁵² Todos os nomes próprios apresentados nos textos originais foram substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos entrevistados.

⁵³ Sou Joana, moro em Saudades, tenho 65 anos. Eu vivi toda a minha vida aqui em Saudades. Sou casada com o Peter. Eu faço parte do grupo de música e de cultura alemã, também do grupo de danças alemãs. Minha mãe é Anelise e meu pai é Adam, eles já morreram, eu tenho 3 (três) irmãos e irmãs, eles se chamam Lucas, Marta, João.

*gesucht gehab, zwei freuden volten unz befrohen von unzer deutsch, wie mier sprager. Mier varen froh. Das war mol schön.*⁵⁴

*CbGII-M: Ich bin Peter. 72 jahre alt. Ich wünsche euch viele gesuntheit, und viele glük in leben. Alles gutte für euch.*⁵⁵

*CbGI-M: Mein name is Linke José. Ich bin eine brasiliane fon Saudades-SC. Ich haben 27 jahre. Ich arbeiden in milch industrie.*⁵⁶

Ao realizarmos a testagem da habilidade da escrita, observamos que os informantes que disseram, inicialmente, não saber escrever, de fato não escreveram. O informante CaGI-M que num primeiro momento disse saber escrever “mais ou menos”, não produziu o texto escrito. Todos os demais informantes escreveram, embora tenham apresentado certo nível de dificuldade, com exceção da informante CaGII-F que relatou saber escrever “bem” e realmente escreveu com tranquilidade, apresentando um texto mais proficiente.

É interessante perceber que em alguns textos escritos há a influência do português, assim como da variedade *deutsch*. No texto escrito pelo informante CbGI-M, por exemplo, encontramos a expressão *Ich haben 27 jahre* que significa “eu tenho 27 anos”, enquanto que no *hochdeutsch* falar-se-ia *Ich bin 27 Jahre alt* que na tradução literal significa “eu sou 27 anos velho”. Observa-se, portanto, a substituição do verbo *ser* pelo verbo *ter* para fazer referência à idade. De maneira semelhante, destacamos o trecho *Ich bin eine brasiliane fon Saudades-SC*, no qual o uso de *fon*, variante usada no *Deutsch*, que significa “de”. Em *Hochdeutsch* se utiliza *aus*, neste caso, com o mesmo significado, ou seja, *Ich bin eine Brazilianerin aus Saudades-SC*, que traduzindo para o português é: “Sou uma brasileira de Saudades-SC.”

Vejamos, agora, os textos produzidos pelos ítalo-brasileiros:

CaGII-M: Noantri voliamo ringrassiate pel bel lavoro che te si drivo far e anca per ver scolhesto noantri due per far la intrevista. Gràssie di cuor a ti e la Università par la

⁵⁴Meu nome é Luciana. Eu sou ‘professora’. Meu lugar de trabalho é a escola. A mãe é ‘costureira’. Meu pai ‘trabalhava fora’. Hoje, estamos com visitas para falar do alemão. Ficamos felizes. Isso foi legal.

⁵⁵ Eu sou o Peter. 72 anos de idade. Desejo-lhes muitas felicidades e muitos felizes nas suas vidas. Tudo de bom para vocês.

⁵⁶ Meu nome José. Eu sou brasileiro de Saudades-SC. Eu tenho 27 anos. Eu trabalho na indústria do leite.

*oportunita de conhecer sora a língua Taliana. Che Dio te dae tanta forza per fare un bon lavoro e, securamente, una bona aprovassion del to Mestrà. Siamo stati gran contenti con la intrevista. Un gran strucon!*⁵⁷

CaGII-F: *Talian: una léngua, una stória, un pòpolo... Siamo paroni dela léngua, femo parte de la stória e a ogni di che passa pi grande diventa questo pòpolo. Go el cuore Talian.*⁵⁸

CaGI-F: *Talian nostra vera lengoa madre.*⁵⁹

CbGI-M: *Mi nombre ze Pedro, mi guiné 29 ané, morro en la L^a Navegantes, Nova Erechim. Mi madre es Joana e mi padre é João. Io gaveo três fradei: Ana, Lucas e Mateus.*⁶⁰

Percebe-se que o informante CbGI-M apresentou interferências do português e do espanhol na sua produção escrita. Esse informante utilizou na escrita palavras do espanhol como *madre* e *padre* que correspondem à *mãe* e *pai*. Todavia, durante a entrevista ele utilizava oralmente as correspondentes no *Talian* *mare* e *pare*. Já a palavra *irmãos*, ele utilizou de maneira adequada em seu texto, visto que no *Talian* diz-se *fradei*. Ele ainda relatou ter estudado o espanhol durante o período escolar, logo, pressupomos que dadas algumas semelhanças entre o espanhol e o *Talian*, ele acabou transpondo variantes de outras línguas para a sua produção escrita. Ao encontro disso, a informante CbGI-F que havia dito saber escrever “mais ou menos” no *Talian* não produziu um texto escrito, e justificou-se dizendo que se o fizesse acabaria misturando palavras do português em seu texto, pois não possui o conhecimento para “ligar as palavras”. Disse ainda que conseguiria escrever apenas palavras isoladas, como num ditado. A informante CaGI-F reproduziu uma frase que aprendera durante a oficina de *Talian*, e disse que já aprendeu a escrever algumas palavras, embora ache um tanto

⁵⁷ Nós queremos te parabenizar pelo belo trabalho que estás fazendo e também por ter escolhido nós dois para fazer a entrevista. Obrigada de coração à você e à Universidade pela oportunidade de conhecer melhor a língua *Talian*. Que Deus te dê força para fazer um bom trabalho e, seguramente, uma boa aprovação no teu Mestrado. Ficamos muito contentes com a entrevista. Um grande abraço!

⁵⁸ *Talian*: uma língua, uma história, um povo. Somos donos da língua, fazemos parte da história e a cada dia que passa maior se torna esse povo. Temos o coração *Talian*.

⁵⁹ *Talian* nossa verdadeira língua materna.

⁶⁰ Meu nome é Pedro, tenho 29 anos, moro na L^a Navegantes, Nova Erechim. Minha mãe é Joana, e meu pai é João. Eu tenho três irmãos: Ana, Lucas e Mateus.

difícil. Os informantes que disseram não saber escrever, de fato não apresentaram um texto escrito. E, por fim, os informantes CaGII-F e CaGII-M, os únicos que relataram escrever “bem” no *Talian*, foram os que de fato apresentaram um texto escrito mais elaborado e coerente.

A testagem da escrita dos informantes em português não foi realizada, mas todos disseram ser alfabetizados, e no momento que em pedimos que colocassem em uma escala o seu grau de domínio da escrita no português, eles variaram as suas respostas entre o “mais ou menos” e o “bem”.

Agora, apresentaremos os dados referentes à escrituralidade nas variedades de imigração a partir das dimensões analisadas nesta pesquisa:

5.2.1.1 Escrita – dimensão diastrática

Neste subtópico pretendemos lançar mão da análise dos dados referentes à escrita dos informantes no que concerne à dimensão diastrática, isto é, queremos compreender como a competência da escrita se comporta entre os informantes que têm menos escolaridade e os informantes que têm mais escolaridade.

Dentre os quatro teuto-brasileiros que elaboraram um texto escrito (CaGII-M, CaGII-F e CaGI-F), três são da classe alta, ou seja, têm ensino superior. Interessante notar que esses três informantes são licenciados e atuaram ou atuam na educação. O único informante da classe baixa (CbGI-M), que tem no máximo o ensino médio e que elaborou o texto escrito, tem um perfil diferenciado, pois embora não tenha ensino superior, teve a oportunidade de estudar e residir durante o ensino médio na Alemanha. Logo, o padrão de todos os informantes teuto-brasileiros que colaboraram com a escrita é de mais (+) escolaridade. No grupo de ítalo-brasileiros, dentre os três informantes que elaboraram um texto escrito, dois são da classe alta (CaGII-M e CaGII-F), sendo que ambos são licenciados e atuaram na educação, e um da classe baixa (CbGI-M).

Percebe-se, portanto, que o acesso à escrita na língua de imigração fica predominantemente restrito aos informantes que foram alfabetizados nessa língua ou que foram alfabetizados no português e, a partir deste, procuraram materiais para apoio e estudo da língua de imigração.

Resultados semelhantes a esse foram alcançados por Wolschick (2016), em sua pesquisa sobre o bilinguismo alemão-português em Mondaí-SC e São João do Oeste-SC, municípios do Oeste Catarinense. Ao seguir os pressupostos teórico-metodológicos

da dialetologia pluridimensional, a autora percebe que a Ca tende a ter um maior conhecimento do código escrito do alemão. Pesquisas que abordem essa mesma modalidade (escrita), mas no contato *Talian*-português, ainda não foram realizadas no Oeste Catarinense, e, por isso, não temos os dados necessários para comparações.

5.2.1.2 Escrita – dimensão diageracional

Neste subtópico, nosso objetivo é refletir sobre os dados de escrita dos informantes quanto à dimensão diageracional, ou seja, compreender se o fator faixa etária influenciou nos resultados concernentes à escrita dos informantes.

No grupo de teuto-brasileiros, dentre os quatro informantes que elaboraram o texto escrito, temos dois informantes que pertencem à geração mais velha (GII – mais de 55 anos) e dois informantes que pertencem à geração mais jovem (GI – entre 18 e 36 anos), CaGII-M CaGII-F, CaGI-F e CbGI-M, respectivamente. Ora, percebe-se que a escrita, para os teuto-brasileiros, é uma competência que pertence tanto aos informantes mais velhos quanto aos informantes mais jovens. Isso pode estar relacionado ao fato de que em Saudades, por muito tempo, teve-se o ensino formal do alemão padrão na escola, e muitos informantes residentes no município que hoje estão na faixa etária dos 30 anos passaram por esse processo de aprendizagem.

Entre os ítalo-brasileiros dois informantes pertencentes à geração mais velha, CaGII-M e CaGII-F, e dois pertencentes à geração mais jovem, CaGI-F CbGI-M, têm a competência da escrita desenvolvida. Como comentado acima e relatado pelos informantes, nunca houve o ensino formal de *Talian* nas escolas do município de Nova Erechim. Todavia, em decorrência das oficinas de *Talian* que estão sendo produzidas no município nos últimos anos, espera-se que, além da oralidade, o *Talian* seja revitalizado também no âmbito da escrita, através de um processo de alfabetização nessa língua. Isso faria com que tanto os mais jovens quanto os mais velhos, pois todas as faixas etárias podem participar das oficinas, desenvolvessem essa competência.

No trabalho de Wolschick (2016) sobre o bilinguismo alemão-português em Mondaí-SC e São João do Oeste-SC, ao analisar a competência escrita na dimensão diageracional, também encontramos dados semelhantes aos que foram por nós coletados. De acordo com a autora, dos dezesseis informantes entrevistados, sete têm desenvolvida a competência escrita, e, destes, quatro pertencem à geração mais velha

(GII) e quatro pertencem à geração mais jovem (GI), demonstrando que nesse grupo étnico há um equilíbrio na dimensão diageracional no que concerne a essa modalidade linguística. Novamente, destacamos que no contato *Talian*-português, não encontramos estudos na dialetologia pluridimensional realizados na região que dêem conta da competência escrita.

5.2.1.3 Escrita – dimensão diassexual

Neste subtópico, pretendemos demonstrar como se comportam os dados referentes à competência escrita na dimensão diassexual, isto é, perceber se há diferenças no uso da escrita entre homens e mulheres.

No grupo de teuto-brasileiros, dentre os quatro informantes que possuem a competência escrita, CaGII-M, CaGII-F, CaGI-F e CbGI-M, temos dois homens e duas mulheres. Dessa forma, visualizamos um equilíbrio no que tange à dimensão diassexual, com a mesma proporção de homens e mulheres desempenhando a mesma competência. O mesmo fica perceptível no grupo de ítalo-brasileiros, com os quatro informantes que possuem a competência escrita, CaGII-M, CaGII-F, CaGI-F e CbGI-M. A proporção permanece equilibrada, com dois homens e duas mulheres.

Ao compararmos esse dados com aqueles apresentados por Wolschick (2016), percebemos algumas diferenças no que tange à dimensão diassexual. Enquanto na presente pesquisa há uma relação de equilíbrio entre homens e mulheres, na pesquisa de Wolschick (2016) há mais homens com a competência escrita desenvolvida do que mulheres. De acordo com a autora, apenas duas mulheres (as duas informantes CaGII-F de cada localidade) escreveram na variedade de imigração, enquanto os outros cinco informantes eram homens.

5.2.2 Leitura

A fim de obter dados acerca dessa competência de leitura, ao final de cada entrevista perguntávamos aos informantes se estariam dispostos a ler um pequeno texto na variedade de imigração, este correspondia à Parábola do Filho Pródigo, no *Deutsch*, e a um texto sobre os preparativos de um casamento, no *Talian*. Estes textos pertencem ao questionário do projeto ALCF (2013), sendo que a versão no *Deutsch* foi escrita por Altenhofen (2006) e a versão no *Talian*, por Bortolotto (2014). No que concerne à

leitura, tivemos dados semelhantes aos da escrita. Alguns informantes disseram não saber ler nada na língua de imigração, outros disseram conseguir identificar algumas palavras e tentaram fazer a leitura, e houve, por fim, aqueles que leram com maior domínio. No quadro 7 e no gráfico 3, verificamos quais foram os informantes que realizaram a leitura e quais não a fizeram:

Quadro 8 - Comportamento dos informantes em relação à leitura:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Leram</i>
○	○	○	○	○	<i>Não leram</i>
●	●	●	●		
○	●	●	○		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Antes da leitura propriamente dita, contudo, incitamos os informantes a estabelecerem seu grau de domínio da habilidade de leitura através de uma escala. Esta era composta por cinco diferentes níveis: *não sei ler* – *leio um pouco* – *leio mais ou menos* – *leio bem* – *leio muito bem*. Os informantes teuto-brasileiros oscilaram entre “um pouco” e “bem”, vejamos: CaGI-M, CbGI-F, CbGII-M e CbGII-F disseram saber ler um pouco, enquanto os informantes CbGI-M, CaGI-F, CaGII-F e CaGII-M disseram saber ler bem. As respostas dos informantes ítalo-brasileiros variaram mais: CbGII-M e CbGII-F disseram não saber ler em *Talian*, o informante CaGI-M disse ler um pouco, CbGI-F e CbGI-M responderam ler mais ou menos, e os informantes CaGII-F, CaGII-M e CaGI-F disseram ler bem. A testagem da leitura no português não foi realizada, mas quando questionados sobre o seu grau de domínio na leitura do português, todos os informantes oscilaram, na escala, entre o “um pouco”, “mais ou menos” e “bem”. O gráfico 3 sistematiza as informações citadas acima.

Quadro 9 – Percepção dos informantes em relação à habilidade de leitura nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Muito bem</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Bem</i>
○ ●	○ ●	○ ●	○ ●	◑	<i>Mais ou menos</i>
				◒	<i>Um pouco</i>
				○	<i>Não sei</i>

Fonte: dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Para o grupo de teuto-brasileiros, mesmo sabendo que o *Deitsch* é uma língua essencialmente oral e que os falantes normalmente desenvolvem a habilidade de escrita e leitura apenas no *Hochdeutsch*, procuramos apresentar-lhes um texto em que a variedade falada estava transposta para a forma escrita⁶¹. No geral, os informantes relataram muitas dificuldades no momento da leitura e acreditamos que isso possa estar relacionado à variedade na qual o texto estava escrito. Os informantes CaGI-F e CbGI-M foram os que apresentaram mais facilidade durante a leitura, mesmo que em alguns momentos não tenham reconhecido certas palavras. Já os informantes CaGI-M e CaGII-M tiveram mais dificuldade. Lembremos que o informante CaGI-M relatou ter tido pouco contato com a variedade de imigração, possuindo certa limitação em todas as competências linguísticas. O informante CaGII-M, por sua vez, disse ter mais facilidade na leitura do *Hochdeutsch*, mas não no *Deitsch*. O mesmo ocorreu com a informante CaGII-F que, inclusive, buscou outros materiais em *Hochdeutsch* que possuía em casa para realizar a leitura. Neste momento, ficou clarividente a diferença entre uma variedade e outra.

Percebamos, portanto, as especificidades presentes em cada um dos informantes teuto-brasileiros no que tange à competência da leitura. Enquanto que para alguns ler no *Deitsch* é mais fácil do que ler no *Hochdeutsch*, para outros, em especial para aqueles que estudaram por mais tempo a variedade padrão, é muito mais fácil ler no *Hochdeutsch* do que na variedade empregada na fala. Para estes últimos, o *Deitsch* como língua escrita soa estranho.

⁶¹ Este texto, apresentado no anexo I, foi elaborado por Altenhofen (2006), e, segundo o pesquisador, seria uma produção em *Hunsrückisch*, sendo que este equivaleria à variedade oral do alemão falada localmente (ALTENHOFEN, 2007). Nesta dissertação, por motivos já mencionados anteriormente, optamos por utilizar a o termo *Deitsch* em lugar de *Hunsrückisch*. E, no momento da entrega do texto para leitura aos informantes, não abordamos as divergências de nomenclatura existentes na área, apenas explicamos que se tratava de um texto escrito na variedade mais local e não no *Hochdeutsch*.

Esses dados referentes à leitura coletados em Saudades aproximam-se dos dados coletados por Wolschick (2016) em Mondaí e São João do Oeste. Neste estudo, a autora também percebeu que alguns informantes teuto-brasileiros têm mais facilidade para ler no *Deitsch*, enquanto outros têm mais facilidade para ler no *Hochdeutsch*. Isso dependerá de alguns fatores, como o índice de escolaridade na língua de imigração e a faixa etária dos informantes. Essas informações ficarão mais claras nos subtópicos na sequência.

No grupo de ítalo-brasileiros, os informantes CaGI-F, CaGII-M e CaGII-F realizaram a leitura no *Talian* com facilidade, demonstrando ter mais conhecimento nessa competência linguística. De acordo com os próprios informantes, eles costumam ler revistas e materiais em *Talian*, possuindo, em sua casa, gramáticas e dicionários, logo, não apresentaram nenhuma dificuldade no texto que lhes foi apresentado. Já os informantes CbGII-M, CbGI-M, CaGI-M e CbGI-F, embora tenham aceitado fazer a leitura, apresentaram mais dificuldades nessa competência. Eles não reconheciam muitas palavras e tinham dificuldades com a pronúncia, relatando não saber como produzir determinados sons. Apesar desse contraste, todos os informantes que realizaram a leitura conseguiram compreender o conteúdo do texto, e ao serem questionados diziam se tratar de um texto sobre o casamento de dois jovens que vieram à América. Interessante salientar que muitos desses informantes, ao pegarem os textos e observarem por alguns segundos, conseguiam fazer uma tradução simultânea conforme iam avançando na leitura. De acordo com os seus relatos, traduzir o texto para o português era muito mais fácil do que ler no *Talian*. Até mesmo o informante CbGII-M que, inicialmente, disse não saber ler no *Talian*, conseguiu, mesmo que minimamente, ler o texto. A informante CbGII-F foi a única que não realizou a leitura e disse nunca ter tido contato com textos escritos em *Talian*.

Percebamos que os informantes do grupo ítalo que tiveram uma leitura mais fluida, isto é, CaGII-M, CaGII-F e CaGI-F, são os que mais tem contato com materiais impressos no *Talian*. A informante CaGII-F, por exemplo, é professora de *Talian*, tendo um vasto domínio da gramática dessa língua, e a informante CaGI-F é aluna da oficina de *Talian*, e está passando por um processo de aprendizagem da modalidade escrita da variedade. Evidencia-se, então, a relação entre a habilidade receptiva de leitura e o processo de escolarização. Afinal, embora o *Talian* não esteja presente no currículo escolar de Nova Erechim, conta-se com um nível de formalização do seu ensino. E, por isso, há traços de maior monitoramento na leitura por parte dos informantes citados

acima, o que não ocorreu com os demais informantes que leram. Estes mostraram uma leitura mais artificial, “quebrada”, e sem monitoramento.

5.2.2.1 Leitura – dimensão diastrática

Neste subtópico, buscamos analisar os dados referentes à leitura no que concerne à dimensão diastrática, isto é, queremos compreender quais os contrastes existentes na competência da leitura em relação aos informantes com mais escolaridade e aos informantes com menos escolaridade.

No grupo de teuto-brasileiros, dos oito entrevistados, cinco realizaram a leitura do texto. Desses cinco, apenas um informante, o CbGI-M, pertence à classe baixa, ou seja, possui no máximo o ensino médio. Todos os demais, CaGII-M, CaGII-F, CaGI-F e CaGI-M, são da classe alta, uma vez que possuem ensino superior. Percebe-se, portanto, que todos os informantes da classe alta que foram entrevistados realizaram a leitura. Embora alguns tenham tido mais dificuldades, verificamos que a competência da leitura está mais desenvolvida nos informantes pertencentes à classe alta do que nos pertencentes à classe baixa. Salientamos, novamente, que mesmo o informante CbGI-M possui traços de (+) escolaridade, pois embora não possua ensino superior, possui um ensino médio técnico desenvolvido na Alemanha.

No grupo de ítalo-brasileiros, dos oito entrevistados, seis realizaram a leitura do texto proposto. Desses seis, três informantes pertencem à classe alta e os outros três pertencem à classe baixa. Diferentemente do que foi verificado acima, há um equilíbrio no que diz respeito à competência de leitura entre os informantes, considerando a escolaridade.

Nossa ideia inicial era a de que as competências de leitura e de escrita estariam associadas ao índice maior de escolaridade, todavia isso ocorre apenas no grupo de teuto-brasileiros. Acreditamos que o equilíbrio entre classe alta e classe baixa no grupo de ítalo-brasileiros esteja relacionado ao fato de que nenhum dos informantes teve acesso ao ensino formal no *Talian* ao longo de suas vidas, logo, não se sentiram inibidos a tentar realizar a leitura. E, ao perceberem que aquilo que estava no papel era muito semelhante àquilo que utilizam na fala, não tiveram dificuldades de seguir com a leitura.

5.2.2.2 Leitura – Dimensão Diageracional

Neste subtópico, buscamos compreender de que forma se constrói a habilidade de leitura nas línguas de imigração entre os informantes que fazem parte da geração mais jovem e os informantes que fazem parte da geração mais velha.

No grupo de teuto-brasileiros, dos cinco informantes que realizaram a leitura, três pertencem à geração jovem (CaGI-M, CaGI-F e CbGI-M) e dois pertencem à geração mais velha (CaGII-M e CaGII-F). Trata-se, portanto, de uma habilidade desenvolvida por informantes pertencentes a ambas as gerações. Além disso, reiteramos o fato de que os informantes que atualmente se encontram na faixa dos 30 anos, na sua maioria, tiveram acesso ao ensino formal do alemão no município de Saudades.

No grupo de ítalo-brasileiros, dos seis informantes que realizaram a leitura, três pertencem à geração jovem (CaGI-M, CbGI-M e CbGI-F) e os outros três pertencem à geração mais velha (CaGII-M e CaGII-F). Novamente, percebemos o equilíbrio entre uma geração e outra. Fica nítido, portanto, que a diferença geracional não é um fator determinante para o desenvolvimento da habilidade de leitura.

5.2.2.3 Leitura – dimensão diassexual

Neste subtópico, analisamos os dados acerca da habilidade de leitura de acordo com a dimensão diassexual, ou seja, buscamos compreender de que forma essa habilidade se distribui em informantes do sexo masculino e informantes do sexo feminino.

Semelhante ao que observamos no item sobre a habilidade escrita, na leitura não há grandes diferenças no que diz respeito aos diferentes sexos. No grupo de teuto-brasileiros, dos cinco informantes que realizaram a leitura, dois eram do sexo feminino (CaGI-F e CaGII-F) e três eram do sexo masculino (CaGI-M, CaGII-M e CbGI-M). No grupo de ítalo-brasileiros, dos seis informantes que realizaram a leitura, dois eram do sexo feminino (CaGII-F e CbGI-F) e quatro eram do sexo masculino (CaGII-M, CaGI-M, CbGII-M e CbGI-M). Há uma leve tendência em direção aos informantes do sexo masculino, isto é, olhando para o todo, temos mais informantes do sexo masculino realizando a leitura se comparados aos informantes do sexo feminino.

5.2.3 Fala

A fim de realizar a testagem acerca da habilidade de fala nas línguas de imigração, fizemos uso das técnicas de conversa semidirigida, questionário e caderno de campo. Dessa forma, através de questões metalinguísticas, levávamos os informantes à fala. Dos dezesseis informantes entrevistados, a grande maioria utilizou a língua de imigração.

Apesar das especificidades da habilidade da expressão oral em cada um dos informantes, pudemos perceber que na grande maioria dos entrevistados prevaleceu o fenômeno do *code-switching* (ver Romaine, 1995), isto é, a alternância de códigos durante uma conversa. Assim, durante as entrevistas era comum que os informantes utilizassem ora o *Deutsch/Deutsch* ou o *Talian*, ora o português, a depender do teor da pergunta ou do assunto tratado. Por exemplo, quando se pedia aos informantes que falassem sobre suas famílias e sua história de vida, era mais comum o uso da língua de imigração. Contudo, quando era necessário comentar sobre um tema mais técnico, como a formação profissional de cada um deles, era mais comum o uso do português.

No grupo de teuto-brasileiros, o *code-switching* ficou mais perceptível no informante CaGI-M que conseguia formar alguns enunciados e dar respostas curtas no *Deutsch*, mas que recorria ao português para construir respostas mais elaboradas. Nos demais informantes, também ocorria o *code-switching* entre o português e o *Deutsch/Deutsch*, mas além deste, tínhamos a alternância entre o *Hochdeutsch* e o *Deutsch/Deutsch*. Isso significa que muitos descendentes de alemães alternam entre três variedades: o português, o alemão padrão e as variedades locais.

No grupo de ítalo-brasileiros, tivemos casos de informantes que, embora dissessem saber o *Talian* e usá-lo em algumas situações do dia a dia, durante a entrevista falaram apenas no português. Este foi o caso dos informantes CbGI-M, CbGI-F e CaGI-F, eles relataram que em casa, com a família e vizinhos ou com pessoas mais velhas, tendem a utilizar o *Talian*, através do uso de algumas palavras e expressões. Acreditamos que por estarem diante de um gravador e de uma pessoa pouco conhecida, sentiram-se pouco a vontade para interagir no *Talian*. Isso ficou nítido quando desligamos o gravador e iniciamos uma conversa informal com outras pessoas que estavam no local da entrevista, pessoas estas também falantes do *Talian*, neste momento os entrevistados começaram a proferir algumas expressões na variedade de imigração.

Também, tivemos informantes que utilizaram apenas o *Talian* durante toda a entrevista, como é o caso do CaGII-M e CaGII-F. Os demais informantes, CaGI-M, CbGII-M e CbGII-F, alternaram entre o uso do português e do *Talian*. Na fala do informante CaGI-M ficou perceptível a predominância do português, mas com algumas expressões no *Talian*; enquanto na fala dos informantes CbGII-M e CbGII-F percebemos a predominância do *Talian*, com a inserção de expressões e enunciados completos no português.

No momento em que os informantes colocaram em uma escala (que variava de *não sei falar – falo um pouco – falo mais ou menos – falo bem – falo muito bem*) a sua própria percepção em relação ao grau de domínio da fala na língua de imigração, tivemos respostas que foram do “um pouco” até o “muito bem”. Significa dizer que, independentemente do grupo étnico, todos dizem saber falar na língua de imigração em algum nível. No grupo ítalo-brasileiro, as respostas foram as seguintes: a informante CaGI-F disse saber falar um pouco, os informantes CbGI-F, CbGI-M, CaGI-M e CbGII-M disseram saber falar mais ou menos, e os CaGII-F, CaGII-M e CbGII-F disseram saber falar bem. Já os teuto-brasileiros posicionaram-se da seguinte forma: o informante CaGI-M disse saber falar mais ou menos, os informantes CbGII-M, CbGII-F, CaGI-F, CaGII-M e CbGI-F disseram falar bem, e os informantes CbGI-M e CaGII-F disseram falar muito bem. O gráfico 4 organiza as respostas referentes à percepção dos informantes acerca da sua própria habilidade de fala, vejamos:

Quadro 10 – Percepção dos informantes em relação à habilidade de fala nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Muito bem</i>
● ○	● ●	● ○	● ○	◐	<i>Bem</i>
● ●	● ●	○ ●	● ○	◑	<i>Mais ou menos</i>
				◒	<i>Um pouco</i>
				○	<i>Não sei</i>

Fonte: dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

A testagem da fala no português não foi alvo de análise nessa pesquisa, mas todos os informantes utilizaram também o português em algum momento da entrevista, deixando evidente que dominam essa língua. Quando pedimos que inserissem em uma

escala a sua percepção de grau de domínio da fala no português, todos os informantes disseram falar “bem” ou “muito bem”.

Como trabalhamos, ao longo das entrevistas, com diferentes estilos de expressão oral (conversa semidirigida, respostas ao questionário e caderno de campo), compreendemos a relevância de expor os dados de acordo com esses estilos. Thun (1996), ao abordar a dimensão diafásica, situa os diferentes estilos em mais espontâneos e mais controlados.

Conversa semidirigida: A conversa semidirigida foi realizada no início da entrevista para que o informante se sentisse mais à vontade em relação à entrevista e à aplicação do questionário. Esse estilo equipara-se à conversa livre, aquela que de acordo com Thun (1996) goza da característica de ser a atuação mais livre dentro do que permite a situação da entrevista. Ressaltamos que durante nossas entrevistas poucas vezes fizemos uso do recurso da conversa livre, e por isso preferimos tratar a conversa semidirigida como a mais livre dentre os estilos empregados. Deste modo, iniciávamos a conversa com a seguinte pergunta, sempre proferida na língua de imigração correspondente: “Você poderia contar um pouco sobre a sua história e também sobre a sua família, onde moram, qual o trabalho que realizam, há quanto tempo estão neste município, etc?”

Neste momento, os informantes contavam as suas histórias, desde onde nasceram e como chegaram ao município em que estão hoje. Relatavam também histórias vivenciadas ao longo de suas vidas. No geral, as conversas não foram muito longas, e os informantes pertencentes à GII eram os que mais apresentavam informações.

Dentre os informantes teuto-brasileiros, todos deram início à conversa semidirigida utilizando o *Deutsch/Deutsch* ou o *Hochdeutsch*, com exceção do CaGI-M. Já dentre os ítalo-brasileiros, apenas os informantes pertencentes à GII utilizaram o *Talian* nesse estilo, todos os informantes mais jovens utilizaram apenas o português. Inclusive, os informantes ítalo da geração mais velha tendiam a alternar entre o *Talian* e o português desde o início da conversa. O informante ítalo-brasileiro CaGI-M tentou, em alguns momentos, inserir algumas palavras do *Talian* em sua fala, mas era nítida a sua insegurança, tanto em relação à pronúncia, quanto em relação ao próprio sentido da palavra que estava sendo empregada.

Questionário: as respostas dadas ao questionário são, segundo Thun (1996), o estilo intermediário à leitura, que é o estilo menos espontâneo e mais monitorado, e à conversa livre, que corresponde ao estilo mais livre. Neste caso foram feitas perguntas de nível descritivo e objetivo. Assim, algumas apenas demandavam respostas como “sim” e “não”, “*Talian*”, “*Deutsch*” ou “Português”. Por outro lado, outras exigiam a construção de uma resposta dos informantes a partir das suas opiniões e conhecimentos.

De modo geral, em ambos os grupos étnicos, ao realizarmos questões objetivas, cujas respostas eram simples e rápidas, tínhamos respostas nas variedades de imigração. Citamos como exemplo a pergunta: “Qual é o nome da língua de imigração que se fala aqui?”, neste caso as respostas mais comuns eram “*Talian*” para o grupo de ítalo-brasileiros e “*Deutsch*” para o grupo de teuto-brasileiros. O perfil de respostas alterava quando as perguntas necessitavam de uma descrição, isto é, um planejamento de resposta por parte do entrevistado. Nesse estilo de pergunta, os informantes oscilavam entre a variedade de imigração e o português, e foram nesses momentos que percebemos com mais nitidez o *code-switching*.

Nesse estilo, há uma tendência de os teuto-brasileiros manterem-se mais na variedade de imigração, independentemente das dimensões analisadas, enquanto os ítalo-brasileiros alternam mais a sua variedade com o português, fazendo uso exclusivo do português em alguns momentos. Em especial na geração jovem ítalo-brasileira, percebemos a dificuldade que muitos tinham em manter uma resposta utilizando a variedade de imigração. Muitos iniciavam a resposta com algumas palavras do *Talian*, mas logo recorriam ao português, outros, devido à insegurança, preferiam utilizar apenas o português.

Caderno de campo: Além da entrevista propriamente dita, fizemos uso do caderno de campo e da observação participante ao longo de nossas pesquisas de campo, a fim de melhor compreender a dinâmica do uso das línguas, sejam elas as variedades de imigração ou o português, em cada uma das comunidades. No caderno de campo, anotamos as nossas percepções acerca das localidades e dos informantes entrevistados, bem como relatos feitos pelos próprios informantes nos momentos em que o gravador não estava ligado.

No que tange à expressão oral, percebemos um maior uso da língua de imigração nos momentos de menor monitoramento, isto é, os falantes se sentiam mais a vontade para utilizar o *Talian* ou o *Deutsch* quando o gravador não estava ligado. O mais

interessante é que até mesmo os informantes do grupo ítalo-brasileiro pertencentes à GI utilizaram o *Talian* no momento em que a entrevista (leia-se, o gravador) foi encerrada. Ora, resulta daí que todos os informantes, sem exceção, falam as variedades de imigração ao menos para proferir algumas expressões. Isso significa que todos possuem a habilidade da fala desenvolvida em algum nível, mesmo que seja mínimo, e isso só transpareceu no estilo menos monitorado, ou seja, em diálogos que foram observados e anotados em situações posteriores à gravação.

Para pensarmos o uso das línguas em nível de comunidade também recorremos às anotações de caderno de campo. Ao circularmos pelos municípios, detectamos diversas situações de expressão oral nas variedades de imigração por parte da população, evidenciando-se os contextos de conversa entre vizinhos, conhecidos e familiares nas ruas ou nas casas. Diversos foram os momentos em que chegamos às casas dos informantes e nos deparamos com outras pessoas, as quais cumprimentávamos e explicávamos a razão de nossa presença. Essas pessoas, em sua maioria pertencentes à GII e aposentados, relataram que é muito comum que nessas visitas a parentes e vizinhos se faça o uso do *Talian* ou do *Deutsch/Deutsch*. Também relataram que essa prática já não é tão comum entre jovens, afinal nos dois municípios há uma perceptível evasão da população jovem que vai para cidades maiores, como Chapecó, a fim de estudar e trabalhar, e também porque os que permanecem na cidade natal costumam trabalhar durante o dia e estudar a noite. Decrescem, portanto, as situações oportunas para o uso das variedades de imigração, e o resultado dessa dinâmica acaba sendo a substituição da variedade de imigração pelo português.

O quadro 8 sintetiza o comportamento dos informantes em relação à fala na língua de imigração:

Quadro 11 - Comportamento dos informantes em relação à fala:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Falaram</i>
● ●	● ●	● ●	● ○	○	<i>Não falaram</i>
● ●	● ●	● ○	● ○		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

A seguir, descrevemos o comportamento dos informantes em relação à expressão oral a partir de cada uma das dimensões analisadas nesta pesquisa.

5.2.3.1 Fala – dimensão diastrática

O fator escolaridade não foi indicador de diferenças no que tange ao uso ou não da variedade de imigração por parte dos descendentes teuto e ítalo-brasileiros. No grupo de teuto-brasileiros, todos os informantes, sem exceção, falaram na língua de imigração. Alguns informantes falaram mais no *Deitsch* ou no *Hochdeutsch*, e outros menos, alguns alternaram mais entre o português e a variedade de imigração e outros menos, mesmo assim, todos souberam falar na variedade local do alemão. Diferentemente, no grupo de ítalo-brasileiros tivemos informantes que falaram no *Talian* e outros que disseram saber falar, mas que no ato da entrevista não falaram, como é o caso dos informantes CbGI-M, CbGI-F e CaGI-F. Neste caso, o fator escolaridade não se mostrou tão relevante, pois tivemos informantes tanto da classe alta quanto da classe baixa utilizando ou não o *Talian*.

Um dado relevante e perceptível entre Ca e Cb, em especial para os informantes pertencentes à GII, é que a fala dos indivíduos da classe alta possui traços de maior monitoramento no caso do *Talian*, ou de maior proximidade com o padrão no caso da variedade alemã em que os falantes tendem a utilizar o *Deutsch*.

Tínhamos como hipótese inicial que a Ca tendesse ao uso maior da língua de prestígio, isto é, o português, contudo isso não se confirmou. Dados semelhantes foram encontrados por Wolschick (2016) e Bernieri (2017) em estudos com os mesmos grupos étnicos aqui analisados. As pesquisadoras perceberam que entre as classes sociais Ca e Cb, os dados referentes à produção oral dos informantes se aproximam.

5.2.3.2 Fala – dimensão diageracional

Ao observarmos a competência da expressão oral na língua de imigração, percebemos diferenças entre um grupo étnico e outro. No grupo de teuto-brasileiros, todos os informantes falaram no *Deitsch/Deutsch*, demonstrando ter domínio dessa habilidade independentemente da faixa etária. Todavia, no grupo de ítalo-brasileiros a expressão oral é uma competência presente em todos os informantes da geração mais

velha, mas não em todos os da geração mais jovem. Embora os informantes CaGI-F, CbGI-M e CbGI-F tenham dito saber falar um pouco na língua de imigração, durante a entrevista não o fizeram. Podemos associar essa atitude ao fato de estarem inseridos em um contexto de fala monitorada, com uso de gravadores.

Lembremos, novamente, que há uma tendência de a GII utilizar traços +formais ou +padrão em sua fala, possivelmente por ter estado mais exposta a essas variedades ao longo dos anos e por pertencer a uma cultura linguística mais conservadora, na qual o apreço por uma língua “pura” era mais evidente. São, portanto, os informantes teutos CaGII-F e CaGII-M que fizeram o uso do *Hochdeutsch* na GII, e os informantes ítalos CaGII-F e CaGII-M que mais monitoraram e formalizaram o seu *Talian*.

5.2.3.3 Fala – dimensão diassexual

Nesta dimensão, também não encontramos diferenças no que tange à fala dos informantes. No grupo de teuto-brasileiros, tanto informantes do sexo masculino quanto informantes do sexo feminino falaram na língua de imigração. No grupo de ítalo-brasileiros ocorreu o mesmo. Dos informantes pertencentes a este grupo que não se expressaram oralmente na língua de imigração, temos um informante do sexo masculino e duas informantes do sexo feminino, contudo não há nenhum indício que nos permita associar esse comportamento ao fator sexo.

No trabalho de Wolschick (2016), confirmou-se a hipótese atrelada a alguns estudos (ver, Chambers e Trudgill, 1994) de que as mulheres utilizam menos as variedades minoritárias, pois tendem ao uso da língua de maior prestígio. Logo, de acordo com a autora, em Mondaf-SC e São João do Oeste-SC são os homens os que mais utilizam as variedades de imigração. Em nossa pesquisa, essa hipótese foi refutada. Nossos dados se aproximam daqueles coletados por Bortolotto (2015), Wehrmann (2016) e Hasselstron (2018), em pesquisas também realizadas no oeste catarinense. As autoras afirmam que na dimensão diassexual geralmente encontramos equilíbrio entre os dados de homens e mulheres.

5.2.4 Compreensão auditiva

Com o objetivo de testar a habilidade da compreensão auditiva nos informantes, procuramos realizar todas as entrevistas na língua de imigração correspondente. Assim, ao entrevistar teuto-brasileiros, a entrevistadora utilizava o *Deutsch*, e para entrevistar os ítalo-brasileiros, utilizava-se o *Talian*. Lembremos que as entrevistas foram feitas por entrevistadoras diferentes.

Constatamos ao longo das entrevistas que todos os informantes de ambos os grupos étnicos possuem a competência da compreensão auditiva desenvolvida, isto é, todos os entrevistados foram capazes de compreender o que lhes era dito na língua de imigração, embora alguns tenham tido mais facilidade do que outros.

No grupo de teuto-brasileiros, toda a entrevista foi mantida na variedade de imigração, ou seja, tanto as questões pertencentes ao questionário quanto comentários a parte foram feitos no *Deutsch*, e a alternância para o português raras vezes acontecia. Nesse grupo, todos os informantes compreenderam a entrevistadora tranquilamente e as dúvidas que surgiam eram referentes à compreensão do conteúdo, mas não da língua. Assim, nos momentos em que os informantes não compreendiam o sentido daquilo que lhes estava sendo perguntado, a entrevistadora procurava explicar novamente, com outras palavras, mas mantendo o uso do *Deutsch*.

No grupo de ítalo brasileiros, houve um maior grau de alternância para o português. As questões do questionário eram feitas em *Talian*, mas quando os informantes não compreendiam, a entrevistadora procurava traduzir as questões para o português. Isso ocorreu porque em especial os informantes mais jovens do grupo de ítalo-brasileiros não compreendiam algumas palavras na língua de imigração. Além disso, comentários que surgiam a partir da conversa semidirigida ou até mesmo por curiosidade, em algumas situações, eram feitos também no português.

De maneira geral, quando questionados sobre o quanto compreendem a língua de imigração, os informantes de ambos os grupos étnicos disseram compreendê-la bem. Alguns informantes, contudo, como o teuto-brasileiro CaGI-M e a ítalo-brasileira CaGI-F, disseram não compreender algumas palavras ou expressões, tendo que pedir ajuda a outras pessoas em determinadas situações.

O quadro 9 sintetiza os resultados referentes à compreensão auditiva da língua de imigração por parte dos informantes:

Quadro 12 - Comportamento dos informantes em relação à compreensão auditiva:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Compreenderam</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	○	<i>Não compreenderam</i>
● ●	● ●	● ●	● ●		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Ora, temos, portanto, que 100% dos informantes disseram compreender a língua de imigração. Quando pedimos que eles colocassem em uma escala, que variava do *não entendo* – *entendo um pouco* – *entendo mais ou menos* – *entendo bem* – *entendo muito bem*, o seu nível de compreensão da língua de imigração, os informantes ítalo-brasileiros oscilaram suas respostas entre o “mais ou menos”, o “bem” e o “muito bem”. Vejamos as respostas individuais: CaGI-M e CaGI-F disseram compreender “mais ou menos”; CaGII-M, CbGII-F, CbGI-M e CbGI-F disseram compreender “bem”; CbGII-M e CaGII-F disseram compreender “muito bem”. Ressaltamos que essas respostas dizem respeito à opinião dos informantes sobre sua própria habilidade de compreensão da variedade. Ao fazermos o mesmo questionamento aos informantes teuto-brasileiros, estes oscilaram entre o “bem” e “muito bem”. Atentemos, agora, para as respostas individuais: CbGII-M, CbGII-F e CbGI-F disseram compreender “bem”; CbGI-M, CaGII-M e CaGII-F, CaGI-M e CaGI-F responderam compreender “muito bem”. Importante destacar que os informantes teuto-brasileiros, em suas respostas, reafirmavam que essa escala vale somente para a variedade falada localmente e não para o alemão padrão, pois este é de menor domínio de compreensão por parte deles. O gráfico 5 sistematiza as percepções linguísticas supracitadas.

Quadro 13– Percepção dos informantes em relação à habilidade de compreensão auditiva nas línguas de imigração, em Saudades e Nova Erechim:

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Muito bem</i>
● ●	● ●	● ●	● ●	◐	<i>Bem</i>
◐ ●	◐ ●	◐ ◐	◐ ◐	◑	<i>Mais ou menos</i>
		● ●	● ●	◒	<i>Um pouco</i>
				○	<i>Não sei</i>

Fonte: dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Posteriormente, também pedíamos que os informantes colocassem nessa mesma escala o seu domínio de compreensão do português, e neste caso tanto itálos quanto teuto-brasileiros oscilaram entre o “bem” e o “muito bem”, isto é, todos disseram ter uma compreensão auditiva do português que varia do bem para o muito bem.⁶²

Agora, descreveremos brevemente o comportamento da habilidade de compreensão auditiva dos informantes nos estilos empregados na entrevista, que neste caso constam de conversa semidirigida e de questionário:

Conversa semidirigida: Como mencionado anteriormente, a primeira pergunta feita aos informantes se encaixa no estilo de conversa semidirigida (“Você poderia contar um pouco sobre a sua história e também sobre a sua família, onde moram, qual o trabalho que realizam, há quanto tempo estão neste município, etc?”). Lembremos que esta pergunta, bem como o restante do questionário foram aplicados na língua de imigração correspondente a cada grupo étnico. De maneira geral, todos os informantes compreenderam a questão, sem necessitar de adaptação ou tradução para o português. Da mesma forma, alguns comentários que não fazem parte do questionário foram sendo feitos ao longo da entrevista, e estes também foram proferidos na língua de imigração e compreendidos pelos informantes.

Questionário: As demais questões que pertencem ao questionário aplicado, sejam elas descritivas ou objetivas, também foram realizadas na língua de imigração correspondente. Contudo, para alguns informantes foi necessário traduzir algumas palavras, expressões, ou até mesmo parafrasear a questão no português para que ela fosse compreendida. Ressaltamos que foram os informantes pertencentes à geração mais jovem do grupo itálo-brasileiro os que tiveram mais dificuldade para compreender as perguntas. Para a informante CaGI-F, por exemplo, fazíamos a pergunta em *talian* e, posteriormente, conversávamos sobre ela em português para que ficasse claro o seu sentido. Isso ocorreu em alguns momentos também com os informantes CaGI-M e

⁶² É perceptível, ao longo dessas páginas, que o foco dessa pesquisa são as variedades de imigração. Por isso, ao abordarmos uma escala de domínio de habilidades linguísticas, preferimos enfatizar o domínio dos informantes nas variedades de imigração e não no português. Justifica-se, então, o porquê da breve descrição das respostas no que confere ao domínio do português.

CbGI-M do grupo ítalo. No grupo teuto-brasileiro, esse processo ocorreu com menos frequência. Podemos dizer que apenas o informante CaGI-M teve dúvidas de compreensão ao longo da entrevista, e essas eram sanadas pela própria esposa do informante, uma vez que realizamos a entrevista com o casal simultaneamente.

Agora, apresentaremos alguns dados referentes à compreensão auditiva a partir de cada dimensão analisada nesta pesquisa:

5.2.4.1 Compreensão auditiva – dimensão diastrática

No que concerne à competência da compreensão auditiva e o fator escolaridade, não identificamos diferenças relevantes. De maneira geral, tanto informantes com mais escolaridade quanto os informantes com menos escolaridade têm facilidade para compreender as línguas de imigração. No grupo de teuto-brasileiros, podemos chamar atenção para o fato de que os informantes com mais escolaridade compreendem tanto o *Deutsch* quanto o *Hochdeutsch*, enquanto os informantes com menos escolaridade compreendem, predominantemente, o *Deutsch*, que, como comentado anteriormente, é a variedade do alemão falada localmente e amplamente difundida. Deste modo, eles relataram que quando estão em contato com outros descendentes de alemães falantes do *Hochdeutsch*, eles sentem dificuldades para compreender algumas palavras.

Esses resultados se aproximam daqueles coletados e analisados em outras pesquisas desenvolvidas na região oeste catarinense. Wehrmann (2016) e Wolschick (2016), ao entrevistarem teuto-brasileiros, perceberam que a compreensão auditiva do *Deutsch* era generalizada entre os informantes. Bortolotto (2015), Bernieri (2017) e Matozo (2018), ao entrevistarem ítalo-brasileiros, também constataram esse mesmo resultado, mas em relação ao *Talian*.

5.2.4.2 Compreensão auditiva - dimensão diageracional

O fator faixa etária também não implicou em grandes diferenças no que diz respeito à compreensão auditiva dos informantes em ambos os grupos étnicos. Tanto os informantes pertencentes à geração mais jovem quanto os pertencentes à geração mais velha apresentam facilidade na compreensão da variedade de imigração. O que fica nítido é que os informantes até os 36 anos demoram um pouco mais para assimilar o que lhes é dito ou perguntado e para preparar uma resposta na variedade de imigração,

em especial os ítalo-brasileiros. Em alguns momentos, esses informantes pediam que as perguntas fossem repetidas ou até mesmo que traduzíssemos algumas palavras. Isso ocorria principalmente durante a aplicação do questionário, visto que as perguntas eram mais direcionadas.

Interessante mencionar que ao ouvirmos os dados pertencentes ao projeto ALCF, coletados por Matozo (2018), em Chapecó-SC, e por Bernieri (2017), em Coronel Freitas, ambos direcionados ao contato *Talian*-português, encontramos esse mesmo resultado. Gerações mais jovens, em alguns casos, necessitaram de uma tradução ou explicação no português sobre a questão que havia sido feita no *Talian*.

5.2.4.3 Compreensão auditiva – dimensão diassexual

Ressaltamos que nessa dimensão não encontramos diferenças relevantes no que tange à competência da compreensão auditiva. Tanto informantes do sexo masculino quanto informantes do sexo feminino apresentaram facilidade para compreender as variedades de imigração. Se encontramos algumas minuciosas discrepâncias na dimensão diageracional, aqui já não detectamos nenhum indício de mudança. Wolschick (2016) ao analisar a compreensão auditiva dos seus informantes, também não encontrou diferenças entre as dimensões diassexual.

5.2.5 Correlação dos dados relacionados às habilidades linguísticas

Ao final desta seção, após apresentarmos os dados sobre cada habilidade linguística de forma individualizada, tencionamos sistematizá-los e relacioná-los a fim de que possamos compreender a dinâmica do grau de bilinguismo dos informantes não como algo parcial ou incompleto, e sim como um fenômeno complexo e multifacetado, que se reorganiza distintamente em cada repertório linguístico. Para isso, os quadros 10 e 11 apresentam as habilidades linguísticas estudadas e os informantes entrevistados, distribuídos em suas respectivas localidades.

O quadro 10 organiza os dados referentes à opinião de cada informante a respeito de suas habilidades linguísticas. Lembremos que para chegar a esses resultados pedíamos aos informantes que colocassem em uma escala que variava do *não sei* – *sei*

Fonte: dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Ao observarmos este quadro, percebemos que no conjunto há mais dados preenchidos, isto é, mais habilidades desenvolvidas, do que não desenvolvidas. Em nível de localidades, temos os mesmos números de informantes com habilidades desenvolvidas (e não desenvolvidas) tanto em Saudades, quanto em Nova Erechim. Logo, as divergências não têm como foco um maior ou um menor desenvolvimento de habilidades, e sim quais as habilidades que são desenvolvidas e qual o perfil de informante que as desenvolvem.

Após expostos os dados referentes ao grau de domínio das habilidades linguísticas, apresentaremos, a partir da próxima seção, as funções para as quais as línguas de imigração são utilizadas. Compreenderemos, portanto, questões relacionadas ao contexto e à frequência de uso das línguas de imigração.

5.3 FUNÇÕES DE USO DAS LÍNGUAS

Neste tópico, analisaremos os dados referentes às funções de uso das línguas de imigração em cada um dos grupos étnicos, isto é, procuraremos identificar e compreender com quem, quando e onde os informantes utilizam as línguas de imigração na sua rotina.

5.3.1 Com quem

A fim de reconhecer quais são os interlocutores dos nossos informantes, ou seja, com quem eles costumam utilizar as suas línguas de imigração, lançamos mão de algumas perguntas, tais como: “Que língua costuma falar com a família?” e “Que língua utiliza quando vem gente na sua casa?”. Os dados indicam que a família ainda é o principal lugar de manutenção da língua de imigração. Embora alguns utilizem mais, outros menos, sempre há algum familiar com quem se utiliza a língua de imigração. Abaixo sistematizamos os dados colhidos e os analisamos.

Quadro 16 - Respostas dadas à pergunta “Que língua costuma falar com a família?”

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Deitsch ou Talian</i>
● ●	● ●	● ●	● ○	◐	<i>Ambas (imigração e português)</i>
● ●	● ●	● ○	● ●	○	<i>Português</i>

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Os dados sistematizados acima demonstram diferenças salientes entre um grupo étnico e outro. Enquanto o grupo teuto-brasileiro opta, na grande maioria dos casos, por falar o *Deitsch* com a família, no grupo de ítalo-brasileiros nenhum dos informantes responderam falar apenas o *Talian*, quase todos disseram utilizar ambas as línguas no contexto familiar. Além disso, no grupo de ítalo-brasileiros, dois informantes disseram não falar a língua de imigração em casa, apenas o português.

Quando questionados, os informantes disseram que a escolha por uma língua ou outra está ligada a membros específicos da família, por exemplo, alguns informantes disseram falar o português porque os filhos não compreendem a variedade de imigração, outros disseram utilizar a variedade de imigração apenas com os avós. O padrão geral, em ambos os grupos, é utilizar a variedade de imigração com os parentes mais velhos e o português com os mais jovens.

No grupo ítalo-brasileiro, os informantes pertencentes à geração mais velha disseram que com seus pais, irmãos, esposos/esposas e outros parentes da mesma faixa etária, costumam falar no *Talian*, mas com seus filhos predomina o português. A configuração apresentada é, portanto, do uso de ambas as línguas no contexto familiar. Vejamos os relatos das duas informantes femininas da GII:

Entrevistadora: *Che lengoa ti costumi parlar ntea fameia?* **CbGII-F:** *Com me sorele de più veche parlo Talian e com depiù giovena parlo el brazilian [...] com el fioi, el brazilian, ma ghene um che ga fato curso de Talian, lora parla um poco de Talian anca quèl.*⁶³

⁶³ **Entrevistadora:** Que língua costuma falar com a família? **CbGII-F:** Com minhas irmãs mais velhas falo o talian, e com as mais jovens falo o português [...] com os filhos o português, mas tem um que fez o curso de talian, então ele fala um pouco de talian também.

Entrevistadora: *Che lengoa ti costumi parlar ntea fameia? CaGII-F:* *Dopo che se gha cooficializa el Talian e depo che quá noantri gavemo cria una associazione taliana se parla depiù Talian, se procura parlar sempre depiù Talian... Com me pare e me mare mi parlo quase tutto em Talian... com el fioi parlo anca Talian, ma como que lori stai cria depiù em brasilian, lora se toca de olte parlar el brasilian parche luri capisse si, ma una e due vire su la lengoa!⁶⁴*

Por outro lado, os informantes ítalo-brasileiros mais jovens se dividiram. O informante CaGI-M disse que utiliza ambas as línguas com a família; a informante CaGI-F disse utilizar apenas o português, mas por frequentar a oficina de *Talian* está tentando resgatar um pouco da fala dos pais (que já falam pouco) em casa; o informante CbGI-M disse utilizar apenas o português, pois falava o *Talian* com seu pai que já é falecido; e a informante CbGI-F disse utilizar ambas as línguas tanto com sua mãe quanto com seu filho. Interessante perceber que os informantes CbGI, tanto masculino quanto feminino, relatam que deixaram de utilizar o *Talian* como língua principal em casa após a morte de um dos seus pais. Logo, neste caso a configuração final é do uso alternado das línguas ou da predominância do português. Vejamos alguns relatos:

Entrevistadora: *Che lengoa ti costumi parlar ntea fameia? CbGI-F:* *Com o nono e a nona a gente falava bastante o Talian, era só o Talian, muito difícil você falar o português, né... a gente até respondia, eles faziam a pergunta no talian e a gente respondia no português [...] com o pai e a mãe, quando o pai era vivo, era meio a meio na verdade [...] e depois que o pai faleceu, é mais o português agora.*

Entrevistadora: *Che lengoa ti costumi parlar ntea fameia? CbGI-M:* *Hoje, entre a minha mãe e meus irmão, é mais o português. Mas quando o pai era vivo, nós falávamos mais o Talian do que o português [...] depois acabou se perdendo um pouco.*

No grupo de teuto-brasileiros, todos os informantes da geração mais velha disseram ainda utilizar predominantemente a língua de imigração em casa, com a família. Todos eles também ressaltaram que esse uso ocorre em especial quando estão sozinhos, conversando apenas entre eles (casal), pois se há a presença de um mais jovem ou de outras pessoas da família, pode ocorrer uma mudança para o português.

Ainda nesse grupo, os informantes pertencentes à geração mais jovem apresentaram respostas distintas. O casal CaGI concordou que a língua mais utilizada

⁶⁴ **Entrevistadora:** Que língua costuma falar com a família? **CaGII-F:** Depois que o *Talian* foi cooficializado e depois que nós criamos uma associação italiana, falamos mais o talian, se procura falar sempre mais o *Talian*... Com meu pai e minha mãe falo quase tudo em *Talian*... Com os filhos também falo talian, mas como eles foram criados mais no português, então algumas vezes precisamos falar no português, porque eles entendem [o *Talian*], mas uma e duas e “viram” a língua.

em casa é o português, mas a informante CaGI-F disse que quando está a sós com a mãe, elas utilizam apenas o *Deutsch*. Já para o casal CbGI a resposta foi unânime, ambos responderam objetivamente que é o *Deistch* a língua utilizada na família.

Os dados coletados e analisados nesta pesquisa se aproximam daqueles apresentados na pesquisa de Bernieri (2017) que, ao comparar o grupo teuto-brasileiro de São Carlos-SC ao grupo ítalo-brasileiro de Coronel Freitas-SC, percebeu que o alemão está mais expressivamente presente na vida familiar se comparado ao *Talian*. Ainda segundo a autora, enquanto que no grupo de teuto-brasileiros encontramos uma maioria utilizando apenas o alemão ou o alemão em concomitância ao português em casa, no grupo de ítalo-brasileiros temos uma maioria utilizando o português ou o português em concomitância ao *Talian* em casa, mas já não há o uso exclusivo do *Talian* nas residências coronel-freitenses pesquisadas.

A relevância do uso da língua minoritária na família como um dos principais nichos de manutenção linguística é discutida por vários pesquisadores em estudos realizados nas mais diversas partes do mundo. Ao levar em consideração a região em que nos inserimos, gostaríamos de enfatizar aqui o trabalho de Wepik (2017) e a relação estabelecida entre a variedade polonesa falada em Nova Erechim-SC e Áurea –RS e o seu uso no seio familiar. A hipótese inicial de Wepik (2017) era de que Áurea-RS manteria mais a variedade polonesa em relação à Nova Erechim devido a variáveis como tempo, origem dos imigrantes, suporte institucional, diversidade étnica e, em especial, por Áurea ser a matriz de origem do grupo polonês residente em Nova Erechim. Contudo, os dados mostraram resultados divergentes. Como em Nova Erechim temos uma manutenção do polonês somente no ambiente familiar, entre falantes de uma mesma geração e com o mesmo nível de conhecimento (CbGII), o índice de manutenção é maior do que em Áurea, comunidade na qual o polonês é utilizado em diversos contextos e por pessoas com diversos níveis de conhecimento da língua, logo, está mais exposto às interferências do português.

Posteriormente, fizemos a seguinte pergunta: “Que língua utiliza quando vem visita na sua casa?”. A resposta dos informantes, nesse caso, independentemente do grupo étnico e das dimensões consideradas, foi a mesma. Todos disseram que depende quem chega a sua casa, isto é, se são falantes apenas do português ou se também sabem a língua de imigração correspondente. No primeiro caso, eles falarão apenas o português, já no segundo optarão pela variedade de imigração ou por alternar entre esta e o português. Lembremos que todos os nossos informantes dominam o português, logo,

segundo seus relatos, não possuem nenhuma dificuldade de manter um diálogo apenas no português, e a língua a ser adotada em cada ocasião dependerá da pessoa ou do grupo que encontrarão.

5.3.2 Quando

A fim de compreender quando os informantes utilizam uma ou outra língua, perguntamos a eles qual é a língua que costumam falar mais, português ou língua de imigração, em momentos distintos do dia. Também, pedimos que eles colocassem em uma escala qual seria a frequência do uso da língua de imigração (todos os dias/frequentemente/de vez em quando/raras vezes/nunca).

No que diz respeito à primeira pergunta (De modo geral, costuma falar mais na língua de imigração ou no português?), temos diferenças entre um grupo étnico e outro. A maioria dos informantes ítalo-brasileiros acabou optando pelo português, relatando que por mais que prefiram a língua de imigração, no dia a dia, por conta do trabalho e dos contatos que estabelecem com outras pessoas, acabam utilizando predominantemente o português. Já os informantes teuto-brasileiros disseram, em sua maioria, que ainda utilizam predominantemente o *Deutsch* na sua rotina. Abaixo, sistematizamos os dados concernentes a essa pergunta:

Quadro 17 - Respostas dadas à pergunta “De modo geral, costuma falar mais na língua de imigração ou no português?”

Saudades		Nova Erechim		Legenda	
Mas.	Fem.	Mas.	Fem.	●	<i>Deutsch ou Talian</i>
○	○	○	○	○	<i>Português</i>
●	●	●	●		
○	○	○	○		

Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Percebe-se que no grupo de teuto-brasileiros cinco dos oito informantes disseram falar mais na língua de imigração, ou seja, no *Deutsch*. Esses informantes, majoritariamente pertencentes à geração mais velha, já não possuem um vínculo empregatício e costumam ficar mais em casa, pressupomos que esse seja o principal

fator que leve ao uso predominante da variedade de imigração. Os informantes CaGI-F, CaGI-M e CbGI-M disseram falar mais no português por conta do trabalho.

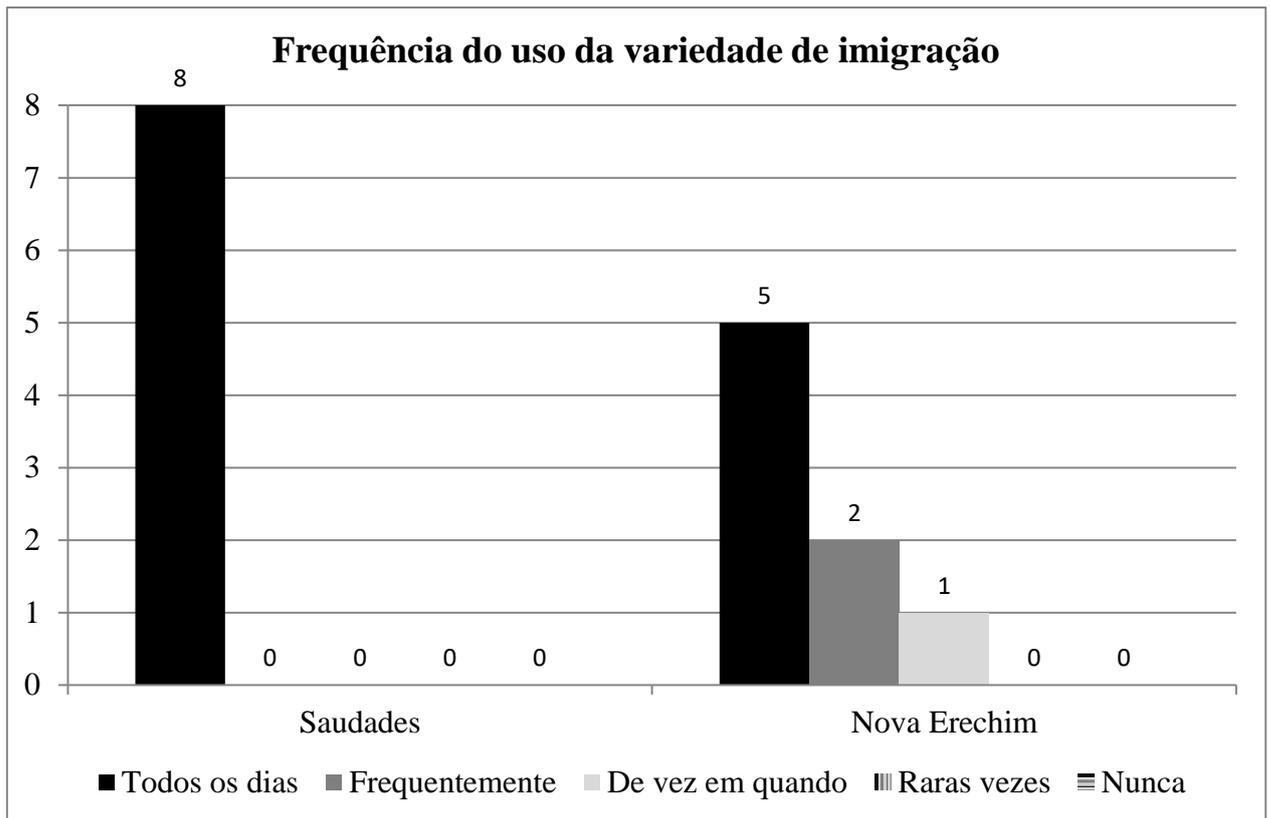
De modo bem diferente, no grupo de ítalo-brasileiros dos oito informantes apenas dois disseram utilizar mais o *Talian*. Todos os demais relataram usar mais o português, seja pelo trabalho ou pelo fato de estarem em constante contato com pessoas que não são falantes da variedade.

Novamente, ratificamos através dessa pergunta que o grupo teuto-brasileiro mantém mais a variedade de imigração se comparado ao grupo ítalo-brasileiro. Resultado este que vai ao encontro daqueles encontrados por outros pesquisadores, como Bernieri (2017) e Krug (2004). Agora, se pararmos para analisar quais são os informantes que de fato mantêm a língua de imigração, perceberemos discrepâncias em relação a outros estudos. No grupo de ítalo-brasileiros, os que mais mantêm o *Talian* são os informantes pertencentes à classe alta (Ca), contrapondo a hipótese de que seria a classe baixa (Cb) a que mais utilizaria a variedade de imigração e contrapondo os dados analisados em pesquisas como a de Bernieri (2017) e Bortolotto (2015). Já no grupo de teuto-brasileiros, temos uma leve tendência ao maior uso da variedade de imigração por parte dos informantes pertencentes à Cb, bem como o visualizado em estudos como o de Wolschick (2016) e Werhmann (2016).

Após serem questionados sobre qual língua costumam usar mais no dia-a-dia, também pedimos aos informantes que, através de uma escala, nos informassem sobre a frequência de uso da variedade de imigração. Eles deveriam optar entre as seguintes possibilidades: todos os dias, frequentemente, de vez em quando, raras vezes ou nunca.

Dentre os ítalo-brasileiros, os informantes CaGII-M, CaGII-F, CbGII-M, CbGII-F e CbGI-M disseram utilizar a língua de imigração todos os dias, ao menos através de palavras e expressões. As informantes CaGI-F e CbGI-F atestaram utilizar o *Talian* frequentemente, e o informante CaGI-M disse utilizar de vez em quando. A mesma pergunta foi feita pensando no uso do português, e nesse caso todos os informantes responderam utilizar o português todos os dias. No grupo de teuto-brasileiros, todos os oito informantes alegaram utilizar o *Deutsch* e o português todos os dias. Sistematizamos os dados referentes à frequência do uso da variedade de imigração no gráfico 6:

Gráfico 2 - Frequência do uso da variedade de imigração em Saudades e Nova Erechim



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Em harmonia com o exposto acima, observamos que o grupo teuto-brasileiro tende a utilizar com mais frequência o *Deutsch* se comparado ao uso do *Talian*, pelos ítalo-brasileiros. Em Nova Erechim, encontramos informantes que alegam já não mais utilizar o *Talian* todos os dias.

5.3.3 Onde

A fim de pensar em que contextos, isto é, em que locais e ocasiões propriamente ditas, para além do âmbito familiar, os informantes utilizam a língua de imigração, fizemos a eles a seguinte pergunta: “Que línguas você fala nas seguintes ocasiões em teu município: no correio, no supermercado, nas lojas, no sindicato, no restaurante, na prefeitura, no posto de saúde, com o padre/pastor, nas festas e nos bailes, no posto de gasolina e no trabalho?”. Esta questão está relacionada ao que Mackey (1972) denomina de funções externas de uso das línguas. Neste caso, as funções seriam determinadas pelo número de áreas de contato e pela variação, frequência e pressão que essas áreas sofrem.

Abaixo, descrevemos as respostas dos informantes no que concerne à pergunta citada:

No correio: Em Nova Erechim, sete informantes disseram utilizar somente o português nessa situação; apenas o informante CbGI-M respondeu que dependeria das pessoas envolvidas. Em Saudades, apenas os informantes CbGII-F e CbGII-M disseram utilizar apenas o português nessa ocasião, todos os demais disseram que é possível utilizar ambas as línguas.

No supermercado: Em Nova Erechim, seis informantes disseram depender do local e das pessoas que encontrarão, pois em alguns supermercados do município é possível falar o *Talian*; apenas os informantes CbGII-M e CbGII-F responderam utilizar apenas o português nessas ocasiões. Em Saudades, todos os informantes disseram utilizar tanto o português quanto o *Deitsch* nos supermercados, pois em todos há descendentes de alemães e falantes da variedade trabalhando.

Nas lojas: Em Nova Erechim, cinco informantes disseram que tanto o *Talian* quanto o português podem ser utilizados nessa ocasião, depende das pessoas envolvidas; a informante CbGII-F disse que só conhecia uma loja no município em que as pessoas falavam no *Talian*, mas esta fechou; os informantes CaGI-M e CbGII-M responderam que só utilizariam o português nessa ocasião. Em Saudades, todos os informantes disseram que se sentem a vontade para utilizar tanto o português quanto o *Deitsch* nessas ocasiões, pois em todas as lojas do município há falantes da variedade de imigração.

No sindicato: Em Nova Erechim, todos os informantes pertencentes à geração mais jovem disseram não frequentar esse espaço, portanto não se posicionaram; a informante CaGII-F disse que ambas as línguas poderiam ser utilizadas e os demais informantes responderam que seria apenas o português. Em Saudades, a maioria dos informantes disse não frequentar esse espaço, mas todos acham que é possível o uso de ambas as línguas.

Na prefeitura: Em Nova Erechim, cinco informantes disseram que depende da situação e que ambas as línguas poderiam ser utilizadas; os informantes CbGI-F, CbGII-F e

CbGII-M disseram que só se utiliza o português. Em Saudades, todos os informantes disseram que é possível utilizar tanto o português quanto o *Deitsch*, dependendo do setor; os informantes CaGII-F e CaGII-M responderam que o prefeito, por exemplo, é descendente de alemães e falante do *Deitsch*, logo, com ele poderia se falar a variedade de imigração.

No posto de saúde: Em Nova Erechim, a resposta de todos os informantes foi a de que se utiliza apenas o português nessa ocasião. Em Saudades, apenas os informantes CaGI-M e CaGI-F disseram utilizar apenas o português neste local, pois há muitas pessoas que não são falantes do *Deitsch* ali; os demais disseram que depende das pessoas e que utilizariam ambas as línguas.

Com o padre/pastor: Em Nova Erechim, todos os informantes responderam que utilizam apenas o português com o padre, pois este é de descendência alemã, mas com outras pessoas dentro do espaço da igreja poderiam sim utilizar o *Talian*. Em Saudades, todos os informantes disseram que utilizam apenas o português nessa ocasião, pois o padre do município é de descendência italiana.

No posto de gasolina: Em Nova Erechim, os informantes CaGII-M e CaGII-F disseram que utilizariam o *Talian* nessa ocasião; os informantes CaGI-F e CbGII-M responderam que depende do posto de gasolina, mas que utilizariam ambas as línguas; os demais informantes – CbGI-F, CbGI-M, CaGI-M e CbGII-F – responderam que utilizam apenas o português. Em Saudades, todos os informantes disseram que depende do posto de gasolina que frequentam, em um determinado local não é utilizado o *Deitsch*, mas nos demais sim.

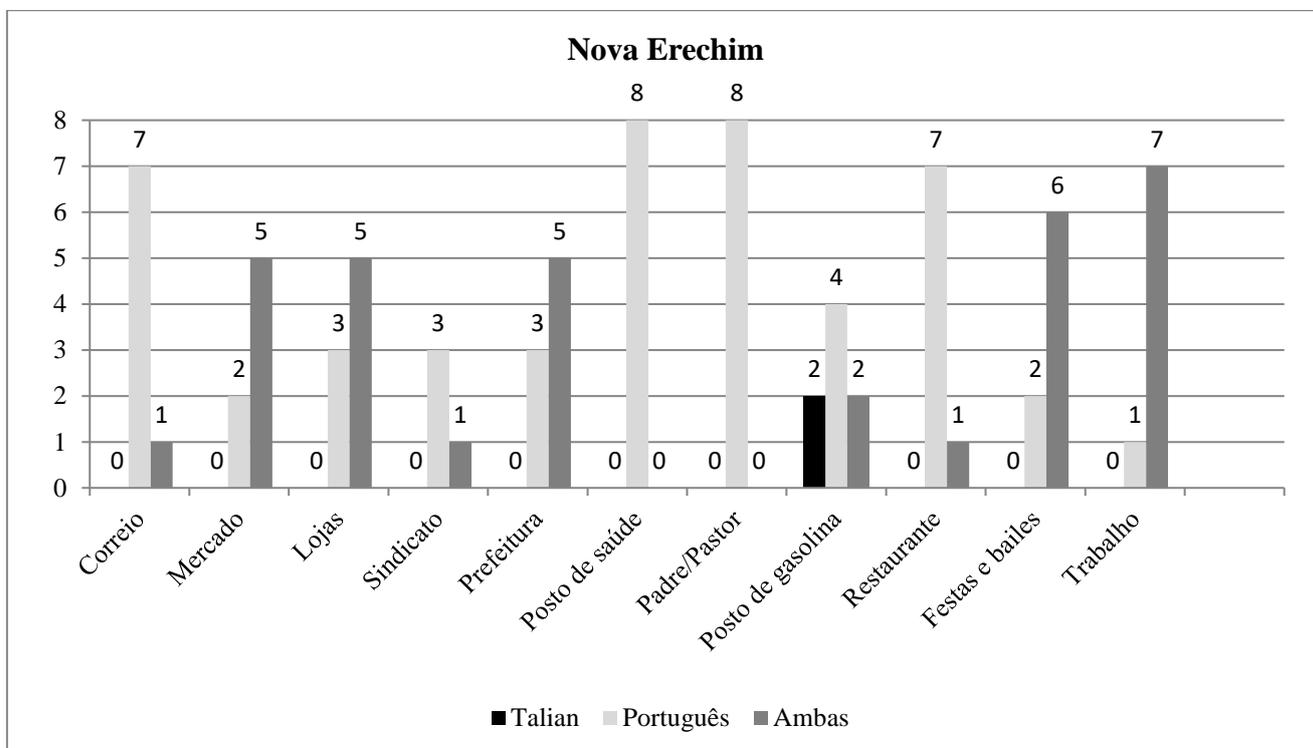
No restaurante: Em Nova Erechim, apenas a informante CaGI-F disse que poderia utilizar o *Talian* nessa ocasião, todos os demais informantes responderam que utilizariam apenas o português. Em Saudades, todos os informantes disseram que é possível falar o *Deitsch*, mas depende das pessoas que se encontram no local, se forem jovens, por exemplo, falarão apenas o português; os informantes CbGI-M e CbGI-F disseram que nessa ocasião se usa muito pouco do *Deitsch*, cada vez é maior o uso do português.

Em festas e bailes: Em Nova Erechim, apenas os informantes CaGI-M e CbGII-M disseram que utilizam apenas o português, todos os demais informantes responderam que tanto o *Talian* quanto o português poderiam ser utilizados. Em Saudades, todos os informantes disseram que depende do grupo de pessoas, se forem jovens utilizarão apenas o português; os informantes CaGII-M e CaGII-F disseram que nessa ocasião utilizam mais o português.

No trabalho: Em Nova Erechim, apenas um informante – CaGII-M – disse que utiliza apenas o português, todos os demais alegaram utilizar ambas as línguas no espaço de trabalho. Em Saudades, todos os informantes disseram que utilizam ambas as línguas no local em que trabalham, pois sempre há ao menos uma pessoa que também é falante do *Deutsch*, possibilitando a conversa.

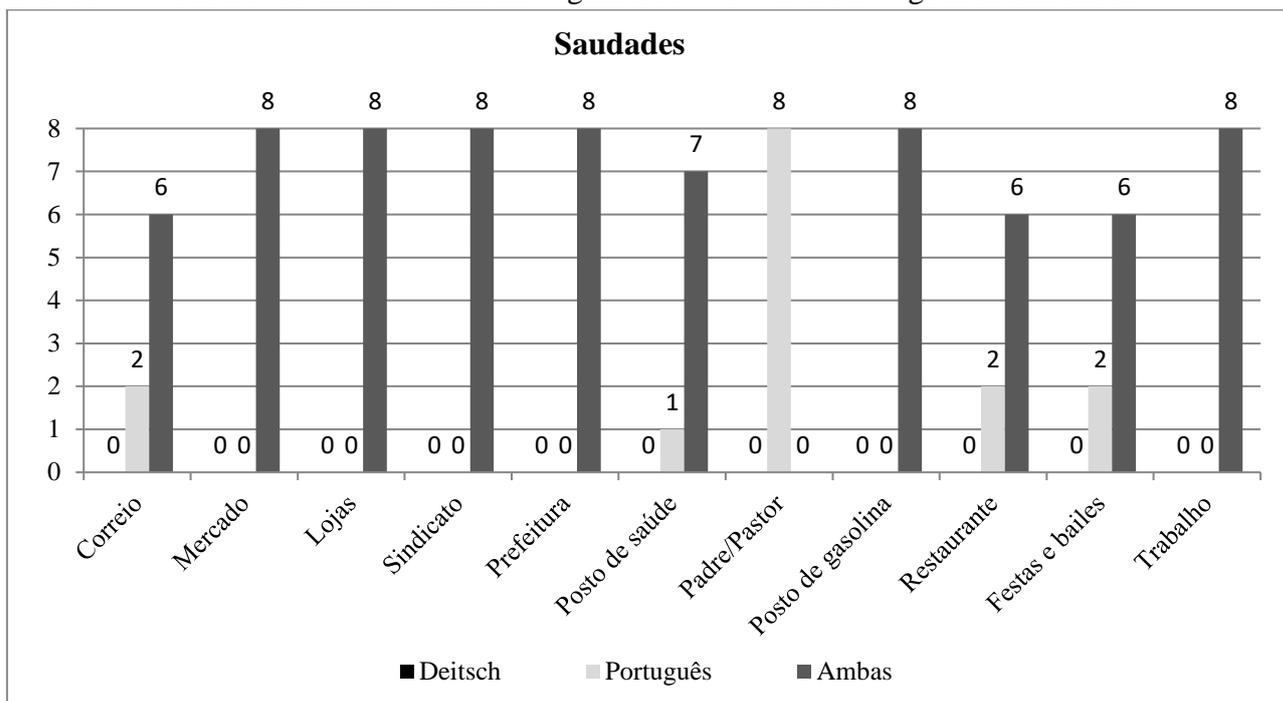
Sistematizamos os dados acima expostos em dois gráficos, cada um correspondente a um município:

Gráfico 3 - Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Nova Erechim



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara (2019)

Gráfico 4 - Locais onde são utilizadas as línguas dos informantes bilíngues de Saudades



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

Os gráficos nos mostram diferenças importantes entre o uso das línguas de imigração e do português entre um grupo étnico e outro. Em ambos os grupos percebemos a predominância do uso alternado do português e da língua de imigração numa mesma ocasião. Contudo, esse resultado fica mais representativo no município de Saudades, uma vez que em Nova Erechim também é comum o uso exclusivo do português em certas ocasiões. É em Saudades, portanto, que encontramos um maior número de áreas de contato linguístico. No posto de saúde, por exemplo, enquanto todos os informantes de Saudades (100%) disseram poder utilizar ambas as línguas nesse ambiente, em Nova Erechim apenas um informante disse o mesmo, todos os demais disseram utilizar apenas o português. Não obstante, temos os dados concernentes ao uso das línguas na prefeitura de cada município e, nesse caso, os dados também são divergentes. Como em Nova Erechim o *Talian* é uma língua cooficializada, esperávamos que os informantes nos dissessem que nessa ocasião ambas as línguas pudessem ser utilizadas. Contudo, três informantes entrevistados disseram que utilizariam apenas o português, pois embora haja a cooficialização vários setores administrativos do município ainda não estão aptos ao atendimento no *Talian*. A informante CaGI-F, que possui um cargo administrativo nesta localidade, explicou-nos que a heterogeneidade étnica existente em Nova Erechim é um dos “empecilhos”, pois, na sua opinião, embora a cooficialização tenha a sua importância, ela não leva em

consideração a existência de outros tantos grupos étnicos, a salientar o polonês também muito expressivo na comunidade (ver Wepik, 2017). Essa informante destaca que, na sua concepção, por conta dessa heterogeneidade, o português deve continuar sendo a principal língua utilizada no setor administrativo local, e que o município precisa encontrar meios de salvaguardar todas as línguas minoritárias ali presentes. Ora, voltando à comparação entre o uso das línguas dentro das prefeituras em Nova Erechim e Saudades, temos que em Saudades todos os oito informantes (100%) disseram que utilizariam tranquilamente ambas as línguas nessa ocasião. É perceptível, então, as diferenças linguísticas que vão se marcando em diferentes ocasiões, em cada um dos municípios. Todavia, o que os aproxima é o fato de que pouquíssimos informantes disseram utilizar apenas a língua de imigração, reverberando o crescente uso do português no cotidiano dessas comunidades.

Outro dado que nos chama a atenção e o qual gostaríamos de expor é o correspondente à questão sobre qual língua é utilizada no ambiente religioso, com padre e/ou pastor, pois nesse caso todos os dezesseis informantes disseram utilizar apenas o português nessa ocasião, uma vez que o pároco de Saudades é descendente de italianos e não fala o *Deutsch* e o pároco de Nova Erechim é descendente de alemães e não fala o *Talian*. Ressaltamos, nesse momento, que todos os informantes entrevistados são adeptos à religião católica, e esse se torna um dado relevante, pois é comum que no grupo de teuto-brasileiros, quando há adesão à outra religião, como a luterana, ocorra uma maior manutenção do *Deutsch*.

Wehrmann (2016), em sua pesquisa de dissertação intitulada *A situação do alemão em Tunapólis e em Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa*, orientada por Horst (2016), mostra que os teuto-brasileiros luteranos de Cunha Porã-SC mantêm mais o alemão se comparados aos teuto-brasileiros católicos de Tunapólis-SC. De acordo com a autora, esse resultado se deve ao fato de que a língua alemã é um símbolo de fé para os luteranos, constituindo-se como uma identidade de prestígio, e a igreja é um grupo de domínio com espaço para a interação na língua. Além disso, os luteranos tiveram uma maior resistência em relação às imposições do governo, logo, a manutenção da língua de imigração está relacionada a uma não adaptação à campanha de nacionalização do governo brasileiro, o que ocorreu com os católicos.

No grupo alvo desta pesquisa – teuto e ítalo-brasileiros católicos - os dados que foram sendo apresentados mostram que o ambiente religioso já não corresponde mais a

um nicho de manutenção das línguas de imigração, contrariamente, são locais de uso quase que exclusivo do português.

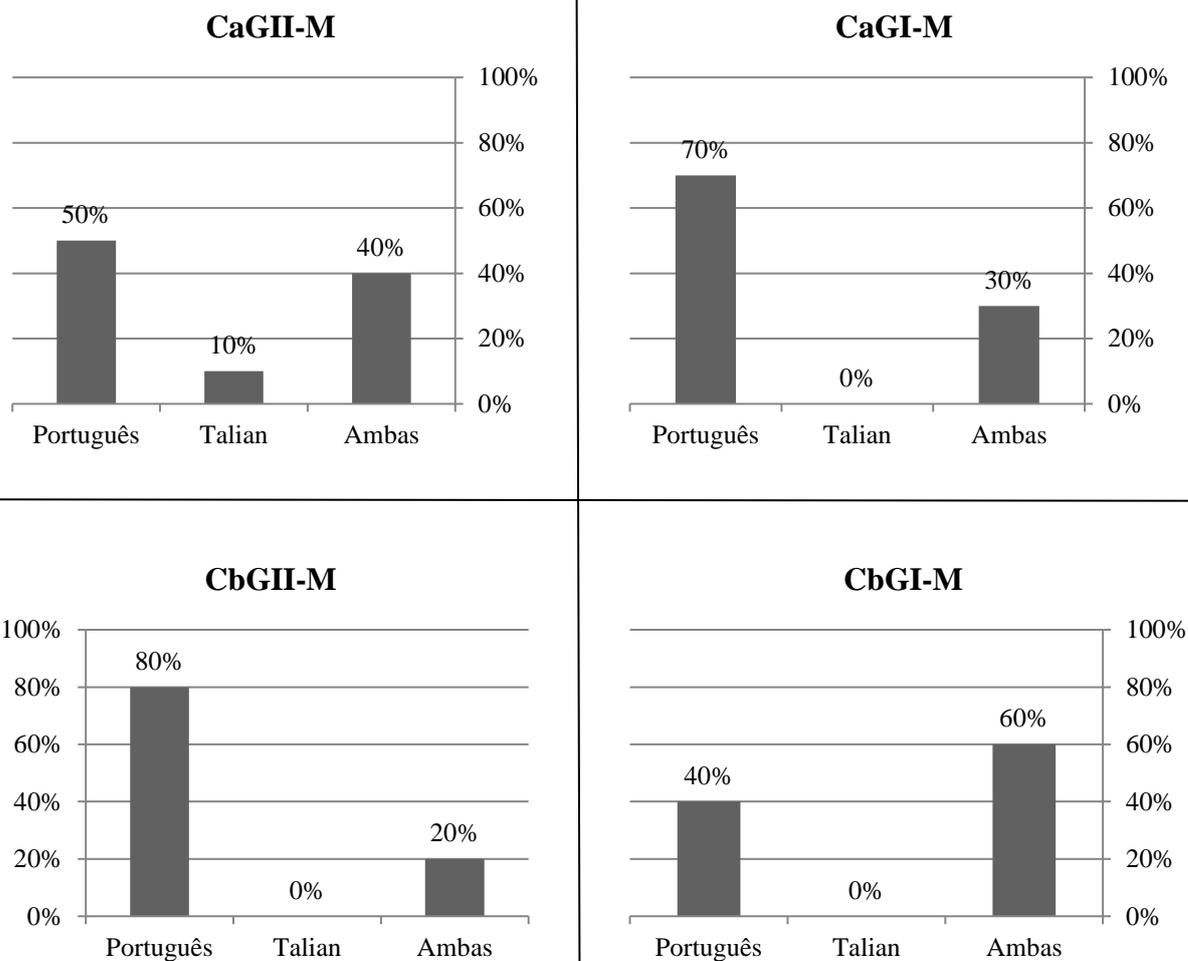
A fim de melhor compreender esses dados referentes às funções de uso das línguas de imigração, é preciso levar em consideração a história do uso dessas línguas. Para isso, recorreremos à pergunta: “Como que era, no passado, o uso da língua de imigração na igreja e na escola?”

Os informantes ítalo-brasileiros de Nova Erechim disseram que nunca tiveram contato com o *Talian* nas escolas e nas igrejas. Alguns citaram a questão da proibição, dizendo que desde aquela época se falava apenas o português nesses espaços. De outro modo, os informantes teuto-brasileiros de Saudades disseram lembrar-se do período em que se falava alemão na escola e na igreja. Inclusive, o ensino do alemão na escola pública do município aconteceu até recentemente. Hoje, Saudades já não conta mais com o ensino do alemão na escola porque a única professora habilitada para lecionar a disciplina se aposentou. Contudo, alguns informantes, como o CaGI-M e CaGI-F, que possuem filhos pequenos frequentando a escola do município, disseram que muitos professores são teuto-brasileiros e falantes da variedade de imigração, e ensinam algumas coisas no *Deutsch* para as crianças na escola, como orações.

Esses dados vão ao encontro daqueles já mencionados em outras pesquisas e que foram citados no item de contextualização histórica desta pesquisa. Enquanto que no grupo ítalo a escola nunca foi uma prioridade das famílias, passando a se concretizar apenas durante o período do Estado Novo, no grupo teuto as escolas já estavam presentes desde o início do período de colonização, pois para essa comunidade a educação dos filhos era muito importante.

Neste momento, lançamos mão da análise desses dados através do esquema de cruz de Thun (2010), a fim de compreender a dinâmica das funções de uso das línguas a partir das dimensões diastrática, diageracional e diassexual:

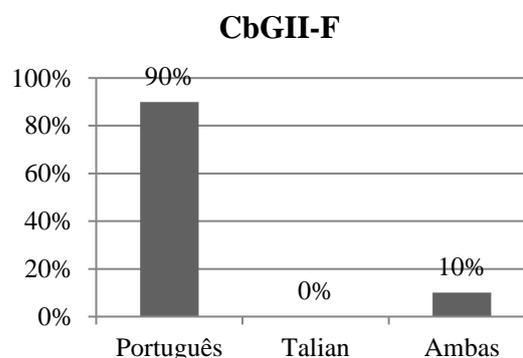
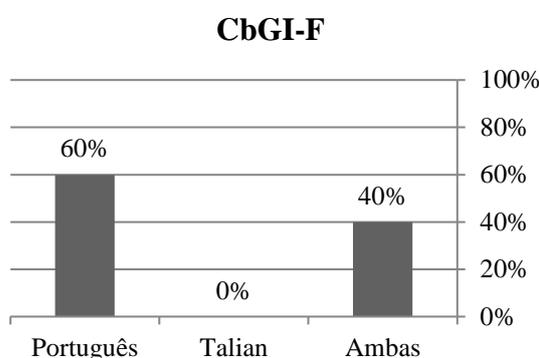
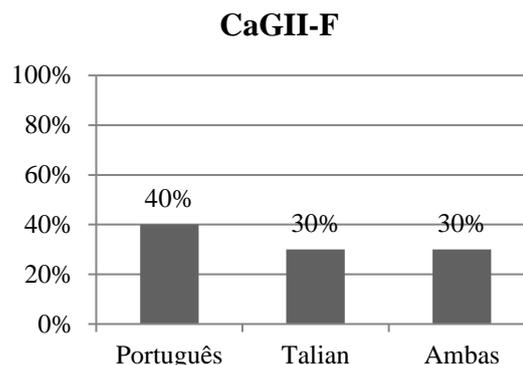
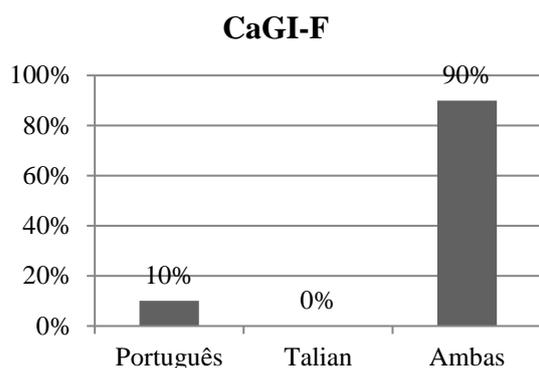
Gráfico 5 - Uso das línguas por parte dos informantes masculinos de Nova Erechim, em diferentes ocasiões



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara (2019)

Através do quadro, verificamos que o informante CbGII-M de Nova Erechim é o que mais utiliza a língua de prestígio, isto é, o português, enquanto o informante CbGI-M foi o que disse mais alternar entre uma língua e outra dependendo do contexto de uso. O informante CaGII-M foi o único a dizer que em uma determinada ocasião utiliza apenas o *Talian*, em postos de gasolina do município. No geral, percebemos que entre os informantes do sexo masculino de Nova Erechim prevalece o uso do português. Vejamos agora no próximo quadro como é esse comportamento entre as informantes do sexo feminino:

Gráfico 6 - Uso das línguas por parte das informantes do sexo feminino de Nova Erechim, em diferentes ocasiões



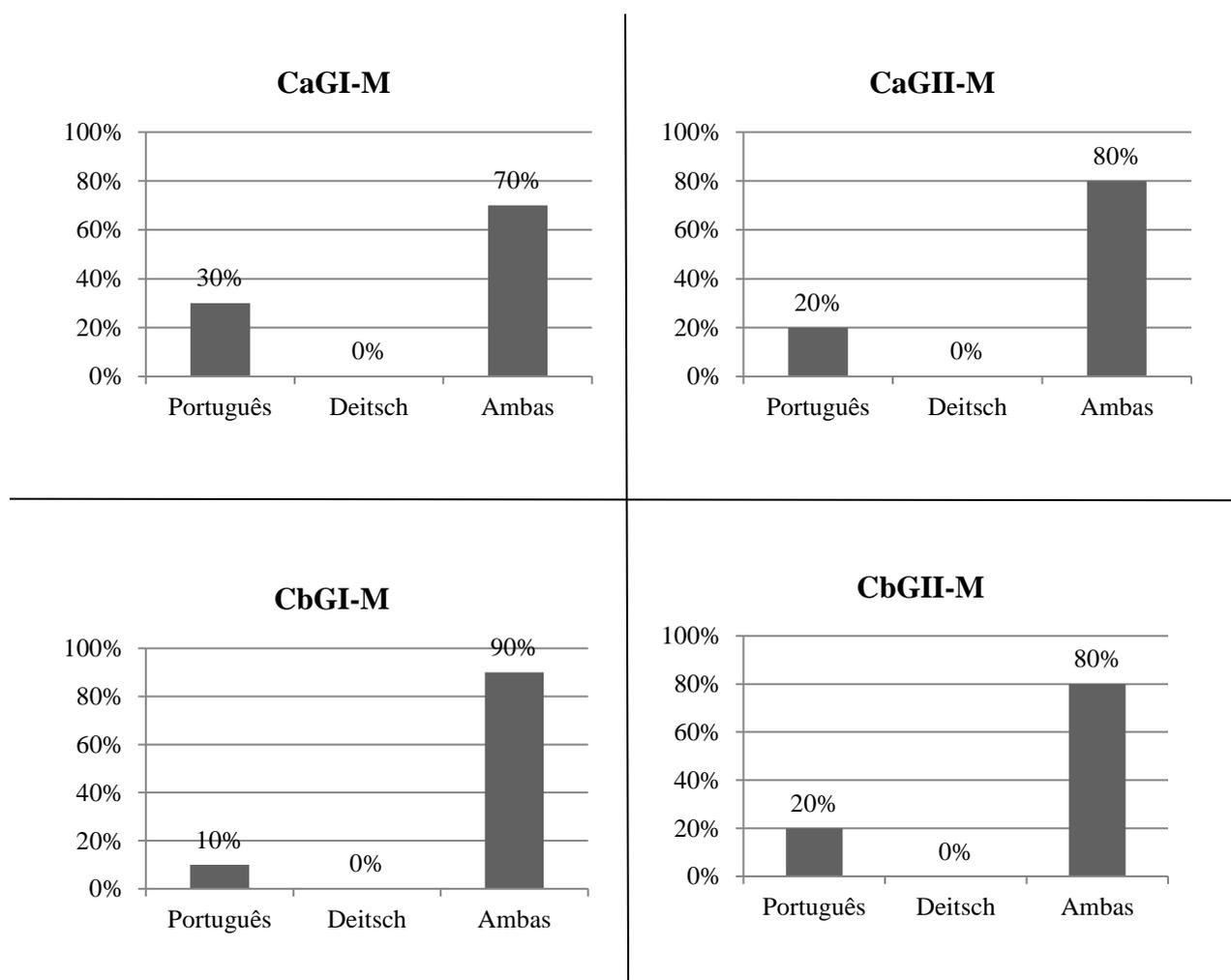
Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara (2019)

De acordo com as informações organizadas neste quadro, dentre as informantes ítalo-brasileiras do sexo feminino de Nova Erechim é a CbGII-F a que diz mais utilizar o português no seu cotidiano. Segundo essa informante, ela só utilizaria o *Talian* concomitante ao português em seu trabalho, uma vez que é agricultora e trabalha com a família em sua propriedade, enquanto que nas outras ocasiões utiliza apenas o português. A informante CaGI-F é a que diz mais alternar entre o português e a língua de imigração, atestando que é possível utilizar ambas as línguas nas mais diversas ocasiões no município. Por fim, a única informante que diz utilizar apenas o *Talian* em certos momentos é a CaGII-F. De acordo com seus dados, ela utiliza apenas o *Talian* quando vai à prefeitura, aos postos de gasolina e no próprio trabalho, uma vez que ela é professora de *Talian* no município. Embora haja uma pluralidade nos dados coletados, percebe-se que a grande maioria das informantes do sexo feminino utiliza majoritariamente o português.

Notamos também que entre os informantes masculinos de Nova Erechim mantem-se a mesma proporção de uso do português e da língua de imigração entre classe alta (Ca) e classe baixa (Cb). Já entre as mulheres da mesma localidade, há diferenças. Neste caso, são as mulheres da Cb as que dizem utilizar predominantemente o português, enquanto àquelas pertencentes à Ca alternam mais. Acreditamos que esses dados estejam relacionados ao fato de as mulheres da classe alta de Nova Erechim possuírem uma relação de proximidade com a língua de imigração, afinal, como já comentamos, uma dessas informantes é professora de *Talian* enquanto a outra possui um cargo administrativo na localidade, estando diretamente ligada ao processo de cooficialização e salvaguarda do *Talian* no município.

Vejam os agora, nos próximos quadros, como essa dinâmica se organiza em Saudades.

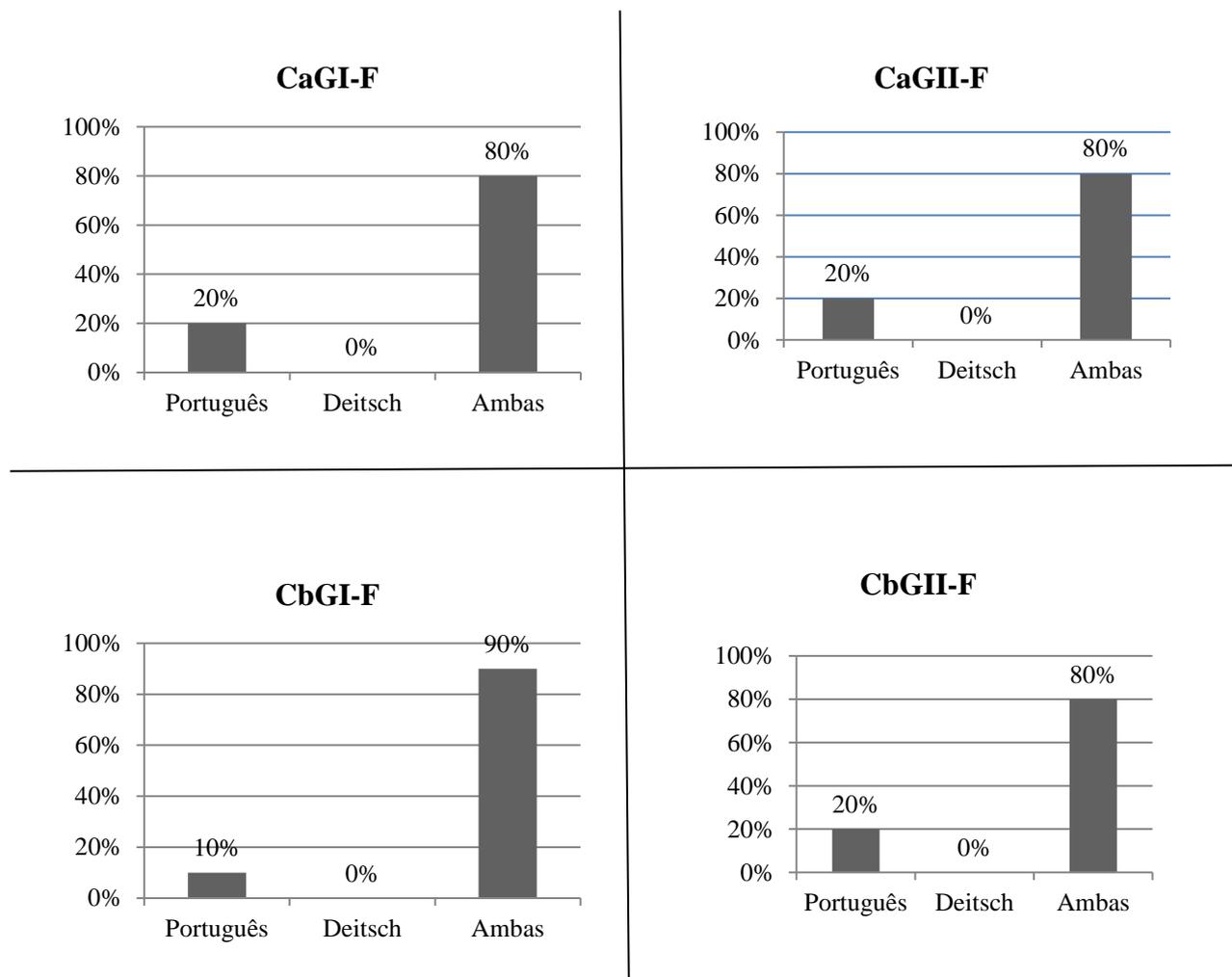
Gráfico 7 - Uso das línguas por parte dos informantes masculinos de Saudades, em diferentes ocasiões



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

O quadro 11 esboça a dinâmica do uso das línguas por parte dos informantes teuto-brasileiros masculinos em Saudades. Percebemos que os dados são muito próximos, mantendo um equilíbrio no que tange à dimensão diastrática e diageracional. Dentre os informantes, é o CaGI-M o que diz mais utilizar o português em situações cotidianas (30%). Por outro lado, o informante CbGI-M é o que diz mais alternar entre o português e o *Deutsch*, utilizando ambas as línguas nas mais diversas ocasiões. Vejamos, agora, os dados referentes ao grupo composto pelas informantes femininas.

Gráfico 8 - Uso das línguas por parte das informantes femininas de Saudades, em diferentes ocasiões



Fonte: Dados do ALCF:OC, coletados por Fornara e Kaufmann (2019)

No quadro 12 também percebemos um equilíbrio no que diz respeito ao uso das línguas entre as informantes do sexo feminino em Saudades. De acordo com elas, o mais comum é a alternância entre o português e a língua de imigração nas mais diversas ocasiões. Aqui, é a informante CbGI-F a que possui uma maior tendência à alternância entre as línguas.

No que tange às funções de uso das línguas, notamos que em Saudades não temos diferenças salientes entre as dimensões diassexual, diastráticas e diageracional. Significa dizer que tanto informantes do sexo feminino quanto do masculino, de geração mais velha e de geração mais jovem e com mais escolaridade e menos escolaridade, todos têm uma inclinação ao uso de ambas as línguas nos mais diversos contextos. Suas respostas assemelhavam-se em vários segmentos e quase todos esses informantes utilizavam o mesmo termo em suas respostas: “depende”. O fato de depender vai ao encontro de com quem eles estarão interagindo nessas ocasiões, porque se houver falantes do *Deutsch*, então possivelmente utilizarão essa língua, mas se encontrarem apenas falantes de português, será o português a língua adotada.

Ao contrastarmos os dois grupos étnicos envolvidos nessa pesquisa, encontramos, portanto, discrepâncias em relação às funções de uso das línguas. Enquanto os informantes do grupo ítalo-brasileiro disseram, em sua maioria, utilizar mais o português no cotidiano, os informantes teuto-brasileiros disseram alternar mais entre o português e o *Deutsch*. Contudo, é em Nova Erechim, isto é, no grupo de ítalo-brasileiros que encontramos informantes que dizem utilizar apenas a língua de imigração em certas ocasiões do dia a dia, já em Saudades não encontramos informantes que dissessem utilizar apenas o *Deutsch*. Não obstante essa resposta, interpretamos da seguinte maneira: ao se depararem com um falante de português, esses informantes utilizarão português; ao se depararem com um falante bilíngue de *Deutsch* e português, eles poderão utilizar qualquer uma dessas línguas e alternar entre elas; e, por fim, ao se depararem com um falante apenas de *Deutsch* (o que ainda é comum no município, em especial com idosos), eles falarão apenas o *Deutsch*. Grosjean (1996), em seu trabalho sobre o uso das línguas por parte de falantes bilíngues, denomina esse processo de contínuo situacional e explica que a ativação da língua e modo de linguagem, se monolíngue ou se bilíngue, dependerá do ambiente de uso da língua.

Sob esse viés, concluímos que os informantes pertencentes ao grupo teuto-brasileiro também podem utilizar exclusivamente o *Deutsch* em certas situações

cotidianas, mesmo que isso não tenha ficado explícito em seus discursos durante a entrevista.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de agora, apresentaremos as conclusões desenvolvidas ao longo desta dissertação, relacionando-as com as hipóteses iniciais que foram definidas no capítulo introdutório. Através desta pesquisa procuramos descrever aspectos do bilinguismo *Deitsch*-português, de Saudades-SC, e *Talian*-português, de Nova Erechim-SC, no que tange ao grau de domínio das quatro habilidades linguísticas dos informantes selecionados em cada localidade, e as funções de uso das línguas em questão. Acreditamos que esta temática, bem como o seu tratamento ao longo do trabalho e as reflexões desenvolvidas foram relevantes para compreender o bilinguismo como um fenômeno multifacetado e dinâmico, e não fixo ou engessado como propuseram diversas teorias ao longo da história.

Para o desenvolvimento deste trabalho estabelecemos e cumprimos algumas etapas: revisões bibliográficas, construção do referencial teórico e metodológico, organização do questionário nas duas variedades de imigração pesquisadas, seleção dos informantes, pesquisa de campo, transcrição e tradução dos dados, descrição e análise do *corpus*. Através de etapas também direcionamos o nosso viés analítico a fim de cumprir o objetivo geral a que nos propomos. Dessa forma, inicialmente verificamos a impressão dos informantes acerca da sua própria condição bilíngue, depois investigamos o grau de bilinguismo dos informantes, para, por fim, averiguar para que funções os informantes utilizam suas línguas.

Primeiramente, gostaríamos de pontuar alguns esclarecimentos. Nossas análises foram desenvolvidas de forma a evidenciar isoladamente cada comunidade, para na sequência relacionarmos os grupos étnicos envolvidos. A comparação entre as duas comunidades não é tratada como uma relação diatópica, pois mesmo trabalhando com o mesmo fenômeno em ambas as localidades, não estamos lidando com a mesma variedade linguística, nem com variedades de uma mesma língua. Seguindo os pressupostos de outras pesquisas que atuaram na área da diversidade linguística, tal como Bernieri (2017), orientada por Horst (2017), não encontramos parâmetros na literatura para firmarmos uma comparação em nível de dimensão no eixo geográfico.

Cabe-nos ponderar também que o foco analítico dessa pesquisa recai sob as línguas de imigração – *Deitsch* e *Talian* – e não sob o português. É por esse motivo que não enfatizamos ao longo do trabalho dados do português que foram explicitados pelos informantes durante as entrevistas, pois o nosso objetivo é traçar uma dinâmica do

bilinguismo com ênfase nas línguas de imigração. Durante as entrevistas conversávamos também sobre o português, seu aprendizado e uso por parte dos falantes, e em alguns momentos da análise acrescentamos informações relevantes sobre esta variedade. Todavia, os dados do português nos servem mais como índice de contraste e parâmetro para compreender melhor as línguas de imigração. Reiteramos que todos os nossos informantes têm domínio do português, possuindo todas as habilidades desenvolvidas em algum nível nesta variedade. Ora, temos, então, a confirmação do bilinguismo, e isso é o que mais nos interessa sobre o português. Ademais, ressaltamos que esta dissertação se insere em um projeto maior cujo objetivo é mapear e analisar as línguas de imigração faladas no oeste catarinense, não possuindo como foco a língua portuguesa.

Neste momento, retomaremos os objetivos específicos delineados ao início da pesquisa, bem como as hipóteses levantadas, para construirmos as conclusões.

a) Nosso primeiro objetivo específico era o de evidenciar e analisar a impressão dos informantes sobre a sua própria condição bilíngue. Nossa hipótese inicial, baseando-nos em Altenhofen (2004), era a de que a maioria dos informantes negasse essa condição, afinal perpetua-se a concepção de que só é bilíngue aquele que é fluente em uma segunda língua, tendo todas as habilidades linguísticas desenvolvidas. Além disso, a língua de imigração é vista por muitos com desprestígio, como um “dialeto”, logo, não teria *status* de língua. Todavia, nossa hipótese foi refutada, pois dos dezesseis informantes entrevistados, onze disseram se considerar bilíngues, uma vez que possuem domínio do português, da variedade de imigração, ou até mesmo de outras línguas. Ressalta-se, contudo, que entre um grupo étnico e outro temos diferenças relevantes. No grupo teuto-brasileiro, sete dos oito informantes disseram ser bilíngues, enquanto no grupo de ítalo-brasileiros apenas quatro dos oito informantes deram essa resposta. E, de fato, para aqueles que disseram não ser bilíngues, tivemos argumentos relacionados ao pouco domínio da língua, ou seja, diziam não falar bem, ou só saber falar e entender, mas não escrever e ler.

b) Nosso segundo objetivo específico era o de contrastar, através da dimensão dialingual, as funções de uso das línguas. Baseadas em pesquisas como a de Krug (2004), Horst e Krug (2015) e Bernieri (2017), inferimos que o grupo teuto pudesse utilizar com mais frequência e em mais contextos o *Deutsch* se comparado ao uso do

Talian por parte do grupo ítalo. E quando comparadas as variedades de imigração com o português, pensamos que as línguas de imigração estivessem mais restritas ao ambiente familiar. Neste caso, tivemos uma leve tendência para a confirmação da hipótese, e uma proximidade entre os dados dos diferentes grupos étnicos. Ratificamos esse resultado observando o número de vezes que os informantes disseram utilizar a variedade de imigração em situações públicas: em Saudades das onze diferentes situações de uso esboçadas (igreja, prefeitura, mercado, lojas, sindicato, posto de gasolina, etc), em dez os informantes disseram que utilizam tanto o português quanto o *Deutsch*, e em uma situação específica, a igreja, eles utilizariam apenas o português; em Nova Erechim, em nove situações os informantes disseram utilizar ambas as línguas, e em duas utilizariam apenas o português. Apenas em Nova Erechim tivemos dois informantes que disseram que em uma situação específica utilizam apenas o *Talian*, as demais respostas tendem para o uso das duas línguas ou para o uso apenas do português. Concluí-se, portanto, que já não há mais espaços públicos de uso exclusivo das línguas de imigração. Daí, confirma-se também que as línguas de imigração têm como principal espaço de uso o ambiente familiar. No grupo teuto, todos os informantes disseram que com a família utilizam mais o *Deutsch* que o português, e no grupo ítalo metade dos informantes, em especial os da GII, fizeram essa mesma afirmação.

c) Nosso terceiro objetivo era o de averiguar as diferenças no bilinguismo entre gerações mais velhas e gerações mais jovens. Com base em Krug (2004) e Horst e Krug (2015), tínhamos como hipótese inicial que a GII tivesse maior domínio da língua de imigração e a utilizasse em mais situações que a GI. Também, que os mais jovens pudessem ter uma competência oral passiva, isto é, compreenderiam a língua de imigração, mas não se expressariam oralmente através dela. Novamente, tivemos nossa hipótese confirmada em partes. Se olharmos para o domínio das habilidades linguísticas nas línguas de imigração, teremos:

Escreveram: quatro informantes da GII e quatro informantes da GI;

Leram: cinco informantes da GII e sete informantes da GI;

Falaram: oito informantes da GII e cinco informantes da GI;

Compreenderam: oito informantes da GII e oito informantes da GI.

Percebemos que há equivalência de domínio de algumas habilidades entre as gerações. As que diferem são a leitura e a fala: há mais jovens aptos na leitura, enquanto a fala é mais desenvolvida entre os mais velhos. Logo, confirma-se também a ideia de que

muitos jovens são bilíngues passivos, pois de fato eles compreenderam a língua de imigração, mas não a utilizaram na fala. Em relação ao uso das línguas, nossa hipótese se confirma, pois é a GII a que mais mantém, seja na família ou em ambientes públicos, a variedade de imigração.

d) Nosso quarto objetivo era o de inferir de que forma a escolaridade influencia no bilinguismo dos falantes, comparando aqueles que possuem ensino superior e aqueles que estudaram até o ensino médio ou menos. Nossa hipótese inicial, baseada em Labov (2008), era a de que os informantes da Cb utilizassem mais a língua de imigração se comparados aos informantes da Ca. Essa hipótese foi refutada no que tange às funções de uso das línguas, isso porque transpareceu que é a Ca que mais utiliza a variedade de imigração em contextos gerais e em espaços públicos. Enquanto a Cb mantém mais a variedade de imigração no contexto familiar. Além disso, são os informantes da CbGII de ambos os grupos étnicos que demonstram mais insegurança em utilizar a língua de imigração fora de casa. Estes evidenciaram em seus discursos que em situações públicas deve-se utilizar o português, pois seria “feio” falar na variedade de imigração perto de pessoas que não a conhecem. Opostamente, é a CaGII que mais mantém a variedade de imigração fora de casa, seja através do seu uso ou através da organização de atividades em prol dessa manutenção. No que diz respeito ao grau de domínio das habilidades linguísticas, também refutou-se a hipótese inicial, pois são os informantes da Ca os que apresentam mais habilidades desenvolvidas (afinal estes, em sua maioria, sabem ler e escrever na variedade), possuindo também mais domínio nas habilidades que possuem.

e) Nosso quinto objetivo específico era o de comparar o bilinguismo entre informantes do sexo feminino e sexo masculino. Nossa hipótese era a de que os homens utilizariam mais a variedade de imigração do que as mulheres, pois teorias apontam que elas tendem a utilizar mais a língua de maior prestígio, isto é, o português (ver Chambers e Trudgill, 1994). Contudo, os dados ficaram muito próximos. Em relação às funções de uso das línguas de imigração, tanto na família quanto em contextos públicos, há a mesma proporção de homens e mulheres utilizando-as. A diferença é que nos contextos públicos de Nova Erechim, homens e mulheres utilizam mais o português, já nos contextos públicos de Saudades homens e mulheres utilizam tanto o português quanto a variedade de imigração. No que concerne ao grau de domínio nas habilidades linguísticas, tivemos:

Escreveram: quatro homens e quatro mulheres;

Leram: sete homens e cinco mulheres;

Falaram: sete homens e seis mulheres;

Compreenderam: oito homens e oito mulheres.

Ora, percebe-se que há equivalência na proporção de domínio em determinadas habilidades. Na leitura e na fala varia-se sutilmente, com uma leve tendência ao maior domínio por parte do sexo masculino. Ao encontro do que já foi mencionado por Wolschick (2016) e Bernieri (2017), reafirmamos que entre os sexos, em cada localidade, há uma proximidade muito grande nos resultados, com uma pequena diferença para a maior manutenção por parte dos homens. Essa inclinação é tão sutil que não podemos atribuir nenhum indicativo de mudança linguística a um dos sexos.

f) Nosso sexto e último objetivo era o de averiguar a partir da dimensão diafásica as habilidades oral, auditiva, de escrita e de leitura dos informantes. Baseando-nos em pesquisas como a de Wepik (2016) e Bernieri (2017), tínhamos como hipótese que os informantes tivessem desenvolvidas principalmente as habilidades de compreensão e oralidade, afinal as línguas de imigração são essencialmente orais. Contudo, não dispensávamos a possibilidade de alguns informantes terem também desenvolvidas as habilidades de leitura e escrita. Nossa hipótese se confirmou na medida em que percebemos que todos os informantes pesquisados, de ambos os grupos étnicos, compreenderam as respectivas línguas de imigração. Dos dezesseis informantes, treze também falaram, destes oito eram teuto-brasileiros e cinco eram ítalo-brasileiros. Tem-se, portanto, que três informantes ítalo-brasileiros não falaram em *Talian* durante a entrevista, mas afirmaram falar em outras situações. Surpreedemo-nos ao perceber que muitos também lêem e escrevem nas variedades de imigração: oito informantes entre ítalos e teutos escreveram, e doze leram. Na escrita tivemos uma equivalência entre a quantidade de informantes de cada grupo étnico, e na leitura há uma pequena tendência de os teuto-brasileiros lerem mais.

Cabe-nos ressaltar um dos pontos que mais nos chamou a atenção nessa pesquisa em relação às línguas de imigração: as habilidades desenvolvidas pelos ítalo-brasileiros referem-se apenas ao *Talian*, assim, se um informante leu e escreveu, ele o fez no *Talian*; já entre os teuto-brasileiros podemos falar em mais de uma variedade de imigração, pois encontramos domínios linguísticos no *Deitsch*, no *Deutsch* e no

Hochdeutsch. Normalmente, os informantes falam e compreendem o *Deitsch* ou o *Deutsch*, e lêem e escrevem o *Hochdeutsch*. Todavia, estabelece-se nesse contexto uma dinâmica muito particular, pois encontram-se informantes que também falam e compreendem o *Hochdeutsch*, e outros que lêem e escrevem o *Deitsch* ou o *Deutsch*.

Essa dinâmica linguística nos conduz à noção de sistema como um conjunto de possibilidades, assim como postulado por Coseriu (1952). A língua, para Coseriu (1952), é um sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e fechados às necessidades expressivas ou ao arbítrio do falante pertencente a uma comunidade, “[...] é um complexo de liberdade mais que de imposição, visto que admite infinitas realizações.” (COSERIU, 1952, p. 28). No caso dos informantes bilíngues teuto-brasileiros entrevistados, os sistemas fazem parte do repertório linguístico utilizado para fins comunicativos e expressivos, formando um grande sistema integrado, que apresenta uma multiplicidade de competências linguísticas com diferentes funções, nas diferentes línguas. Esse bilinguismo, para além de representar um domínio das línguas de forma separada, constitui o próprio repertório linguístico dos falantes.

Ao reafirmarmos a presença do bilinguismo *Deitsch*-português e *Talian*-português nos informantes entrevistados, acrescentamos que o grupo teuto apresentou um índice, mesmo que sutil, de maior domínio nos graus de habilidades linguísticas, e também de maior manutenção no que tange às funções de uso das línguas de imigração. Contudo, percebemos diferentes movimentos por parte das comunidades na tentativa de manter e salvaguardar as suas línguas. Enquanto que em Saudades temos uma maior transmissão linguística intergeracional dentro das famílias, em Nova Erechim é inegável a importância do Grupo Italiano-Vêneto como o proponente de atividades, tais como oficinas de *Talian*, coral *Talian* e festas típicas, cujo viés é dar visibilidade ao *Talian*.

Esses resultados nos indicam caminhos prósperos em relação às línguas de imigração, mas também divergentes. Nova Erechim vem construindo um trabalho intensivo em prol da formalização do *Talian*, com o incentivo de práticas relacionadas à escrita e leitura, ancoradas na fala e na compressão. Saudades, por sua vez, aposta na manutenção da sua variedade local, o *Deitsch*, através da transmissão da oralidade.

Esperamos que esta pesquisa contribua para uma maior compreensão de fenômenos linguísticos, tal como o bilinguismo, em localidades nas quais encontramos línguas em contato, em especial quando esse contato se constrói numa relação de língua dominante e línguas minoritárias (de imigração). Buscamos contribuir também com a

valorização e manutenção dessas variedades de imigração que se constituem como identidade para os grupos étnicos. E, por fim, esperamos fornecer às futuras pesquisas na área um material de apoio e uma fonte de dados linguísticos que não estão esgotados, pelo contrário, fomentarão diversos novos estudos.

Referências

- ALTENHOFEN, Cléo. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão-português). **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, Cléo. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (Rili)**, Berlin, n. 3, p. 83-93, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo; MARGOTTI, Felício. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo. RASO, Tommaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-57
- ALTENHOFEN, Cléo. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2013. p. 177-209.
- ALTENHOFEN, Cléo. Et al. Fundamentos para uma escrita do *Hunrückisch* falado no Brasil. **Revista Contingentia**, UFRGS, vol. 2, 2007. p.73-87.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam University Press: Amsterdam Academic Archive, 2005. Reimpressão.
- BAKER, Colin. **Foundations of bilingual education and bilingualism**. 3 ed. Clevedon: Multilingual Matters, 2001
- BERNIERI, Simone. **Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: Alemão em São Carlos/SC e Italiano em Coronel Freitas/SC**. 2017. 187 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó-SC, 2017.
- BUSSE, Sanimar; SELLA, Aparecida Feola. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. **Signum: estudos da linguagem**, UEL, v.15, 2012. p. 77-93.
- CARDOSO, Suzana. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do Gelne**, UFRN, v. 4, 2016, p.1-16.

CAVALCANTI, Marilda. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **D.e.l.t.a**, São Paulo, v. 15, 1999, p.385-417.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. **La dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

CLYNE, Michael. Multilingualism. *In*: COULMANS, Florian (org). **The Handbook of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 1998.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. **Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias de Montevideo**, ano IV, n.9, outubro de 1952.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís A. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 1984.

CROCI, Federico. A imigração no Brasil. *In*: MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo. RASO, Tommaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 73-21.

DREHER, Martin. Os 180 anos de imigração alemã. *In*: ARENDT, Isabel; WITT, Marcos. **História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã: Teutônia e Westfália/RS**. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 11-31.

EDWARDS, John. Bilingualism and multilingualism: some central concepts. *In*: BHATIA, Tej; RITCHIE, Willian. **The handbook of bilingualism and multilingualism**. 2. ed. Oxford: Wiley-blackwell, 2013. p. 5-26.

FASOLD, Ralph. **La sociolingüística de la sociedad: introducción a la sociolingüística**. Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor libros, 1996.

FERRAZ, Aderlande. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Universidade de São Paulo, v. 9, 2007, p.43-73.

FISHMAN, Joshua. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. *In*: BHATIA, Tej; RITCHIE, Willian. **The handbook of bilingualism and multilingualism**. 2. ed. Oxford: Wiley-blackwell, 2013. p. 466-495.

FRIZZO, Celina. **Manutenção, preservação e perda do bilinguismo: português/guarani/kaingang na terra indígena Guarita/RS**. 2017. 148 f. Dissertação

(Estudos Linguísticos) – Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

GROSJEAN, François. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, François. Individual bilingualism. *In: The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994

GROSJEAN, François. Living with two languages and two cultures. *In: PARASNIS, Ila (org). Cultural and Language Diversity and the Deaf Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 20-37.

GROSJEAN, François. **Studying Bilinguals**. New York: Oxford University Press, 2008.

GUARESCHI, Égide; DIAS, Juciele. Português e Italiano: uma presença que pela língua *non sparisce*. **Ideias: Revista do curso de Letras**, Universidade Federal de Santa Maria, 2006, s/p.

GUMPERZ, John. Verbal Estrategies in Multilingual Communication. **Language-behavior Research Laboratory**. University of California, Berkeley, v. 36, June 1970. p.2-21.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel. **Bilinguality and Bilingualism**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HASSELSTRON, Munick. **Línguas de imigração em contato com o português no Oeste Catarinense: crenças e atitudes linguísticas**. 2017. 149 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó-SC, 2017.

HEYE, Jürgen. Línguas em contato: considerações sobre bilinguismo e bilinguidade. *In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

HORST, Cristiane. **“Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter virsbisa”**. **A dimânica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português no sul do Brasil**. Kiel: Westenseeeverlag, 2011.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014. 232 f. Dissertação (Estudos da Linguagem) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HORST, Cristiane. **"Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa"**. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do Sul do Brasil. Westensee Verlag: Kiel, 2011.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo. Identidade e comportamento étnico linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. **Nonada**, Porto Alegre, nº 24, 2015. p. 173-187

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo; FORNARA, Ana Elizabeht. Estratégias de Manutenção e Revitalização Linguística no Oeste Catarinense. **Organon**, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017.

JANSE, Mark. Language death and language maintenance: problems and prospects. *In*: JANSE, Mark; TOL, Sijmen (org). **Language death and language maintenance: theoretical, practical and descriptive approaches**. 2003, p. 9-17.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemã-italiano-português de Imigrante – RS**. 2004. 131 f. Dissertação (Estudos da Linguagem) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. FAPERGS/UFFS, 2013.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. [1972]

LUZZATTO, Darcy Loss. **TALIAN (Vêneto Brasileiro):** Noções de gramática, história e cultura. Porto Alegre: Sagra - D.C. Luzzatto Editores, 1994.

MACKEY, William. The description of bilingualism. *In*: FISHMAN, Joshua, **Readings in the sociology of language**. 3. ed. The Hague & Paris: Mouton, 1972, p. 554-584.

MARGOTTI, Felício. **A Difusão Sócio-geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil**. 2004. 313 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MATOZO, Drieli. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian: contexto urbano e rural de Chapecó, SC**. 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

MELLO, Heloísa. Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano. *In*: SILVA, Sidney S. (org). **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MEYER, Martina. *Deutsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do hunrückisch rio-grandense em contato com o português*. 2009. 46 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MOZILLO, Izabella. O *code-switching*: fenômeno inerente ao falante bilíngue. *Papia*, Universidade Federal de Pelotas, v. 19, 2009. p.185-200

OLIVEIRA, Gilvan M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. In: Moura e Silva (org). **O direito à fala? A questão do preconceito linguístico**. Florianópolis, Editora Insular, 2000.

OLIVEIRA, Gilvan M. Plurilingüismo no Brasil. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil / IPOL, 2008. p. 3. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001611/161167por.pdf>>. Acessado em 20 de junho de 2018.

OLIVEIRA, Gilvan M. A cooficialização de línguas em nível municipal no Brasil: direitos linguísticos, inclusão e cidadania. In: MORELLO, Rosangela (org.) **Leis e Línguas no Brasil. O processo da cooficialização e suas potencialidades**. Florianópolis: IPOL, 2015.

PAIM, Elison. A. Aspectos da construção histórica da Região Oeste de Santa Catarina. **Seculum - Revista de história**, João Pessoa, 65oa, v.14, jan/jun. 2006.

PERES, Edenize Ponzo. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vênето e o português no Espírito Santo. **(Con)textos linguísticos**, Vitória-ES, v.8, 2014. p. 53-71.

PERES, Edenize Ponzo; COMINOTTI, Katiúscia; DADALTO, Maria Cristina. O contato linguístico entre o vênето e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica. **(Con)textos linguísticos**, Vitória-ES, v. 9, 2015.

PERES, Edenize Ponzo; COMINOTTI, Katiúscia; PARDINHO, Valdete. O ditongo nasal *ão* em São Bento de Urânia (ES). *Papia*, São Paulo, v.28, 2018. p. 83-107.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 19, n. 23, 2014. p. 149-188.

PONSO, Leticia. Situação minoritária, população minorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 42, jan-abr. 2017. p.184-207

POPLACK, Shana. Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en Español: Toward a typology of code-switching. **Linguistics**, v. 18, 1980. p. 581-618. <https://doi.org/10.1515/ling.1980.18.7-8.581>

SALGADO, Ana Claudia Peters. Medidas de bilinguagem: uma proposta. *In*: BARRETTO, Monica M.G. Savedra; SALGADO, Ana C. Peters. **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 141-163.

SANKOFF, Gillian. Linguistic outcomes of language contact. *In*: TRUDGILL, Peter; CHAMBERS, Jack; SCHILLING-ESTES, N. **Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell, 2001. p. 638-668.

SANTOS, Salette Rosa Pezzi. Apontamentos sobre a literatura da imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. *In*: FROSI, Vitalina; MISTURINI, Bruno. **Imigração Italiana Estudos e Pesquisas**. Okos Editora, 2016. p. 139-160.

SAVEDRA, Monica; HEYE, Jurgen. Considerações sobre o bilinguismo. **Caderno de Letras**, Rio de Janeiro, 1993. p.45-48.

SAVEDRA Monica M. Guimarães. Bilinguismo e bilinguagem: uma nova proposta conceitual. *In*: BARRETTO, Monica M.G. Savedra; SALGADO, Ana C. Peters. **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 141-163.

SCHOLTZ, Adriana de Jesus. **Identidade e comportamento linguístico nas comunidades de Virmond e Candió, no Paraná**. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SPESSATTO, Marizete Bortolanza. **Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos na fala de Chapecó**. 2001. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, 2008. p.125-140

RASO, Tommaso. MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. *In*: MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo. RASO, Tommaso (orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-57.

ROMAINE, Suzanne. Bilingualism. *In*: Myers-Scotton (org). **Language in Society**. Oxford: Basil Blackwell, 1989. p. 557-561.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2.ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

ROMAINE, Suzanne. The bilingual and multilingual community. In: BHATIA, Tej; RITCHIE, William. **The handbook of bilingualism and multilingualism**. 2. ed. Oxford: Wiley-blackwell, 2013. p. 445-465.

ROYER, Venida. Colonização, memórias e experiências em Saudades. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 13, nº 11, agosto de 1999, semestral.

THOMASON, Sarah. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos em Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald [orgs.]. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Aktendes Symposiumszurempirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl, 1996. p. 210-269. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica).

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para uma história do português brasileiro**, volume III: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: a study on Uruguayan and Brazilian fronterizo. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Jürgen Erich (orgs) **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyenter, 2010.

UNESCO. *Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas*. Paris, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/LVE_Spanish_EDITED%20FOR%20PUBLICATION.pdf>. Acesso em 08 de agosto de 2019.

VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato - um panorama da pesquisa no Brasil. In: SAVEDRA, Monica; SALGADO, Ana Claudia Peters. **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato**. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. p. 6-17.

VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó, SC: Argos, 2008.

VOGT, Olgário P. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social**. 2006. 435 fl. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006.

WEHRMANN, Clari. **A situação do alemão em Tunapólis e Cunha Porã, Santa Catarina: DIMENSÃO DIARRELIGIOSA**. 2016. 161 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó-SC, 2016.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact, findings and problems**. Linguistic Circle of New York, 1953.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: Marcos Bagno.

WEPIK, Fernanda. **Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC: o uso de termos de parentesco**. 2017. 144 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó-SC, 2017.

WERLANG, Alceu. **A colonização as margens do rio Uruguai no extremo oeste catarinense**. 1991. 236 fl. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: Dissertação de mestrado, 1991.

WOLSCHICK, Isaura. **Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondaí e São João do Oeste-SC**. 2016. 133 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó-SC, 2016.